



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE LITERATURA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

**A MISOGÍNIA MEDIEVAL COMO *RESÍDUO* NA LITERATURA
DE CORDEL**

Anne Caroline Moraes de Assis

Fortaleza – 2010



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE LITERATURA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

**A MISOGINIA MEDIEVAL COMO *RESÍDUO* NA LITERATURA
DE CORDEL**

Anne Caroline Moraes de Assis

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO APRESENTADA AO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS DA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ, COMO
REQUISITO À OBTENÇÃO DO TÍTULO DE MESTRE EM
LETRAS. ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: LITERATURA
COMPARADA.

Orientador: Profa. Dra. Elizabeth Dias Martins.

Fortaleza – 2010

A848m

ASSIS, Anne Caroline Moraes de

A misoginia medieval como resíduo na Literatura de Cordel. – 2010.

138 f.

Orientadora: Elizabeth Dias Martins.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-Graduação em Letras, 2010.

Bibliografia: f. 129-138.

1. Literatura de Cordel; 2. Idade Média; 3. Misoginia.

CDD 398.209

ANNE CAROLINE MORAES DE ASSIS

**A MISOGINIA MEDIEVAL COMO RESÍDUO NA LITERATURA DE
CORDEL**

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO APRESENTADA AO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS DA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ, COMO
REQUISITO À OBTENÇÃO DO TÍTULO DE MESTRE EM
LETRAS. ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: LITERATURA
COMPARADA.

Aprovada em 17 de agosto de 2010.

BANCA EXAMINADORA

Orientadora

PROFA. DRA. ELIZABETH DIAS MARTINS
UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ

PROF. DR. FRANCISCO AGILEU DE LIMA GADELHA
UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ

PROF. DR. MARCELO ALMEIDA PELOGGIO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ

FORTALEZA – CEARÁ
2010

Dedico este trabalho a minha mãe, pelo incondicional apoio e estímulo às minhas conquistas pessoais e profissionais.

A Daniel, pela cumplicidade, pelo companheirismo e pela paciência, sempre.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por todas as conquistas, principalmente as que vieram depois de muitos obstáculos.

À professora Elizabeth Dias Martins, orientadora deste trabalho, pelo direcionamento e pelo estímulo.

A CAPES, pela bolsa de estudo concedida durante o mestrado.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em letras pelo conhecimento compartilhado.

As minhas sobrinhas pelo incentivo inconsciente em cada sorriso.

Aos amigos Patrícia, Kall, Jane, Luidi, Arlene e Carol Aquino, pelo apoio, pelas palavras de estímulo nas horas difíceis, pelas sugestões, pelas revisões, pelas discussões e pelos livros emprestados.

E, finalmente, a todos que contribuíram de forma direta ou indireta para a realização deste trabalho.

Desde sempre, em toda parte, tem-se medo do feminino, do mistério da fecundidade e da maternidade, "santuário estranho", fonte de tabus, ritos e terrores. "Mal magnífico, prazer funesto, venenosa e enganadora, a mulher é acusada pelo outro sexo de haver trazido sobre a terra o pecado, a infelicidade e a morte." Terror de sua fisiológica cíclica, lunática, asco de suas secreções sangrentas e do líquido amniótico, úmida e cheia de odores, ser impuro, para sempre manchada: Lilith, transgressora lua negra, liberdade vermelha nos véus de Salambô. Rainha da Noite vencida por Sarastro. Perigosa portadora de todos os males, Eva e Pandora; devoradora dos filhos paridos de sua carne, Medéia e Amazona; lasciva, "vagina denteada" ou cheia de serpentes, o que Freud chamou medo da castração e que em todas as culturas é assim representado. Fonte da vida. fertilidade sagrada, mas também noturnas entranhas: "Essa noite, na qual o homem se sente ameaçado de submergir e que é o avesso da fecundidade, o apavora", o medo ancestral do Segundo Sexo. Que fez crer impossível a amizade nas e das mulheres e tudo faz para impedi-la. Perdição dos que se deixam enfeitiçar pelo poço sem fundo e lago profundo - Morgana, Circe, Lorelei, Uiara, Iemanjá. Deusa da sabedoria e da caça, imaculada conceição e encarnação de Satã, a proliferação das imagens femininas, medusa, hidra e fênix, é, para usarmos noutro contexto a expressão de Walnice Galvão, o sumidouro das "formas do falso". Capitu. Diadorim.

RESUMO

A ideia da inferiorização da mulher tem sido disseminada nas civilizações orientais e ocidentais. Tal concepção atingiu o seu ápice na Idade Média, sobretudo, durante os séculos XIII e XIV, quando a Igreja Católica controlava com severidade a vida social e religiosa dos cristãos – em especial da mulher – respaldada nos dogmas religiosos através da Inquisição. Essa *mentalidade* misógina ganhou força e adeptos e perdurou pelos séculos subsequentes, sendo *residual* na literatura de cordel contemporânea e perceptível através da vivência, do vocabulário e das expressões usadas pelos cordelistas para descrever e retratar a mulher. O discurso literário de caráter popular também denota uma relação de poder velada, na qual a mulher é rotulada de inferior e de pecadora. Cristalizado ao longo dos séculos, este pensamento chegou à contemporaneidade ocorrendo nas manifestações literárias. Como a sociedade nordestina é, em grande parte, patriarcal e machista em suas raízes culturais, os quais são refletidos e percebidos na produção da literatura popular em verso, quando os cordelistas constroem suas narrativas a partir de elementos sociais, culturais e religiosos, os quais remontam, geralmente, ao pensamento da Idade Média. Pretende-se com este trabalho identificar, a partir da leitura e da análise de cordéis, a moral misógina e a construção das personagens femininas como *resíduos* dessa *mentalidade* herdada do medievo, presentes nas narrativas populares. Para tanto, a Teoria da *Residualidade*, bem como os seus conceitos correlatos, a saber: *Residualidade*, *Cristalização*, *Mentalidade* e *Hibridismo Cultural*, é a base condutora dessas análises. Após a análise dos cordéis, ficou claro que os termos e as expressões, bem como a moral religiosa, referentes ao universo feminino reforçam e confirmam o pensamento dos clérigos medievais de que a origem do mal está na mulher, na sua essência. Nesse contexto, o cordel configura-se como um instrumento de manutenção da ordem social e da preservação da moral e dos bons costumes, segundo a mentalidade cristã.

Palavras- chave: Idade Média, misoginia, Residualidade e cordel.

ABSTRACT

The inferiority's idea of women has been widespread in eastern and western civilizations. This design reached its apex in the Middle Ages, especially during the thirteenth and fourteenth centuries, when the Catholic Church severally controlled the social and religious life of Christians - especially women - backed by the religious tenets through the Inquisition. That *mentality* misogynist supporters and gained strength and continued by subsequent centuries, being in the residual pulp fiction and contemporary perceptible through the experience, vocabulary and expressions used by *cordelistas* to describe and portray women. The popular character of literary discourse also denotes a relationship of power veiled in which the woman is labeled as inferior and sinful. *Crystallized* over the centuries, this thought came to the events taking place in contemporary literature. The Brazil's northeast is largely patriarchal and sexist in its cultural roots, which are observed in the production of popular literature in verse, when the *cordelistas* construct their narratives from the social, cultural and religious, which back, usually at the thought of the Middle Ages. The aim of this work was to identify, from the reading and analysis of cordage, misogynist morality and the construction of the female characters such as waste *mentality* inherited from the Middle Ages, found in popular narratives. Therefore, the *Teoria da Residualidade*, and its related concepts, namely: *Residual*, *Cristalização*, *Mentalidade* and *Hibridação Cultural* is the basis of this analysis. After analyzing the *cordéis*, it was clear that the terms and expressions, as well as religious morality, referring to the feminine reinforce and confirm the thinking of medieval clerics that the origin of evil lies with the woman, in essence. In this context, the line appears as an instrument for maintaining social order and the preservation of morals and morality, according to the Christian mentality.

Keywords: Middle Age, misogyne, *Residualidade* and *cordel*.

RESUMÉ

Il y a longtemps que l'idée d'infériorité féminine est présente dans les sociétés occidentales et orientales. Cette conception a été plus forte dans le Moyen Âge, principalement dans les siècles XIII et XIV, car l'église catholique contrôlait sévèrement la vie sociale et religieuse des chrétiens – avec beaucoup plus d'attention aux femmes, soutenue par les dogmes de la religion à travers l'Inquisition. Cette *mentalité* misogyne devient plus forte et continue par les siècles suivants, ce qui démontre l'aspect *residual* des représentations des femmes dans la littérature contemporaine, le *cordel*, perceptible à travers les expériences, le vocabulaire et les expressions utilisés par les *cordelistas* pour décrire et représenter la femme. Le discours littéraire populaire aussi démontre une relation de pouvoir voilé, dans laquelle la femme est pécheur et inférieure aux hommes. *Cristallisé* durant les siècles, cette pensée arrive aux manifestations littéraires contemporaines. Comme la société du nord-est du Brésil est, en majorité, patriarcaliste et machiste au cœur de la culture, ces idées sont aperçues dans la production de la littérature populaire en vers, principalement à cause de la construction des récits à partir des éléments sociaux, culturels et religieux qui s'adressent au Moyen Âge. L'objectif de cette recherche est d'identifier, à travers les lectures et l'analyse des *cordéis*, la morale misogyne et la construction des caractères féminins comme *resíduos* de cette *mentalité* héritée de la période médiévale, présentes dans les récits populaires. La *Teoria da residualidade* sera la base des analyses, à savoir ces concepts : *Residualidade, Cristalização, Mentalidade, e Hibridismo Cultural*. Après les lectures des *cordéis*, les termes, les expressions, la morale religieuse, référents aux femmes, ont démontré que la pensée médiévale des clercs, sur la femme comme l'origine du mal, est bien renforcée par ces récits. Donc, le *cordel* du nord-est du Brésil peut être classé comme instrument de maintien de l'ordre social et de préservation de la morale, selon la *mentalité* chrétienne.

Mots-clé : Moyen Âge, misogynie, *Residualidade* et *cordel*.

A MISOGINIA MEDIEVAL COMO *RESÍDUO* NA LITERATURA DE CORDEL

SUMÁRIO

Introdução.....	01
1. A presença do feminino na historiografia: da Antiguidade à Idade Média.....	13
1.1. A mulher no Brasil colônia.....	23
1.2. A boa esposa e a adúltera: entre “Ave e Eva”.....	32
2. A mulher como princípio do mal: da Idade Média à Literatura de cordel	40
2.1. A diabolização do feminino: sexo, luxúria e sedução	44
2.2. A mulher entre as minorias medievais, segundo a concepção cristã.....	65
3. A filosofia do pensamento misógino cristão: Santo Agostinho e São Tomás de Aquino	93
3.1. A misoginia no cordel contemporâneo: o discurso e as questões misóginas.....	102
3.2. A <i>virago</i> na literatura de cordel.....	109
Considerações Finais.....	123
Referências bibliográficas.....	129

INTRODUÇÃO

“A misoginia medieval como *resíduo* na literatura de cordel” surgiu de uma curiosidade, de uma inquietação sobre o modo de tratar a mulher na escrita do poeta popular. Ainda na feitura do relatório de pesquisa “O que se diz e como se pensa o sexo, a mulher e a traição na literatura de cordel”, vinculado ao projeto de pesquisa “Para além do mal em si: das fontes aos resíduos contemporâneos”, orientada pela Prof^a Dr^a Elizabeth Dias Martins, a leitura de vários cordéis chamou nossa atenção para o estigma que girava em torno da personagem feminina: origem de todo o mal. Ela é considerada culpada por todos os danos, a falha matrimonial, o desvio de conduta do marido, a promoção da prostituição e a agressão aos preceitos sociais e religiosos.

Ao partir para a pesquisa da origem desse comportamento, fui orientada a buscá-la na Idade Média, período do qual se herdou matrizes sociais, morais e principalmente religiosas. Comecei minha pesquisa pela *Bíblia*. Pesquisei sobre a história do matrimônio, do adultério e da mulher. Tudo convergia para a mesma resposta: a mulher era responsável pelos males à humanidade e deveria ser submissa e vigiada. Ainda nas fontes primárias, tive acesso ao *Malleus Malleficarum*, um manual para inquisidores, cujas considerações sobre a mulher convergem para culpá-la e inferiorizá-la.

Esse pensamento pode ser identificado, com frequência, nos cordéis cujo tema era a traição ou o adultério. Neles, impreterivelmente, o adúltero era cometido pela mulher. A Literatura de cordel tem a sua origem no romanceiro popular português. Aqui no Brasil, ela começou a ser divulgada nos séculos XVI e XVII, trazida pelos colonos portugueses. A partir do século XIX, o romanceiro nordestino, num processo de absorção *híbrida*, torna-se uma expressão literária cristalizada, ou seja, adaptada ao novo ambiente, porém conservando traços do romanceiro português.

A herança cristã na tradição ocidental apresenta a mulher como portadora do mal, portanto lhe são conferidos: o medo e a culpa. A cultura ocidental patriarcal que, durante séculos, tem dado ao homem o poder sobre as suas propriedades e, entre elas, a da mulher, considera natural a inferioridade e a fraqueza feminina.

Entretanto, a mulher tem a sua imagem ligada ao mal antes do medievo, havendo elementos deste fenômeno já na Antiguidade Clássica. Tal concepção atingiu o seu ápice na Idade Média, quando a Igreja Católica controlava, com severidade, a vida

social e religiosa dos cristãos – em especial da mulher – respaldada no poder da Inquisição, principal órgão utilizado pela Igreja para perseguir e punir aqueles que iam de encontro às suas ideias e aos seus dogmas. Essa *mentalidade* misógina ganhou força e adeptos perdurando pelos séculos subsequentes, sendo *residual* na literatura de cordel contemporânea e perceptível através do vocabulário e das expressões usadas pelos cordelistas para descrever e retratar a mulher. Pode-se perceber que esse discurso literário de caráter popular denota uma relação de poder velada, na qual a mulher é rebaixada, vítima da repugnância.

A misoginia – ou a recusa ao feminino e a tudo que venha dele – não foi uma invenção da Igreja Medieval, mas uma apropriação de ideias e modos de ser que já circulavam no mundo antigo. Ela é incorporada ao pensamento cristão e percorrerá séculos na história humana, constituindo-se como elemento formador da suposta inferioridade feminina.

Por isso, a partir da Teoria da *Residualidade*¹, será objetivo desse trabalho identificar, a partir da verificação de *resíduos*, elementos da mentalidade medieval na cultura e na literatura do Nordeste brasileiro contemporâneo. Essa teoria diz respeito, essencialmente, à *remanescência* de elementos culturais e, especificamente nesse caso, sociais e religiosos, de uma determinada época em outra, transmitida através dos tempos e identificada no modo de agir, de pensar e de viver de um povo. Nas palavras do sistematizador da teoria:

O conceito “Cultura Residual” ou “Residualidade Cultural” é novo no que tange aos estudos literários (história, teoria, crítica e ensaística). Refere-se à remanescência em culturas novas de expressões, costumes e padrões de uma cultura mais velha que a esta venha ligar-se seja através do processo civilizatório, seja através de relações de dominâncias econômicas, sociais e / ou culturais.²

A referida teoria trabalha em “terreno próprio”, como afirma Roberto Pontes³, mas encontra respaldo em vários lindes, como a História, a Sociologia, a Antropologia a Sociologia, a Geologia e ainda a Estética e a Fenomenologia. Conta também com o

¹ A referida teoria ainda não está completamente sistematizada. Por enquanto, o corpus que fundamenta a *Residualidade* são estudos – artigos, ensaios, entrevistas e dissertações- do professor Dr. Roberto Pontes e de seus pesquisadores.

² PONTES, Roberto. “Residualidade e mentalidade trovadorescas no romance de Clara Menina”. In: III Encontro Internacional de Estudos Medievais da Associação Brasileira de Estudos Medievais – ABREM, 2001, Rio de Janeiro. Atas do III Encontro Internacional de Estudos Medievais. Rio de Janeiro : Ágora da Ilha, 1999. p. 513-516.

³ PONTES, Roberto. “Lindes disciplinares da teoria da residualidade”.

embasamento de autores europeus como Fustel de Coulanges e Ernst Robert Curtius, além de Segismundo Spina, Ariano Suassuna e Darcy Ribeiro.

No cerne da *Residualidade* está o conceito de *mentalidade*. Para uma melhor compreensão da teoria, faz-se necessário entender também a gênese do estudo das mentalidades, que tiveram início a partir dos estudos de Lucien Febvre e Marc Bloch, juntamente com Jacques Le Goff e Georges Duby com a *École des Annales*, a qual foi de suma relevância para o estabelecimento da *Nouvelle Histoire* francesa. O que propõe a *École des Annales* é um olhar mais atento e profundo acerca de certos aspectos, até então desconsiderados por muitos estudiosos, como os hábitos, os costumes, a religião e as crenças populares que compõem as mentalidades, como confirma Duby:

De maneira mais insistente, Febvre exortava-nos a escrever a história das “sensibilidades”, a dos odores, dos medos, dos sistemas de valor, e seu *Rabelais* demonstrava magistralmente que cada época tem sua própria visão do mundo, que as maneiras de sentir e pensar variam com o tempo e que, conseqüentemente, o historiador deve procurar defender-se tanto quanto possível das suas, sob pena de nada compreender. Febvre propunha-nos um novo objeto de estudo, as “mentalidades”. Era o termo que ele empregava. Nós o retomamos⁴.

O que Lucien Febvre queria era conclamar uma nova *mentalidade* no exercício de “explicar” a história; advertia para que os historiadores, além dos fatores econômicos, levassem também em conta questões de ordem da natureza e da cultura.

A história das mentalidades, segundo Michel Vovelle, em seus primórdios, situava-se essencialmente no nível da cultura e do pensamento claro, mas houve uma ampliação do olhar dos historiadores para uma história das atitudes, dos comportamentos e das representações coletivas inconscientes. Segundo ele, “a *mentalidade* remete, portanto, de modo privilegiado à lembrança, à memória, às formas de resistências. Em resumo, aponta aquilo que se tornou corrente definir como ‘a força da inércia das estruturas mentais’”⁵, ou seja, a *mentalidade* é depositária do que se convencionou chamar *resíduo*.

Então, a conjuntura ideológica de determinado período histórico identificado pelo modo de viver e de pensar de um povo é o que se entende por *mentalidade*, a qual parte do individual para o coletivo, como pontuou Le Goff: “Situa-se no ponto de

⁴ DUBY, Georges. **A história continua**. Tradução de Clóvis Marques. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1993, p. 87-88.

⁵ VOVELLE, Michel. **Ideologias e mentalidades**. Tradução Maria Julia Goldwasser. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1987, p. 19.

junção do individual e do coletivo, ao longo do tempo e do cotidiano, do inconsciente e do intelectual, do estrutural e do conjuntural, do marginal e do geral”⁶.

Roberto Pontes esclarece e explica o conceito de mentalidade que para ele,

tem a ver não só com aquilo que a pessoa de um determinado momento pensa. Mas um indivíduo e mais outro indivíduo e mais outro indivíduo, a soma de várias individualidades, redonda numa mentalidade coletiva. E essa mentalidade coletiva é transmitida através da História. Por meio da mentalidade dos indivíduos, a mentalidade coletiva se constrói. E esta última é transmitida desde épocas remotas, e mesmo remotíssimas a épocas recentes. [...] Através do que podemos considerar vestígios, remanescências, resíduos encontráveis nas obras da cultura espiritual e material dos povos. Porque é através da cultura material que chegamos a compor um painel da cultura espiritual dos povos. Cultura espiritual aqui no sentido de conjunto de ideias, conjunto ideológico de um momento. É este o conceito que fazemos de mentalidade⁷.

Para apreender o conceito de *mentalidade*, é preciso conhecer também a definição de memória coletiva, que diz respeito ao mesmo pensamento compartilhado por várias pessoas acerca de um mesmo assunto, independente de tempo e de distância, ou seja, é a perpetuação do senso comum. Segundo Maurice Halbwachs,

memória coletiva é o processo social de reconstrução do passado vivido e experimentado por um determinado grupo, comunidade ou sociedade. Este passado vivido é distinto da história, a qual se refere mais a fatos e eventos registrados, como dados e feitos, independentemente destes terem sido sentidos e experimentados por alguém⁸.

A compreensão da teoria exige uma explanação acerca dos conceitos operativos que a compõem. *Resíduo* é aquilo que permaneceu de uma época em outra, forte o suficiente para se cristalizar em um novo momento, numa nova obra, em uma nova cultura. Ele é dotado de extremo vigor. Não se confunde com o antigo, o arcaico na explicação de Raymond Williams:

Por “residual” quero dizer alguma coisa diferente ao “arcaico”, embora na prática seja difícil, com frequência, distingui-los. [...] Eu chamaria de “arcaico” aquilo que é totalmente reconhecido como um elemento do passado, a ser observado, examinado, ou mesmo, ocasionalmente, a ser “revivido” de maneira consciente, de uma forma deliberadamente especializante. O que entendo pelo “residual” é muito diferente. O residual,

⁶ LE GOFF, Jacques. **A civilização do ocidente medieval**. Lisboa: Estampa, 1983. Pág. 71.

⁷ MOREIRA, Rubenita Alves. “Reflexões sobre a residualidade. Entrevista com Roberto Pontes”. Comunicação apresentada na jornada literária “A residualidade ao alcance de todos”. Departamento de Literatura da Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, julho de 2006.

⁸ HALBWACHS, Maurice. **Fragmentos da la Memoria Colectiva**. Seleção e tradução de Miguel Angel Aguilar. (texto em espanhol). Universidad Autónoma Meropolitana-Iztapalapa. Licenciatura em Psicologia Social. Publicado originalmente em Revista de Cultura Psicológica, Año 1, Número 1, México: UNAM- Facultad de psicología, 1991.

por definição, foi efetivamente formado no passado, mas como um elemento vivo do presente⁹.

Como o *resíduo* está em constante transformação, ele nos remete a outro conceito: a *cristalização*, procedimento pelo qual o remanescente passa, para que seja modificado e recriado. Nas palavras de Roberto Pontes, é um “processo de refinamento (como acontece com o mel da cana ao se transformar em açúcar) de uma determinada cultura, que vai se afastando daquilo que entendemos por popular e se aproximando do que pensamos ser erudito”¹⁰. “[...] O nível da cristalização apropria o material gerado pelas camadas dominantes do povo e a obra daí surgida já é de nível culto, semi-clássica ou clássica, processo pelo qual se constrói um repertório de raízes na memória coletiva nacional [...]”¹¹.

Embora este termo pertença a outras áreas de estudo, na *Residualidade*, ela é reconfigurada. A ocorrência da *Residualidade* só é possível a partir do processo de cristalização, cuja realização se dá com base nos *resíduos*, naquilo que fica de mais relevante, mas estes são atualizados e modificados. O resultado é o surgimento de uma obra que apresenta elementos recriados de outra época em outra. Sobre este processo DUBY esclarece que:

Com efeito, nós começávamos convencidos de que no interior de “uma mesma sociedade” não existia apenas um “resíduo”. Ou pelo menos que este resíduo não apresenta a mesma consistência nos diversos meios ou estratos de que se compõe uma formação social. E, sobretudo, recusávamos-nos a aceitar como “estável” este resíduo, ou antes estes resíduos (fazíamos questão do plural). Eles se modificam ao longo das eras¹².

Dessa forma, os *resíduos*, de acordo com Halbwachs, são como as lembranças, que persistem na memória coletiva a partir do processo de *cristalização*, uma vez que se adaptam ao espaço e ao tempo em que são trazidas à tona. Como se vê nas palavras do estudioso:

Se o que vemos hoje tivesse que tomar lugar dentro do quadro de nossas lembranças antigas, inversamente essas lembranças se adaptariam ao

⁹ WILLIAMS, Raymond. **Marxismo e Literatura**. Tradução de Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Zahar editora, 1979, p. 125.

¹⁰ PONTES, Roberto. **Poesia Insubmissa Afrobrasilusa**. Rio de Janeiro / Fortaleza: Oficina do Autor / Edições UFC, 1999.

¹¹ PONTES, Roberto. “Três modos de tratar a memória coletiva nacional”. In: *Literatura e Memória Cultural – ANAIS do 2º Congresso da Associação Brasileira de Literatura Comparada vol. II*. Belo Horizonte, 1991.

¹² DUBY, Georges. **A história continua**. Tradução de Clóvis Marques. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1993, p. 87-88.

conjunto de nossas percepções atuais. Tudo se passa como se confrontássemos vários depoimentos.¹³

A miscelânea de várias *mentalidades* redundando na definição de *hibridismo cultural*, outro elemento importante para a teoria. Segundo Peter Burke, ele se faz presente “não apenas em todo o globo como na maioria dos domínios da cultura – religiões, [...] na arquitetura, na literatura ou na música¹⁴”. Roberto Pontes explica melhor esse processo ao afirmar que

hibridação cultural é uma expressão usada para explicar que as culturas não andam cada qual por um caminho, sem contato com as outras. Ou seja, não percorrem veredas numa única direção. São rumos convergentes. São caminhos que se encontram, se fecundam, se multiplicam, proliferam¹⁵.

Portanto, a residualidade, nas palavras de Elizabeth Dias Martins, caracteriza-se:

[...] por aquilo que resta, que remanesce de um tempo em outro, podendo significar a presença de *atitudes mentais* arraigadas no passado próximo ou distante, como também diz respeito aos *resíduos* indicadores de futuro. Este último é o caso de artistas que, independente da estética a qual pertençam, incluem em suas obras uma linguagem precursora, os quais são comumente chamados de artistas do *avant la lettre*, mas a *residualidade* não se restringe ao fator tempo; abrange igualmente a categoria espaço, que nos possibilita identificar também a *hibridação cultural* no que toca a crenças e costumes.¹⁶

Quando se analisa uma obra de arte literária, é possível identificar elementos *remanescentes* de uma época anterior ou posterior a essa produção, bem como os substratos mentais perceptíveis nos cordéis. Os resquícios mentais do medievo estão *crystalizados* nos livrinhos analisados, sendo possível perceber a misoginia através do discurso e do vocabulário empregados pelo cordelista, bem como as relações de poder que fundamentam, de acordo com o pensamento cristão medieval, a inferiorização e a demonização da mulher.

O texto literário configura-se como fonte não só relevante, mas indispensável para o estudo das mentalidades. O que fica claro nas palavras de Vovelle:

O primeiro meio é tomá-los [os textos literários] bem ingenuamente como testemunhos elementares de uma realidade social vivida, de uma prática a respeito da qual eles nos trazem, inocentemente ou não, dados que seria

¹³ HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990. p.25.

¹⁴ BURKE, Peter. **Hibridismo cultural**. Tradução de Leila Souza Mendes. São Leopoldo: Editora UNISINOS, 2006, p. 23.

¹⁵ MOREIRA, Rubenita Alves. Op. cit.

¹⁶ MARTINS, Elizabeth Dias. “O caráter afrobrasílico, residual e medieval no Auto da Compadecida”. In: IV Encontro Internacional de Estudos Medievais, 2003, Belo Horizonte. Anais do IV Encontro Internacional de Estudos Medievais. Belo Horizonte: PUC-Minas, 2001. p. 517-522.

difícil obter de outras fontes. [...] A longo prazo, que muitos concordam em reconhecer como o tempo próprio da história das mentalidades, a literatura veicula as imagens, os clichês, as lembranças e as heranças, as produções sem cessar distorcidas e reutilizadas do imaginário coletivo. Não chegamos a falar nem do conto nem da lenda, mas é evidente que toda mitologia passa por uma expressão literária¹⁷.

Dessa forma, a literatura de cordel, tratada por Vovelle como testemunho, funciona também como fonte de investigação e de preservação da cultura popular, uma vez que registra a vivência, os usos, os costumes e as crenças de uma dada comunidade – aqui, a sociedade nordestina. Isso é possível devido à riqueza de detalhes, de informações que as fontes literárias permitem vislumbrar, visto a importância do registro literário.

É importante esclarecer que *Residualidade* é diferente de *Intertextualidade*¹⁸. Esta acontece no plano do texto, pautada na escrita, é o dialogismo, como definiu Mikhail Bakhtin¹⁹. Já a *Residualidade* acontece no plano da *mentalidade*, que se vale do senso comum e pode acontecer inconscientemente ou não: é a assimilação, gratuita e despretensiosa, de algo que remanesce de uma época para a outra, forte o suficiente para dar origem a uma nova obra; a uma nova cultura.

A misoginia não é uma invenção, mas um fato histórico. Toda a simbologia que nos fala da expulsão do homem e da mulher do paraíso traz para a humanidade a perda da condição divina, essencialmente ligada à mulher, a nódoa do pecado, porque foi ela que se entregou ao demônio. Pecadora, ela terá de se redimir na submissão e resignação.

Submissão e situações diabólicas nortearão a vida da mulher, construindo a sua satanização na história, prolongando-se até os dias atuais. Será a “Porta do Diabo” porque foi ela que tocou a árvore de Satã e quem primeiro violou a Lei Divina.

Desse modo, as mulheres praticamente ficaram à margem da sociedade, marginalizadas. Para o sistema patriarcal, que tinha como uma de suas ações a desvalorização prática e simbólica da mulher, o prestígio masculino e sua identidade eram reconhecidos e cada vez mais valorizados.

¹⁷ VOVELLE, Michel. Op. cit., p. 55-63.

¹⁸ Essa terminologia foi proposta por Julia Kristeva, em 1969, sob influência do dialogismo de Bakhtin. Sobre este assunto ler: KRISTEVA, Julia. **Introdução à semanálise**. Tradução de Lúcia Helena França Ferraz. São Paulo: Perspectiva, 1974.

¹⁹ BARROS, Diana Luz Pessoa de; FIORIN, José Luiz (Orgs). **Dialogismo, polifonia, intertextualidade: Em torno de Bakhtin**. São Paulo: Edusp, 1994. (Coleção Ensaios de Cultura).

“É a lei da natureza que a mulher deva ser mantida sob o domínio do homem (...) tal é a imbecilidade da mulher que é seu dever, em todos os aspectos, desconfiar de si própria e obedecer ao marido”, afirmava Confúcio (551 – 479 a. C).

A Bíblia constitui-se como uma fonte literária e histórica, onde é possível ter acesso ao pensamento e a aspectos das épocas nas quais foi escrita e reescrita. Também é documento oficial da Igreja, através do qual a doutrina da Instituição é veiculada. Deste modo, dar relevância a elementos bíblicos significa evidenciar a misoginia, pois há, *grosso modo*, elementos essenciais que prescrevem a forma de pensar cristã sobre o gênero feminino: o modo como o deus cristão criou a mulher e as figuras de Eva e de Maria. A mulher conviverá no desenvolvimento do cristianismo com a auréola do mal, o retrato do negativo, o “Portão do Diabo”.

Entretanto, ela é candidata à salvação: Maria torna-se exemplo. Virgem e mãe, pura e protetora. A mulher só supera sua natureza maligna, esforçando-se para o perdão, com dedicação e submissão. Cipriano (208-258) louva uma mulher chamada Bona “que foi arrastada por seu marido ao sacrifício e que não poluiu sua consciência; mas mostrou determinação heroica até o fim²⁰”. A redenção pode vir pelo sacrifício.

Na cultura judaico-cristã a mulher é, geralmente, apresentada como símbolo de carne, sexo e nudez. Tais elementos condenáveis são remetidos ao “pecado original”. Alguns Santos da Igreja Católica condenam a mulher como se ela representasse um poderoso instrumento do diabo. Segundo São Tomás de Aquino (1225 – 1274): “O homem está acima da mulher, como Cristo está acima do homem. É um estado de coisas imutáveis que a mulher esteja destinada a viver sob a influência do homem”²¹.

Ao longo da Idade Média, houve uma metamorfose na concepção da mulher. São Paulo (5-6), na primeira Carta aos Coríntios, diz que, “as mulheres devem calar na assembleia, pois não lhes é permitido falar...”²². Na primeira Carta a Timóteo, ele repete e amplia o seu pensamento discriminador: “A mulher deve aprender em silêncio e ser submissa - Não admitido que a mulher dê lições ou ordens ao homem. Esteja calada, pois, Adão foi criado primeiro e Eva depois. Adão não foi seduzido pela serpente ; a mulher foi e cometeu a transgressão”²³. Por isso, essa afirmação, nos séculos X e XI, é

²⁰ Me Namara apud BLOCH, Howard R. **Misoginia Medieval: e a invenção do amor romântico** ocidental. Tradução de Cláudia Moraes. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995, p. 91.

²¹ Santo Tomás de Aquino. **Suma Teológica**. VOL II. São Paulo: Edições Loyola Edição bilíngue, 2002, 1.92.1 p 611.

²² Coríntios 14: 34-35.

²³ Timóteo 2: 11-14.

repetida pela maioria dos religiosos. Marbode (sec. XI), bispo de Rennes, considerava a mulher como "a pior das armadilhas preparadas pelo inimigo", "A raiz do mal, fruto de todos os vícios"²⁴. Já Godofredo (+ 1123), Bispo de Vandoma dizia que:

Este sexo envenenou o nosso primeiro pai, que era também o seu marido e pai, estrangulou João Batista, entregou o corajoso Sansão à morte. De certa maneira, também, matou o Salvador, por que, se a sua falta o não tivesse exigido, o nosso Salvador não teria tido necessidade de morrer. Desgraçado sexo em que não há nem temor, nem bondade, nem amizade e que é mais de temer quando é amado do que quando é odiado²⁵.

Desde a Idade Média ao início da Idade Moderna, Jean Delumeau, ao trabalhar o medo masculino da mulher, argumenta que ela, vista como agente de Satã, leva do medo espontâneo ao medo refletido, julgada por homens de Igreja e juizes leigos. O medo do poder feminino é exaltado na história humana e justifica a aversão para com a mulher. O medo da mulher, afirma o teórico:

não é uma invenção dos ascetas cristãos. Mas, é verdade que o cristianismo muito cedo o integrou e em seguida agitou esse espantinho até o limiar do século XX [...] na história a mulher se apresenta com uma ambiguidade fundamental, especialmente expressa pelo culto das deusas mães. A terra mãe é o ventre nutridor, mas também o reino dos mortos sob o solo ou na água profunda... É como essas urnas cretenses que continham as cinzas dos defuntos [...] São daí, as múltiplas lendas e representações de monstros fêmeas [...] a mãe ogra (Medéia é uma delas) é um personagem tão universal e tão antigo quanto o próprio canibalismo, tão antigo quanto a humanidade [...] a deusa hindu, Kali mãe do mundo (...) a destruidora e criadora (...) a deusa perigosa à quem é preciso sacrificar todos os anos milhares de animais [...] espalha cegamente as pestes, a fome, as guerras, a poeira e o calor opressivo.²⁶

É difícil determinar quando o cristianismo tornou-se dividido entre as possibilidades da salvação e do prazer e, ao mesmo tempo, entre atitudes de igualdade sexual versus a subordinação da mulher ao homem. Com efeito, é praticamente impossível dizer o momento preciso em que o sexo foi "identificado como algo intrinsecamente mau e como o elemento controlador da moralidade"²⁷.

O ascetismo cristão não se dissocia da tradição pagã, oriental, hebraica, helênica e romana. O Livro de Henoch, o Livro de Jubileus e o Testamento de Rubem, entre os

²⁴ DALARUM, Jacques. Olhares de clérigos. In: KLAPISCH-LUBER, Christiane. **História das mulheres no ocidente: a Idade Média**. Porto: Afrontamento, 1993,2v. p. 34-38.

²⁵ Ibidem. p. 34-38.

²⁶ DELUMEAU, Jean. **História do medo no Ocidente - 1300-1800**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, p.314.

²⁷ BLOCH, Howard R. Op. cit.. p. 93.

Testamentos dos Doze Patriarcas, associam a mulher ao adorno, luxúria, sedução, fornicação e prostituição²⁸.

Há diversos tipos de discurso de legitimação da desigualdade de gênero. A mitologia é talvez o mais antigo. Por exemplo, na Grécia, os mitos contavam que, devido à curiosidade própria de seu sexo, Pandora tinha aberto a caixa de todos os males do mundo e, em consequência, as mulheres eram responsáveis por haver desencadeado todo tipo de desgraça.

A religião é outro dos discursos de legitimação mais importantes. As grandes religiões têm justificado, ao longo dos tempos, os âmbitos e condutas próprios de cada sexo. Na tradição judaico-cristã, o relato da expulsão do Paraíso tem essa função. Eva é a Pandora judaico-cristã porque, devido ao seu pecado, a humanidade foi desterrada do Paraíso.

Embora, muitas vezes, a mulher tenha sido desprezada na história da filosofia, o tema “mulher” foi abordado por muitos pensadores. Textos de importantes filósofos, como Platão (428 – 347 a. C), Aristóteles (348 – 322 a. C) e Kant (1724 – 1804), retratam a diferenciação entre os sexos, tentando demonstrar uma suposta inferioridade natural da mulher. Todavia, é preciso ter presente que as abordagens sobre a mulher encontram-se numa história da filosofia que foi escrita por homens.

Esses discursos misóginos legitimam a ordem estabelecida, justificam a hierarquização dos homens e do masculino e das mulheres e do feminino em cada sociedade determinada. São sistemas de crenças que especificam o que é característico de um e outro sexo e, a partir daí, determinam os direitos, os espaços, as atividades e as condutas próprias de cada sexo.

Propõe-se, portanto, uma reflexão à volta da forma como estes dois modelos cristãos da mulher têm contribuído para a difusão de imagens tipificadas do gênero feminino - através da acentuação da ligação de Eva ao pecado e de Maria ao divino -, explorando a vertente dicotômica nestes paradigmas do feminino que têm origens no Cristianismo.

Tendo em vista essa consciente apropriação da misoginia pela Igreja no mundo medieval e o acúmulo cultural e ideológico que esse procedimento aporta à atualidade, torna-se relevante refletir, com base em textos da literatura de então, sobre o elemento misógino na literatura popular em verso.

²⁸ Idem.

A proposta deste trabalho é identificar, a partir da leitura e da análise de cordéis, a misoginia, a partir de resíduos dessa *mentalidade* herdada do medievo, presentes nessas narrativas populares.

Tal associação foi possível a partir da percepção de semelhanças entre o comportamento das personagens dos livrinhos e a representação da mulher medieval. A distância cronológica foi outro fator que chamou a atenção e estimulou o estudo que se segue.

O Trabalho está dividido em três capítulos. O primeiro “A presença da mulher na historiografia: da Antiguidade à Idade Média” mostra como se deu a formação da mentalidade antifeminina, baseada, sobretudo, no discurso e em obras de escritores gregos, os quais influenciaram diretamente os pais da Igreja no construto e na disseminação da imagem da mulher como gênese do mal. Registra-se ainda a chegada dessa mentalidade ao Brasil colônia e como isso afetou a mulher nativa e como se reconfigurou na estrangeira estigmatizada que chegou para ajudar na colonização. Entrando no universo da literatura popular, observa-se como o imaginário masculino acerca da dualidade entre Ave e Eva está presente nos versos do cordel como resíduo.

“A mulher como princípio do mal”, bem como a sua diabolização são discutidos no segundo capítulo. Nesses pontos será trabalhada a hibridação da mitologia grega, do fabulário medieval e da etnografia brasileira, convergendo para a mulher que aparece como devoradora e encarnando os demônios do sexo. Todos esses pontos são exemplificados com cordéis que versam sobre as categorias menores medievais, a saber: os homossexuais – masculinos e femininos –, a prostituta, os judeus, os leprosos e os hereges, todas elas tendo o sexo como elemento comum. As análises dos cordéis comprovam a cristalização dessa mentalidade, atualizada pelo cordelista.

O terceiro capítulo “A filosofia do pensamento misógino cristão: Santo Agostinho (354 – 430) e São Tomás de Aquino” reúne a essência da mentalidade eclesiástica acerca da mulher e sua inferioridade através de seus discursos, os quais justificam a misoginia retomando, refazendo e ampliando o discurso de Platão e Aristóteles. De volta ao universo do cordel, a misoginia encontra-se presente através do vocabulário, das associações e da maneira como a mulher é descrita pelo poeta popular.

E, centrando-se especificamente nas personagens dessas histórias, percebe-se como a misoginia está arraigada ao pensamento do cordelista como *resíduos* da *mentalidade* cristã medieval, os quais se cristalizaram ao longo dos tempos, sendo passados de geração a geração. Ele, ao produzir seu texto, sempre, direta ou

indiretamente, inferioriza e desqualifica a mulher, fazendo uso de palavras, expressões e associações pornográficas, pejorativas e ambíguas, mostrando que a literatura de cordel é um veículo de transmissão de valores. A Idade Média serviu como principal transmissor de arquétipos para o imaginário do Nordeste brasileiro.

A literatura de cordel nordestina é um exemplo da presença desse conjunto que constitui a *Residualidade*. Gilmar de Carvalho diz que essa literatura “vem daquele fundo de estórias que foram sendo criadas e transmitidas de geração a geração, num processo de circularidade da cultura”²⁹. Essas histórias, no entanto, vão adquirindo novas roupagens ao entrar em contato com a cultura do Nordeste, tendo em vista seu caráter híbrido e o processo de cristalização.

²⁹ CARVALHO, Gilmar de. “Vozes e letras” in: **Revista Cult**, janeiro de 2002.

1. A PRESENÇA DO FEMININO NA HISTORIOGRAFIA: DA ANTIGUIDADE À IDADE MÉDIA

*Está na natureza do sexo feminino tentar corromper os homens na terra e por esta razão os sábios jamais se abandonam em seduções das mulheres.*³⁰

*Os homens descobriram remédios contra a mordida das serpentes; mas ninguém descobriu o remédio contra a mulher má que é pior que uma víbora (...). Não há nada no mundo pior que uma mulher, exceto outra.*³¹

*Não se legou ao homem calamidade alguma maior do que a mulher.*³²

A representação do feminino, sob a perspectiva masculina, dependente do período histórico, quase sempre esteve marcada por relações antagônicas: frágil e forte, vítima e culpada, santa e pecadora, sendo Eva e Maria os principais referenciais simbólicos dessa oposição nas sociedades ocidentais cristã. Em várias culturas e sociedades, a mulher é responsável pela introdução do princípio do mal no mundo³³.

Mas nem sempre a mulher ocupou uma posição inferior e submissa. Há registros do culto à Grande Deusa ou Grande Mãe em pinturas e estátuas datadas do Paleolítico. O exemplar mais conhecido é o da famosa Vênus de Willendorf, escultura de pedra calcária que data do ano de 26.000 a. C. Tais cultos também eram frequentes em comunidades agrícolas do Neolítico. Nas culturas do Médio Oriente e do Egito, a Deusa Mãe também era cultuada. Ísis, no Egito; Ninli, na Mesopotâmia; Ishtar, na Babilônia; Anat, em Canoa; Astarte, na Fenícia; e Nidala, na Suméria. Na Hélade, antes da invasão dos jônios – os primeiros indoeuropeus gregos – a economia era agrícola e a religião centrada no culto da Grande Mãe³⁴.

No panteão minoano existiam deuses, mas estes eram meras divindades que acompanhavam à Grande Mãe, sem significar ameaça. Nas sociedades matriarcais, ela era venerada pela sua capacidade de dar a luz e só teria perdido o lugar de prestígio em virtude das disputas de terras que evidenciavam a força física. Mas é no século XII a. C,

³⁰ Leis de Manu, Livro II regra 213 1280 a. C.

³¹ Eurípides 406 a.C.

³² Alcorão Cap XXIV v. 59.

³³ ABREU, Maria Zina Gonçalves de. **O Sagrado Feminino: da pré-história à Idade Média**. Lisboa. Edições Colibri: 2007.

³⁴ BRANDÃO, Junito de Sousa. **Mitologia Grega**. Vol. I. Rio de Janeiro. Editora Vozes, 1998. P. 103 – 341.

com a invasão dos dórios – cujo patriarcalismo era culturalmente mais arraigado e a supremacia bélica exigia o homem como guerreiro – que esse quadro começou a mudar e a mulher perdeu o seu lugar. As sociedades passaram a sobrevalorizar a força física e a subvalorizar a mulher. As culturas hebraica, Greco-romana, e celto-germânica constituíram a matriz da cultura europeia com sentimentos e atitudes contrárias à mulher, as quais serviram de base para as sociedades ocidentais³⁵.

Na Antiguidade Clássica, precisamente em Atenas, no século V, também era possível perceber matizes dessa postura antifeminina³⁶, como fica claro na organização da sociedade. As mulheres, independente da classe social a que pertenciam, equiparavam-se aos escravos, pois ambas as categorias não tinham qualquer tipo de direito político. Muitos filósofos gregos a exemplo de Demóstenes (384 - 322 a. C), Sócrates(469 – 399 a. C) e Xenofonte (430 – 355 a. C)³⁷ (século V a. C), corroboravam esse pensamento ao verem a mulher de forma negativa e inferior.. Na cultura helênica, são muitas as obras que tratam da aversão à mulher. Temos como exemplo, *Hipólito*, de Eurípedes (485 – 406 a. C), que declarou abertamente repúdio às mulheres:

Ah! Zeus! Por que impões ao homem o flagelo de mau caráter chamado mulher e o mostras à luz do sol? Se desejas propagar a raça dos mortais não seria às mulheres que deverias dar os meios para isso! Em troca de ouro ou ferro ou do pesado bronze depositado em teus altares, deverias ter concedido aos homens meios de comprar, segundo as tuas oferendas, o direito de ter os próprios filhos e poder viver livres da raça feminina em suas casas.³⁸

Exemplos de atitudes antifemininas podem ser encontrados também no islamismo, no hinduísmo, no zoroastrismo ou mazdeísmo e no budismo³⁹. No *Alcorão*, o livro sagrado dos muçulmanos, escrito por Maomé e, de acordo com este povo, atribuído ao profeta pelo próprio Deus, há várias referências à inferiorização da mulher e à consequente valorização do homem: “Não se legou ao homem calamidade alguma

³⁵ BRANDÃO, Junito de Sousa. Op. cit.

³⁶ Esse termo significa contrário ao feminino, aversão à mulher, e, embora tenha sido desenvolvido no século XX, será utilizado em todo o primeiro capítulo, pois, nesse contexto, substitui semanticamente misoginia que só será explicada posteriormente.

³⁷ PLATÃO. **Apologia de Sócrates**. Tradução de Maria Lacerda de Souza. Obra de domínio público. Disponível em < <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/cv000065.pdf>> . Acesso em: 13 de Janeiro de 2010.

³⁸ EURÍPEDES. **Teatro de Eurípedes: Hipólito, Medéia, As troianas**. Tradução direta do grego. Introdução e notas de Mário da Gama Kury. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília: INL, 1997. Pág. 54.

³⁹ BELLO, José Luiz de Paiva. “O poder da religião na educação da mulher”. **Pedagogia em Foco**. Rio de Janeiro, 2001. Disponível em: <<http://www.pedagogiaemfoco.pro.br/mulher02.htm>>. Acesso em: 13 de janeiro de 2010.

maior do que a mulher”⁴⁰. Nas *Leis de Manu*, livro sagrado da Índia para instituições civis e religiosas, datado de 1280 a.C., também há muitas regras que fazem menção à inferioridade feminina, como a que se lê a seguir, relacionada à natureza maligna e sedutora da mulher: “Está na natureza do sexo feminino tentar corromper os homens na Terra, e por esta razão os sábios jamais se abandonam às seduções das mulheres”⁴¹. Zaratustra (séc. VII a. C) deixou registrado que “A mulher deve adorar ao homem como à divindade. Nove vezes pela manhã, de pé diante do marido, com os braços cruzados, deve perguntar-lhe: Que desejais, meu senhor, que faça?”⁴². E Buda (563 – 483) afirmou que “A mulher é má. Cada vez que se lhe apresente oportunidade, toda mulher pecará”⁴³.

No judaísmo e no cristianismo, a mulher é responsabilizada pela queda da humanidade, em virtude do pecado original – transformado pelo cristianismo em pecado sexual – cometido por Eva⁴⁴. Essa passagem foi usada pelos doutores da Igreja como um dos principais argumentos para justificar e fomentar a condição de inferioridade a que a mulher é submetida.

A participação e o lugar das mulheres na história foram negligenciados pelos historiadores por muito tempo. Elas ficaram à sombra de um mundo dominado pelo gênero masculino⁴⁵. Ao pensarmos no papel da mulher no medievo, esse quadro de exclusão se agrava ainda mais, pois além do silêncio que encontramos nas fontes, os textos que deixam transparecer o mundo feminino estão impregnados de uma forte carga antifeminina, a chamada aversão clerical⁴⁶.

A Igreja Católica firmou-se como a mais rica e poderosa instituição do mundo medieval na Europa Ocidental e suas doutrinas estavam impregnadas na sociedade. Nesse período, o pecado original foi transformado pelo cristianismo em pecado sexual e a abominação do corpo e do sexo atingia o ápice no corpo feminino. De Eva à feiticeira do final da Idade Média, o corpo da mulher era tido como o lugar de eleição do Diabo. De acordo com Rivair Macedo,

⁴⁰ Alcorão, Cap. XXIV, v 59.

⁴¹ Leis de Manu, apud LOI, Isidoro. **A mulher**. Tradução Julio E. Emöd. São Paulo. Editora Jabuti: 1988, p. 3-4.

⁴² Zaratustra apud. LOI . ibidem, p. 9.

⁴³ Buda apud LOI idem p. 9.

⁴⁴ A BÍBLIA SAGRADA. São Paulo:Edições Paulinas, 2005, p. 5

⁴⁵ BURKE, Peter. **História e teoria social**. São Paulo: editora UNESP, 2002. P. 75-79.

⁴⁶ DUBY, Georges e PERROT, Michelle. Escrever a História das Mulheres. In: DUBY, Georges e PERROT, Michelle (dir.). **História das Mulheres no Ocidente**. Volume 2 – A Idade Média. Porto: Edições Afrontamento/São Paulo: Ebradil,1995, p. 7-8.

A inferioridade feminina provinha da fragilidade do sexo, da sua fraqueza ante os perigos da carne. No centro da moral cristã existia uma aguda desconfiança em relação ao prazer. Ele, segundo os moralistas, mantinha o espírito prisioneiro do corpo, impedindo-o de se elevar em relação a Deus.⁴⁷

Desta forma, diante da fragilidade da mulher, elas seriam essencialmente impulsionadas para o pecado. A fornicação deveria ser refreada e, nesse sentido, a Igreja via no casamento um modo de controlar e de disciplinar a sexualidade. Transformada em sacramento, a união conjugal tornou-se veículo de controle do comportamento social. A Igreja Católica pregava o ascetismo para os homens e a virgindade para as mulheres e tentava limitar o prazer até dentro do casamento⁴⁸.

Nesse período, as mulheres estavam subordinadas legalmente aos homens: ao marido, ao pai ou ao irmão. As mulheres camponesas estavam subordinadas ainda ao senhor feudal, não podendo casar sem a permissão do mesmo.

Sobre a questão da valorização da virgindade (presente ainda hoje na sociedade brasileira, embora com menores proporções) durante o período medieval na Europa, Pilosu diz que as mulheres eram "convidadas" (leia-se coagidas) a desistir do pecado carnal através de histórias nas quais a perda da virgindade ou os pensamentos nocivos (sexuais) eram imediatamente punidos por Deus⁴⁹.

As mulheres deveriam defender a todo custo a sua virgindade. "Esperava-se que fossem difíceis de se render, capazes de resistir ao assédio executado contra um bem cultural, baluarte que garantia a identificação da mulher direita, isto é, daquela integrada aos valores sociais"⁵⁰.

Nessa lógica de pensamento da mulher associada à tentação, faz sentido a perseguição das mulheres durante o período inquisitorial. O escrito *Malleus Maleficarum*, do período em questão, afirmava que "se hoje queimamos as mulheres é por causa de seu sexo pois existe um defeito na formação da primeira mulher [...] ela é assim um ser imperfeito, sempre enganador"⁵¹.

Foi ao longo do século XIII, período compreendido como Idade Média, que a

⁴⁷ MACEDO, José Rivair. **A mulher na idade Média**. São Paulo: Contexto, 2002. p. 23.

⁴⁸ Vale ressaltar que, num primeiro momento, a Igreja não era favorável à união conjugal entre o homem e a mulher. Denegria a imagem desta para que os homens não gastassem seus rendimentos com ela e para que, ao morrer, deixassem seus bens para a Igreja. Mas o casamento foi institucionalizado no século XII.

⁴⁹ PILOSU, Mário. **A mulher, a luxúria e a Igreja na Idade Média**. Tradução de Maria Dolores Figueira. Portugal: Editorial Estampa, 1995, p. 97.

⁵⁰ CAMPOS, Alzira Lobo de Arruda. **Casamento e família em São Paulo Colonial**. São Paulo: Paz e Terra 2003, p. 346.

⁵¹ KRAMER, Heinrich e SPRENGER, James. **O Martelo das Feiticeiras – Malleus Maleficarum**. Tradução de Paulo Fróes. Rio de Janeiro: Editora Rosa dos Ventos, 1991. p. 116.

Igreja Católica, através da Inquisição⁵², passou a exercer um forte controle sobre a conduta da sociedade, incluindo aí homens e mulheres que transgrediam suas leis e recebiam, por isso, pesados castigos sobre o seu corpo: que eram, muitas vezes, queimados, apedrejados ou mesmo enforcados em praça pública. As mulheres encontravam-se em uma situação mais depreciada, pois foram as principais vítimas de um discurso preconceituoso contra elas, produzido por homens letrados que, “afastados do que fosse acidental ou singular nas vidas femininas, investiam em engordar uma mentalidade coletiva que exprimisse um profundo antifeminismo e um enorme desejo de normatizar a mulher”⁵³.

Para Howard Bloch, essa campanha contra o feminino, desde a passagem da criação da espécie humana no Gênesis bíblico, tem uma explicação lógica,

[...] a causa e a justificação do antifeminismo medieval é uma mera consumação ou conclusão lógica do que está implícito na criação de Adão e depois de Eva. Pois a mulher na criação jeovista, concebida desde o começo como secundária, derivada, subsequente e complementar, assume o fardo de tudo aquilo que é inferior, depreciado, escandaloso e perverso, durante a articulação fundadora dos sexos nos primeiros séculos do cristianismo⁵⁴.

Este discurso acabava por disseminar conceitos sobre o gênero feminino e apontava alguns traços como característicos das mulheres os quais, em sua maioria, denegriam a sua imagem. A mulher era considerada “origem do mal e da infelicidade, potência noturna, forças das sombras, rainha da noite, oposta ao homem diurno da ordem e da razão lúcida.”⁵⁵

Os autores do *Malleus Maleficarum* não deixaram dúvida quanto à sua opinião sobre as mulheres, “convém observar que houve uma falha na formação da primeira mulher [...] E como, em virtude desta falha, a mulher é animal imperfeito, sempre

⁵² A Inquisição tem início em 1184 com o decreto *Ad Aboledem* do Papa Lúcio III. Em 1198, Inocêncio III criou uma comissão de monges para investigar e dar continuidade as perseguições aos hereges. Com Gregório IX, houve a ampliação do combate às heresias e a consagração da Inquisição como instrumento do papado, quando os dominicanos passaram a ter a função de fazê-la funcionar. Em 1252, a bula *Ad Extirpanda*, emitida por Alexandre IV, recomendava o uso da tortura contra os hereges. Na primeira metade do século XV, a Inquisição começa a funcionar mal e se revigora com o Papa Sisto IV em 1478, na Espanha. A perseguição aos heréticos em Portugal foi instituída, em 1536, pelo rei João III e os primeiros autos de fé aconteceram a partir de 1540. LOPEZ, Luis Roberto. *História da Inquisição*. Porto Alegre: Mercado Aberto 1993.

⁵³ DEL PRIORE, Mary. “Ao sul do corpo: condição feminina, maternidades e mentalidades no Brasil Colônia”. In: **História das mulheres no Brasil**. 2 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1995, p. 17.

⁵⁴ BLOCH, Howard. Op. cit., p. 34.

⁵⁵ PERROT, Michelle. **Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros**. 3 ed. Rio de Janeiro: Editora Rosa dos Tempos, 1998, p. 168.

decepciona e mente”.⁵⁶

George Duby, através de um estudo sobre as damas do século XII, diz que os homens da Igreja descobrem na natureza feminina três vícios maiores, entre outros pecados: “elas desviam o curso das coisas” (através da vaidade), são “hostis à tutela masculina” e possuem os maiores dos vícios em sua natureza: a luxúria, desejo que as queima por dentro, e as faz “correr atrás dos amantes”⁵⁷.

A mulher, ao mesmo tempo em que despertava desejo nos homens, também despertava medo, isto porque o corpo feminino era visto, “tanto por pregadores da Igreja Católica, quanto por médicos, como um palco nebuloso e obscuro no qual Deus e o diabo se digladiavam”⁵⁸. A sexualidade feminina deveria ser vigiada e adestrada de acordo com os preceitos da Igreja Católica. O sexo era sinônimo de mal, de sujo, de perverso. A mulher só deveria praticá-lo com fins de procriação. Por ser considerada princípio do mal, ela era classificada como minoria, fazendo-se presente em todas as categorias menores da Idade Média, segundo a concepção cristã.

A ideia do feminino ligado ao mal está presente no cristianismo desde o século IV, quando se fortaleceu como religião⁵⁹. Durante este período, aproximadamente três séculos, o cristianismo passou por um processo de assimilação de várias doutrinas. A especulação sobre a carne, diretamente relacionada à mulher, e conseqüentemente sobre o prazer sexual já era discutida desde Platão que em algumas de suas obras – *A República*, *Timeu* e *As leis* – pontuou a inferioridade da mulher diante dos homens e a incapacidade desta de controlar sentimentos e emoções e por isso precisar ser controlada.

Em sua obra *A República*, no livro IV, ele retrata as mulheres como principalmente governadas pelos desejos, apresentando-as na classe dos indivíduos em que a pior parte governa a melhor, ou seja, declara que: “a multidão de variados apetites, prazeres e sofrimentos se encontram principalmente nas mulheres e escravos”⁶⁰.

No *Timeu*, por exemplo, Platão apresenta uma versão da história da criação que

⁵⁶ KRAMER, Heinrich e SPRENGER, James. *Op. cit.* p. 116.

⁵⁷ DUBY, George. **Damas do século XII**. São Paulo: Companhia das letras, 2001. Sobre este assunto consultar o capítulo I: Os pecados das mulheres, p. 11.

⁵⁸ KLAPISCH-ZUBER, Christiane. “As normas do controle”. In: Georges Duby e Michelle Perrot. **História das mulheres: Idade Média**. Porto: Edições Afrontamento, 1990, p. 78.

⁵⁹ Em 313, através do Edito de Milão, o imperador Constantino dá liberdade de culto aos cristãos, colocando o cristianismo em pé de igualdade com o culto pagão. E somente no final do século V, com o imperador Teodósio, através do Edito de Tessalônica, é que o cristianismo passou a ser a religião oficial do império romano. De perseguidos passaram a perseguidores. HILL, Jonathan. *História do Cristianismo*. Tradução de Rachel Kopit Cunha, Juliana A. Saad e Marcos Capano. São Paulo: Edições Rosari, 2008.

⁶⁰ PLATÃO. **A República**. Tradução de Eleazar Magalhães. Fortaleza: Edições UFC, 1986.

postula a superioridade masculina sobre a natureza feminina em virtude da capacidade dos homens de controlar sensações e sentimentos. No primeiro ato da criação, na qual todas as almas nasceram sem desvantagem, a natureza humana surgia na forma da “raça superior” que devia ser chamada “homem”. Neste sentido, Platão relata a criação das mulheres da seguinte maneira:

He who lived well during his appointed time was to return and dwell in his native star, and there he would have a blessed and congenial existence. But if he failed in attaining this, at the second birth he would pass into a woman⁶¹

De acordo com esse relato, Platão caracteriza as mulheres como perigosamente influenciadas pelas sensações, sentimentos e apetites e reafirma que a natureza primordial humana é masculina, e todas as almas que dominaram as paixões corporais mantêm os privilégios dessa estirpe superior. Portanto, as mulheres são, por definição, a corporificação daquelas almas que sucumbiram à tentação e vivem na iniquidade. Para ele, as mulheres em geral exibem um desvalimento emocional que os homens devem evitar se quiserem tornar-se apropriados para a liberdade cívica. Assim, as mulheres são identificadas com as qualidades dos piores homens.

Já em *Leis*, Platão argumenta em favor da inclusão das mulheres na instituição da mesa pública, não porque mereçam ou sejam iguais aos homens, mas porque sua fragilidade exige controle legislativo. Comenta-o:

And, in consequence of this neglect, many things have grown lax among you, which might have been far better, if they had been only regulated by law; for the neglect of regulations about women may not only be regarded as a neglect of half the entire matter (Arist. Pol.), but in proportion as woman's nature is inferior to that of men in capacity for virtue, in that degree the consequence of such neglect is more than twice as important⁶².

Esses pensamentos serviram de base e foram amplamente utilizados pelos pais da Igreja para fundamentar filosoficamente a doutrina cristã que vigorou durante toda a Idade Média. A ideia de que as mulheres eram inferiores aos homens não mudou e elas

⁶¹ PLATÃO. **Timaeus** Tradução de B. Jowett. Disponível em <<http://classics.mit.edu/Plato/timaeus.html>> acesso em 15 de Janeiro de 2010. (Ele que viveu bem durante seu tempo foi nomeado para voltar e habitar em sua estrela natal, e lá ele teria uma existência abençoada e agradável. Mas se ele falha em alcançar isso, no segundo nascimento, ele se tornaria mulher).

⁶² PLATÃO. **Leis** Tradução de B. Jowett. Disponível em <<http://www.gutenberg.org/files/1750/1750.txt>> Acesso em 19 de Janeiro de 2010. (E, em consequência desta negligência, muitas coisas tornaram-se ambíguas em você, o que poderia ter sido muito melhor, se tivessem sido apenas regulamentadas por lei, para a negligência dos regulamentos das mulheres deve apenas ser considerada como um abandono de metade do caso inteiro (Pol Arist.), mas na proporção em que a natureza da mulher é inferior a dos homens em termos de capacidade e virtude, em consequência de que o grau de negligência é duas vezes mais notável.).

continuaram sendo vistas pelo clero como criaturas perigosas e mais suscetíveis às tentações do diabo e, por isso, deveriam estar sempre sob os cuidados do homem, uma vez que era sob o jugo deste que residia a razão.

Os clérigos medievais basearam-se, sobretudo, no Gênesis bíblico⁶³ para disseminar suas ideias antifemininas. Segundo Bloch, essas ideias eram apenas uma conclusão lógica daquilo apresentado pelas escrituras sagradas, pois expõe a figura feminina com caráter “secundário, derivado, subsequente, complementar”, assumindo o fardo de tudo aquilo que é “inferior, depreciado, escandaloso e perverso”⁶⁴.

De acordo com Maria Zina Gonçalves de Abreu, “é particularmente importante sublinhar a interpretação do acto da criação (Gênesis) que veicula a ideia, que atravessa todo o tecido da cultura ocidental, de que o homem foi criado à “imagem de Deus” e de que a mulher é uma versão imperfeita dessa imagem⁶⁵. Assim, a autora defende que “Através dos séculos, facto e ficção frequentemente se misturaram na interpretação da Bíblia, nomeadamente na do Antigo Testamento e das Epístolas de São Paulo, cujas leituras tiveram por objectivo atestar de forma sobranceira a supremacia e o domínio masculinos, enquanto veiculavam uma injuriosa visão da mulher”. E seguindo o mesmo raciocínio, o historiador Georges Duby diz que

Incontestavelmente, ela é inferior a Adão. Deus assim decidiu. Criou o homem à sua imagem, a mulher, de uma parte mínima do corpo do homem, como sua marca, ou melhor, seu reflexo. A mulher nunca é mais do que um reflexo de uma imagem de Deus. Um reflexo, é sabido, não age por si. Só o homem está em posição de agir. Os movimentos da mulher, passiva, são comandados pelos do seu companheiro. É essa a ordem primordial. Eva abalou-a ao vergar Adão ao seu poder. Mas Deus interveio, pô-la de novo no seu lugar e agravou a sua submissão ao homem para castigo do seu pecado.⁶⁶

Heinrich Kramer (1430 – 1505) e James Sprenger (1435 – 1495), inquisidores dominicanos, autores do livro *Malleus Maleficarum*⁶⁷ (O martelo das feiticeiras), justificam a inclinação natural da mulher para a maldade, uma vez que tem sua gênese

⁶³ “Mandou, pois, o senhor Deus um profundo sono a Adão, e, enquanto ele estava dormindo, tirou uma de suas costelas, e pôs carne no lugar dela. E da costela, que tinha tirado de Adão, formou o Senhor Deus uma mulher; e a levou a Adão e Adão disse; eis aqui agora o osso de meus ossos e a carne da minha carne. Ela se chamará virago porque do varão foi tomada. (Gênesis 2-18:24).

⁶⁴ BLOCH, R Howard. Op. cit. p. 35.

⁶⁵ ABREU, Maria Zina Gonçalves de. **O Sagrado Feminino - da Pré-história à Idade Média**. Lisboa: Edições Colibri, 2007, p.75.

⁶⁶ DUBY, Georges. **Eva e os Padres**. Lisboa: Editorial Teorema, 1996, p.70.

⁶⁷ Escrito no século XV a pedido do papa Inocência VIII, o *Malleus Maleficarum* foi considerado o mais cruel e demoníaco guia utilizado pela Inquisição, durante quatro séculos, para aplicar castigos e punir os hereges em nome de Deus.

ligada à costela, que é curva e vai contra a retidão do homem⁶⁸. Este, criado diretamente por Deus a sua imagem e semelhança, estaria mais próximo do Criador, bem como de tudo o que é espiritual. Ainda sobre a mulher, quando de sua criação, Deus criou os céus e a terra, a flora e a fauna, o homem e, por último, a mulher criada, apenas, para ser adjutório do homem, o que a deixa em condição inferior a este, transformando-a em sua servidora, com a obrigação de obedecê-lo, como afirma Graciano (359 – 383):

Não foi por nada que a mulher foi criada, nem da mesma matéria da qual foi criado Adão, mas da costela de Adão (...). Porque Deus não criou no começo um homem e uma mulher, nem dois homens, nem duas mulheres; mas o primeiro homem, e então a mulher a partir dele (...). É natural que as mulheres sirvam os homens, como os filhos os pais, por que é justo que o ser inferior sirva o superior⁶⁹.

Para evidenciar essa ideia de inferioridade, tem-se a narrativa do Pecado Original. Deus proibiu Adão e Eva de comerem o fruto da Árvore do conhecimento do Bem e do Mal, porém Eva persuadida pela serpente provou-a e convenceu Adão a prová-la⁷⁰. Todos foram castigados por essa desobediência: a serpente foi condenada a rastejar, e o primeiro casal humano foi expulso do Jardim do Éden. Adão foi condenado a cultivar o solo e retirar dele seu sustento. Já Eva ficou com a carga mais pesada da culpa, foi condenada a sentir dores na gravidez e a ser dominada pelo marido⁷¹. Essa condenação feminina também serviu como um dos argumentos usados pelos clérigos medievais para institucionalizarem o casamento e a moral cristã⁷².

Do século III ao XIII, os registros mais notáveis sobre as mulheres saíram das mãos de homens da Igreja. Muitos clérigos as consideravam misteriosas, não compreendiam, por exemplo, como elas geravam a vida e curavam doenças utilizando ervas⁷³. Dessa forma, a maior parte das autoridades eclesiásticas desse período via a mulher como um ser demoníaco, portadora e disseminadora do mal. Isso a tornava má por natureza e atraída pelo vício⁷⁴. Esse desconhecimento da natureza feminina causava medo aos homens. Os clérigos se apoiaram no Pecado Original de Eva para ligá-la à corporeidade e inferiorizá-la. Isso porque, conforme o texto bíblico.

⁶⁸ KRAMER, Heinrich e SPRENGER, James. *Op. cit.* p. 116.

⁶⁹ BLOCH apud GRACIANO. *Op. cit.* 1995. p. 33.

⁷⁰ Gênesis: 3: 1-7.

⁷¹ Gênesis: 3: 14-24.

⁷² BLOCH, Howard. *Op.cit.* 1995. p. 25.

⁷³ DALARUN, Jacques. Olhares de clérigos. In: DUBY, Georges e PERROT, Michelle (dir.). **História das Mulheres no Ocidente**. Volume 2 – A Idade Média. Porto: Edições Afrontamento/São Paulo: Ebradil, s/d, p. 29-63.

⁷⁴ PILOSU, Mário. *Op. cit.* P.29-43.

De acordo com Silvia Nunes⁷⁵, a concepção de mulher que predominou da Idade Média até o Renascimento é oriunda do Cristianismo primitivo e associa a mulher ao carnal, ao mal e ao desregramento sexual. Essa associação da mulher com o carnal é também abordada por H. Bloch que, a partir dos escritos dos primeiros padres da Igreja afirma ter ocorrido uma feminização da carne “ou seja, de acordo com a metáfora da mente e do corpo, a associação do homem com *mens* ou *ratio* e da mulher com o corporal⁷⁶”.

Até aqui, pode-se observar uma *mentalidade* disseminada, principalmente pelos homens, acerca da inferiorização da mulher. Afim de uma contextualização mais específica, para então chegar ao objeto de estudo do trabalho, faz-se necessário analisar como essa imagem feminina chegou às terras brasileiras recém-descobertas e como ela se fundiu às culturas já existentes. Para tanto, a pesquisa irá se deter, nesse momento, às mulheres da colônia – uma autóctone e uma estrangeira – aquela cuja cultura foi imposta e esta experienciadora de uma cultura antifeminina.

1.1. A mulher no Brasil colônia

*Branca para casar, mulata para foder, negra para trabalhar.*⁷⁷

Em um primeiro olhar sobre as terras recém-descobertas, não se pode utilizar levemente o vocábulo misoginia, no sentido eurocêntrico, pois pelos vários relatos, registrados em documentos oficiais, as atitudes dos povos autóctones em relação ao corpo, à mulher e à sexualidade não correspondiam às ideias disseminadas na Europa. Os relatos dos colonos redundam em apresentar uma figura feminina diferente daquela conhecida por eles.

(...) E uma daquelas moças era toda tingida de baixo a cima, daquela tintura e certo era tão bem feita e tão redonda, e sua vergonha tão graciosa que a muitas mulheres de nossa terra, vendo-lhe tais feições envergonhara, por não terem as suas como ela. Nenhum deles era fanado, mas todos assim como nós. (...) Também andavam entre eles quatro ou cinco mulheres, novas, que assim nuas, não pareciam mal. Entre elas andava uma, com uma coxa, do joelho até o quadril e a nádega, toda tingida daquela tintura preta; e todo o

⁷⁵ NUNES, Silvia Alexim, **O corpo do diabo entre a cruz e a caldeirinha**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000, p.255.

⁷⁶ BLOCH, Howard. Op.cit. 1995. p. 17.

⁷⁷ Este Adágio vem registrado por H. Handelmann na sua **História do Brasil**, datado de 1931.

resto da sua cor natural. Outra trazia ambos os joelhos com as curvas assim tintas, e também os colos dos pés; e suas vergonhas tão nuas, e com tanta inocência assim descobertas, que não havia nisso desvergonha nenhuma⁷⁸

Não passa despercebido que além de informar o Senhor El rei, Caminha faz observações sobre os povos que havia encontrado e sobre seus costumes. A figura feminina apresentada é, de imediato, comparada com aquela europeia, evidenciando que para os povos da nova terra a nudez e o corpo não tinham relação nenhuma com o mal num primeiro momento. Mas, Logo ao final do documento, há informações que demonstram o início da imposição cultural e da moral do colonizador que os aborígenes suportariam posteriormente

Entre todos estes que hoje vieram não veio mais que uma mulher, moça, a qual esteve sempre à missa, à qual deram um pano com que se cobrisse; e puseram-lho em volta dela. Todavia, ao sentar-se, não se lembrava de o estender muito para se cobrir. Assim, Senhor, a inocência desta gente é tal que a de Adão não seria maior -- com respeito ao pudor⁷⁹.

O pano oferecido para a habitante daquelas terras pode ser entendido também como um elemento simbólico, que traria às comunidades autóctones os preceitos e ideias de corpo, pecado e demonização do povo colonizador. A nudez indígena apresentada na carta de Caminha como inocente, posteriormente, logo cede espaço às ideias de luxúria, fazendo com que o corpo fosse o melhor meio de incitá-la.

As índias resistiam em vestir roupas alegando o incomodo em retirá-la na hora dos banhos – prática arraigada entre as mulheres que chegavam a tomar doze banhos em um único dia e durante a faina diária elas preferiam enfrentar o calor do sol, esfolar a pele na terra e nas pedras a suportar um tecido sobre o corpo. As índias se deleitavam em andar nuas⁸⁰.

Até o ano de 1530 pouca movimentação cultural foi evidenciada em território brasileiro, pois até então a terra não despertava interesse no povo lusitano e os portugueses que chegavam ao Brasil tinham o interesse apenas de resguardar a terra para a coroa portuguesa. Nos anos subsequentes, com o repentino interesse dos colonos pela nova terra, muitos homens e mulheres lusitanas chegariam ao novo continente, trazendo em seus navios não só mantimentos, roupas e materiais portugueses, mas também uma bagagem cultural europeia, produto da Idade Média.

⁷⁸ CAMINHA, Pero Vaz de. **Carta de Pero Vaz de Caminha a El rei D. Manuel I sobre o achamento do Brasil**. Coleção A obra prima de cada autor. São Paulo: Martin Claret, 2002.

⁷⁹ CAMINHA, Pero Vaz de. Op. cit.

⁸⁰ RONALD, Raminelli. “Eva Tupinambá” In: DEL PRIORE, Mary. **História das Mulheres no Brasil**. 8ª Edição. São Paulo: Contexto, 2006, p. 26.

A respeito dos colonos que aqui chegaram, sabemos que muitos vieram acompanhados por mulheres, mas quanto a sua exatidão numérica, não há certezas. Os documentos encontrados são as cartas de clérigos, como Nóbrega, que escreveu a D. João III solicitando o envio de mulheres brancas, pois sua presença era tão ínfima que os luso-brasileiros recorriam às mulheres da terra, e com elas viviam em pecado (nem todos contraíram matrimônio com elas). Mesmo com essa e outras petições, vieram um número resumido de órfãos e degredados (lê-se prostitutas e penitenciadas pela justiça eclesiástica e civil), muitas das quais retornaram mais tarde para a metrópole, pouco contribuindo para o povoamento da terra.

Não vieram mulheres solteiras, exceto, ao que se sabe, uma escrava provavelmente moura, que foi objeto de viva disputa. Consequentemente, os recém-chegados acasalaram-se com as índias, tomando, como era uso na terra, tantas quantas pudessem, entrando a produzir mais mamelucos. Os jesuítas, preocupados com tamanha pouca-vergonha, deram para pedir socorro do reino. Queriam mulheres de toda a qualidade, até meretrizes, porque "há aqui várias qualidades de homens [...] e deste modo se evitarão pecados e aumentará a população no serviço de Deus" (carta de 1550 in Nóbrega 1955:79-80). Queriam, sobretudo, as órfãs Del rei, que se casariam, aqui, com os bons e os ricos⁸¹.

Por volta de 1552 essas jovens começaram a ser enviadas para o Brasil para preencher a função matrimonial, desposando os senhores de bem e, a partir daí, vieram várias 'cargas' de mulheres. Elas serviram para a colonização como complemento e preenchimento demográfico do novo território e como defesa do catolicismo contra a propagação da Reforma Religiosa.

[...] A condição feminina na Colônia exigia medidas que integrassem ao processo de civilização de mores que ocorriam no Velho Mundo. Daí a necessidade de um processo normativo às mulheres coloniais. Elas deviam tornar-se esposas e mães, complemento do homem, ventre fecundo que assegurasse perenidade dentro do quadro do sagrado matrimônio. Como mães, tinham que se erguer como paladinas da difusão do catolicismo e do povoamento ordenado da Colônia. Ao contrário de gerar desclassificados fora das normas institucionais, que se concentrassem em parir súditos fiéis aos bandos dos governadores e às pastorais diocesanas.⁸²

Como a intenção colonizatória portuguesa em território brasileiro era importante para alicerçar as bases da coroa no território, não havia outra opção para os europeus a não ser de se flexibilizarem quanto ao sexo e à mulher. A preocupação com a liberdade

⁸¹ RIBEIRO, Darcy. **O Povo Brasileiro: A formação e o sentido do Brasil**. São Paulo, Companhia das Letras, 1995. p. 89.

⁸² DEL PRIORE, Mary. **Ao Sul do Corpo: Condição feminina, maternidades e mentalidades no Brasil Colônia**. Rio de Janeiro, RJ: José Olímpio; Brasília, DF: Edunb, 199., p. 334.

sexual no início da história colonial pode ser encontrada nos textos de religiosos portugueses. Essa liberdade transformou o território em um ambiente de conflitos e contrastes, a mulher nativa, a presente antes da colonização, gozava de uma maior liberdade, pois, como ainda não era cristã, não era considerada pecadora, mas aquela que chegou através das embarcações, branca e minoria, sofreu sanções e estava envolta em submissão ao senhor, a família, ou ao esposo.

O isolamento árabe em que viviam as antigas sinhás-donas, principalmente nas casas grandes de engenho, tendo por companhia quase que exclusivamente escravas passivas; sua submissão muçulmana diante dos maridos, a quem se dirigiam sempre com medo, tratando-os de senhor.⁸³

A partir de então, durante o processo colonizador do Brasil, o papel da mulher brasileira perpassa por funções às vezes exóticas, ora degradantes e até desumanas. A mulher nativa, a escrava e a europeia tinham funções e representações distintas para a sociedade que se tornam evidentes no que tange às relações sejam sexuais, para satisfazer os prazeres da carne, sejam econômicas e religiosas através do matrimônio. Segundo Mary Del Priore,

As relações de gênero serviram para a construção de estereótipos que estiveram presentes no cotidiano colonial e que mais tarde estariam presentes na historiografia determinando uma maneira de ser mulher brasileira. A diferenciação étnica da mulher determinava sua respectiva função social no Brasil colonial. Enquanto a nativa e, mais tarde, a negra contribuía com o corpo e o trabalho a mulher branca trazia da metrópole o modo de viver e a maternidade que garantia o alvor da pele.⁸⁴

O casamento, num primeiro momento, fugiu a tantas regras e mandamentos da Igreja e os concubinatos eram visíveis. O matrimônio, então tornou a alternativa imposta às mulheres da colônia que conviviam com a traição e submissão. Elas casavam muito cedo “era comum encontrar mães de treze anos”⁸⁵. Os casamentos consanguíneos, principalmente entre tio e sobrinho e primos e primas, era muito comum no período em questão. Essas relações tinham como principal objetivo a permanência do patrimônio na família e a “pureza do sangue de origem nobre ou ilustre”⁸⁶. O casamento consanguíneo chegou ao fim e trouxe outra modalidade de casamento também pautada no fator

⁸³ FREYRE, Gilberto. **Casa Grande e Senzala: Formação da família brasileira sobre sob o regime da economia patriarcal**. 34ª Edição, Rio de Janeiro: Record, 1998. p. 338.

⁸⁴ DEL PRIORE, Mary. Op. cit., p. 78.

⁸⁵ FREYRE, Gilberto. Op. cit. p. 349.

⁸⁶ FREYRE, Gilberto. Op. cit. p. 342.

econômico. Nesse novo modelo, os maridos, que deviam ser de boa família, eram escolhidos pelo pai, entenda-se boa família de nome ou abastada.

Abafadas sob as carícias de maridos dez, quinze, vinte anos mais velhos; e muitas vezes inteiramente desconhecido das noivas. Maridos da escolha ou da conveniência exclusiva dos pais. Bacharéis de bigodes lustrosos de brilhantina, rubi no dedo, possibilidades políticas. Negociantes portugueses, redondos e grossos; suíços enormes; grandes brilhantes no peitilho da camisa, nos punhos e nos dedos, oficiais. Médicos. Oficiais. Senhores de Engenho.⁸⁷

Mesmo assim, distantes da metrópole, as mulheres da colônia gozavam de maior liberdade até a chegada do Tribunal do Santo Ofício, pois como se percebe não há registros de fogueiras no Brasil. Verdadeiramente, os relatos de bruxaria ligados à mulher na colônia, deixaram de ser estritamente femininos e passaram a compor o imaginário sobre os povos indígenas. Entretanto, as mulheres não deixavam serem acusadas de malefícios, principalmente referentes à sua sexualidade. Abundam casos de mulheres em que, antes ou durante o casamento, relacionavam-se com outras, amigas ou parentas. Essas mulheres levadas aos julgamentos dos inquisidores, que estavam nessas terras, geralmente não sofriam penalizações severas, como tortura ou morte, pois o relacionamento de mulher com mulher, como se verá, não é entendido pela Igreja como ato de extremo pecado, pois como poderia haver fornicação sem um varão, símbolo da fertilidade e potência sexual?

Segundo o estudioso Emanuel Araújo, no Brasil colonial, “abafar” a sexualidade feminina seria o objetivo de Leis do Estado, da Igreja, e o desejo dos pais, visto que “ao arrebentar as amarras (...) a sexualidade feminina (...) ameaçava o equilíbrio doméstico, a segurança social e a própria ordem das instituições civis e eclesiásticas⁸⁸”. Para isso, usavam como argumento a ideia do homem superior a qual cabia o exercício da autoridade. Todas as mulheres carregavam o peso do pecado original cometido por Eva, e, desta forma, deveriam ser vigiadas de perto e por toda a vida.

A ideia da inferiorização da mulher era tão vigente que, na segunda visita do Santo Ofício ao Brasil, em meados de 1617, um padre recontou o mito do Éden, menosprezando mais ainda a criação da mulher, colocando-a como excremento. “Quando Deus tirara a costa do homem para criar Eva, viera um cão e a comera, e que

⁸⁷ Ibidem. p. 340.

⁸⁸ ARAÚJO, Emanuel. “A arte da sedução: sexualidade feminina na colônia” In: DEL PRIORE, Mary. **História das Mulheres no Brasil**. 8ª Edição. São Paulo: Contexto, 2006. p. 45.

do que saíra pela parte traseira do cão fizera Deus a mulher, e que assim ficara Deus fazendo a mulher da traseira do cão e não da costa do homem⁸⁹”.

A mulher desse período independente da cor, nação ou classe social era vista também como a origem de todos os males, as portas do inferno. Elas eram tão discriminadas pela sociedade masculina que a própria medicina desconhecia o corpo feminino e tudo era atribuído a demônios que viviam em seus corpos fazendo-as padecer cólicas, dores do parto, menstruação etc.

E esse desconhecimento culminou na associação do feminino com práticas demoníacas, pois acreditavam que o diabo se manifestava nas mulheres através de doenças. Qualquer problema físico, por mais simples e natural que fosse, de acordo com os clínicos coloniais, tinha explicação na feitiçaria. O útero, por exemplo, era alvo dessas associações. Ele era tido como possível espaço para vinganças mágicas. Alberto Magno afirmava que “a mulher menstruada carregava consigo um veneno capaz de matar uma criança no berço⁹⁰”. Na literatura médica da época é possível encontrar referências sobre o assunto:

O sangue mensal é o que mais das vezes costumam usar as mulheres depravadas para o benefício amatório e conciliar amor e afeição; sucede que tão longe está assim de ser, antes gera gravíssimos acidentes, como de veneno e faz as pessoas doidas e furiosas, como tem demonstrado a experiência⁹¹.

A misoginia estava arraigada ao costume dos colonos, mas enquanto a mulher foi aprisionada à família e ao convento, as práticas religiosas relacionadas ao demônio volveram-se em grande parte para os aborígenes. Naquela época, os costumes heterodoxos eram vistos como indícios de barbarismo e da presença demoníaca. Do nascimento à velhice, as mulheres tupinambás recebiam tratamentos e tarefas baseadas na selvageria e com marcas de barbarismo. Esta pode ser uma visão estrangeira das mulheres tupinambás, mas para aquele povo, tudo era feito seguindo as determinações de sua concepção da natureza humana.

Motivados pelo desconhecimento do povo nativo, não tardou para que colonizadores associassem as suas práticas religiosas àquelas conhecidas na Europa, que

⁸⁹ Segunda Visitação do Santo Ofício às partes do Brasil – Denúncias da Bahia (1618 – Marcos Teixeira), Introdução Rodolfo Garcia. Anais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, vol. 49, 1927. *apud* SOUZA, Laura de Mello. **O diabo e a Terra de Santa de Santa Cruz – Feitiçaria e religiosidade popular no Brasil colonial**. São Paulo: Companhia das Letras, 1986, p. 106.

⁹⁰ DEL PRIORE, Mary. “Magia e medicina na colônia: o corpo feminino”. In: DEL PRIORE, Mary. **História das Mulheres no Brasil**. 8ª Edição. São Paulo: Contexto, 2006. p. 102.

⁹¹ PEREIRA, Bernardo. Anacefaleose médico, teológica, mágica, jurídica, moral e política. Lisboa: Miguel Menescal da Costa, 1752. p. 9. *apud* DEL PRIORE, Mary. **História das Mulheres no Brasil**. 8ª Edição. São Paulo: Contexto, 2006. p. 102.

subvertiam a verdade disseminada de Cristo e do catolicismo. “O canibalismo, a cor escura, a nudez e os erros demoníacos representavam a segunda degeneração, a segunda queda”⁹², fazendo com que a vida religiosa dos índios passasse a ser alvo de perseguições. E por essa razão os jesuítas tentavam persuadir os índios à conversão, pois a viam como única alternativa capaz de redimi-los do pecado.

Envoltos numa atmosfera mística, os rituais ameríndios passaram a configurar, para os portugueses, os sabás, que de acordo com Laura de Mello Sousa, “se constituiu a partir de trocas intensas entre universos culturais diversos e socialmente distintos”⁹³. Ela ainda cita no seu trabalho alguns depoimentos de padres sobre os rituais indígenas, que, muitas vezes, sem fazer alusão direta, se referiam aos sabás europeus que em muito se assemelhavam aos rituais ameríndios. Como durante a Idade Média, não tardou para que se associassem as religiões afrodescendentes a rituais pagãos.

Mesmo no medievo, registros do sabá são quase inexistentes e de questionável veracidade, evidenciando que sua existência pode estar ligada ao imaginário da Inquisição e não dos colonos. Por isso, a associação do sabá aos rituais existentes no Brasil,

Na realidade, tratava-se de algo bem diferente, localizado na raiz da umbanda e dos candomblés atuais: os calundus e catimbós. Se fosse de fato válida a diferenciação entre feitiçaria e bruxaria com base no caráter individual da primeira e coletivo da segunda, poder-se-ia dizer que a bruxaria colonial residiu basicamente nos calundus e catimbós⁹⁴.

Como sempre associavam as práticas demoníacas aos segmentos da sociedade perseguidos e vítimas de discriminação, não tardou que no Brasil, de regime escravagista, as religiões indígenas e, principalmente, as afro-brasileiras fossem tão logo ligadas a elas.

Otre les eaux de lustrations & diabolique ablutions pratiquees par ces Barbiers ils usent d'une façon particuliere à communiquer leur esprit aux autres: & c'est par Le moye de l'herbe de *Petun*, laquelle estant mise dans une canne de Roseau, ces Sorciers em attirant la fumee, laquelle ils dégorgent sur les assistans, ou la soufflent de la canne sur iceux, les exhortant de recevoir leur Esprit & la vertu d'icelui. Ne diriez vo'pas que ce cauteleux Drago vueille en ceste fausse ceremonie imiter Iesus-Christ quand Il donna son Esprit à sés Apostres(..).⁹⁵

⁹² RONALD, Raminelli. Op. cit. p. 41.

⁹³ SOUZA, Laura de Mello. “Em torno de um mito: a eclipse do sabá”. Racional ou sobrenatural? Um caso de bruxaria. **Revista Humanidades**. Vol. 9 N° 1. Brasília: Editora UNB. p. 6. 1994.

⁹⁴ SOUZA, Laura de Mello. **O diabo e a Terra de Santa de Santa Cruz – Feitiçaria e religiosidade popular no Brasil colonial**. São Paulo: Companhia das Letras, 1986. p. 261.

⁹⁵ YVES, d'Évreux. **Voyage dans le Nord Du Brésil**. Librairie A. Frank. 1864. Tradução de Kall Lyws Sales. Além das águas de lustração e das diabólicas abluções praticadas por esses bárbaros, eles têm uma

O francês Yves d'Évreux (1577-1632), nos dois anos que passou nas terras brasileiras, mostra em sua obra as associações entre os rituais indígenas e os rituais judaico-cristãos. A aglutinação entre as religiões africanas, indígenas e a europeia tornou o território brasileiro uma região multifacetada de crenças e costumes que, muitas vezes, eram discrepantes, e em outras se coadunavam, transformando os elementos das religiões no que se conhece por sincretismo religioso. Esse amálgama de religiões pode ser percebido até na contemporaneidade, pois parte das divindades oriundas dos cultos afros são associadas ao demônio, ao mal; e grande parte dos santos do território nacional surgiu delas.

No cotidiano da colônia, Céu e Inferno, Sagrado e Profano, práticas mágicas primitivas e europeias, ora se aproximavam, ora se apartavam violentamente, na realidade fluida e fugidia da vida colonial a indistinção era, entretanto, mais característica do que a dicotomia. Esta quando se mostrava era quase sempre devida ao estímulo da ideologia missionária e da ação dos nascentes aparelhos de poder, empenhados em decantar as partes para melhor captar as heresias. O que quase sempre sobrenadou foi o sincretismo religioso.⁹⁶

A magia na colônia girava em torno, principalmente, de mandingas e feitiços para curar o amor e as enfermidades do corpo. Segundo Gilberto Freyre, a festa de São João, uma das primeiras a ser comemoradas no Brasil, já no formato que se conhece hoje com fogueiras e danças, era palco para muitas simpatias.

Pois as funções desse popularíssimo santo são afrodisíacas; e ao seu culto se ligam até práticas e cantigas sensuais. É o santo casamenteiro por excelência. (...) As sortes que se fazem na noite ou na madrugada de São João visam a união dos sexos, o casamento, o amor que se deseja e não se encontrou ainda. (...) Outros interesses de amor encontram proteção em Santo Antonio. Por exemplo: as afeições perdidas. Os noivos, maridos ou amantes desaparecidos. Os amores frios ou mortos. É um dos santos que mais encontramos associados às práticas de feitiçaria afrodisíaca no Brasil⁹⁷.

Uma atividade muito perseguida e sua prática atribuída principalmente às mulheres foi à feitiçaria. A elas era creditado o elo, a ligação com Satanás e a prática de feitiços para todos os fins, em especial para resolver problemas de saúde e de relacionamento.

forma particular de se comunicar com os Espíritos. Pela erva *Petun*, colocada em um pedaço de cana, esses feiticeiros, lançando a fumaça sobre seus ajudantes, soprando-a neles, animam-nos para dele receberem o Espírito e a Virtude. Não diríeis que esse cauteloso Dragão, nesta falaciosa cerimônia, queria imitar Jesus Cristo quando este oferecia seu Espírito aos Apóstolos (...).

⁹⁶ SOUZA, Laura de Mello. Op. cit. p. 149.

⁹⁷ FREYRE, Gilberto. **Casa Grande e Senzala: Formação da família brasileira sobre sob o regime da economia patriarcal**. 34ª Edição, Rio de Janeiro: Record, 1998, p. 246-247.

Apesar de malvistas como agentes do Demônio, emblemas vivos e atuantes da desordem, do perigo e da impureza, as feitiçeras agiram com desenvoltura no Brasil durante o período colonial, praticando toda espécie de benzeduras, adivinhações e curas, acusadas de infanticídio, mas não raro tentando aproximar casais por meio de orações fortes, cartas de tocar e sortilégios, além, está visto, de comunicar-se com o sobrenatural em sonhos, em pactos, metamorfoses e possessões⁹⁸.

Os nativos já colonizados, de acordo com Mary Del Priori, viam as doenças como castigos divinos, e clérigos e médicos não só defendiam como difundiam a ideia de que a doença é salutar para os desregrantes do espírito.

Em virtude do atraso médico de Portugal, se comparado a outros países europeus, além da falta de estrutura, medicamentos e especialistas, o discurso religioso era a base para o discurso médico, o qual associava as doenças aos pecados e relacionava a cura às infrações cometidas pelo enfermo. “A literatura médica da época apoiava-se na alquimia medieval, na astrologia e no empirismo”⁹⁹ e sobre tudo na escolástica cuja crença na ação diabólica era a base dos remédios que combatiam as mazelas que se assemelhavam mais a tratadas de feitiçaria.

Lado a lado com os médicos estavam as curandeiras e as benzedoras que, com seus conhecimentos sobre as erva, substituíam, muitas vezes, os médicos. Por esse conhecimento, passado de mãe para filha e necessário para manter a sobrevivência dos costumes e das tradições, essas mulheres passaram a ser perseguidas pela Igreja que as via como feitiçeras. A Igreja, numa tentativa de combater o curandeirismo, passou a associar as curas das enfermidades aos poderes miraculosos dos santos. “Para cicatrizar feridas, devia-se invocar Santo Amaro; dores de cabeça seriam resolvidas com orações a Santa Brígida; e partos difíceis, com preces a Santa Margarida ou a Santo Adrido”¹⁰⁰.

Através da imposição cultural, por meio da língua e dos costumes, os povos europeus nas terras brasileiras elevaram o cristianismo à supremacia, relegando à marginalização e ao demônio qualquer manifestação religiosa que se afastasse dos preceitos bíblicos. Desde então, o diálogo entre as religiões é frequente, mas predominará aquele europeu tido, agora, como verdade absoluta.

⁹⁸ ARAÚJO, Emanuel. **O Teatro dos Vícios**. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1997, p. 208.

⁹⁹ *Ibidem.*, p. 81.

¹⁰⁰ DEL PRIORE, Mary. *Op. cit.* p. 92.

A “pré-história nacional”¹⁰¹ se caracterizou como um período de grandes desafios e novas experiências para todos que vinham para as terras recém-descobertas, principalmente para as mulheres que chegaram pré-destinadas a constituir família de acordo com as exigências da Igreja

Por meio desses primeiros contatos entre os povos colonos e os nativos, a dispersão dos ideais europeus chegava à terra brasileira e fincava aqui os preceitos e as concepções da mulher. Não tardou que o feminino, tal qual era conhecido na Europa, chegasse ao Brasil, disseminando aqui modelos e representações da mulher destinada ao casamento: submissa, silenciada, branca; e da mulher destinada a fornicção: a pobre, a de rua, a mulata.

1.2. A boa esposa e a adúltera: entre Ave e Eva

*Da má mulher te guarde Deus, e da boa, desconfia.*¹⁰²

A partir do século XII, com o culto mariano¹⁰³, calcado na maternidade divina, na virgindade, na imaculada concepção e na assunção¹⁰⁴, houve um redirecionamento da visão que se tinha da mulher. No século XIII, houve uma grande valorização da maternidade, Maria triunfou como mãe¹⁰⁵. Com base nesses dois dogmas ligados ao culto mariano, a castidade e a maternidade divina, construiu-se o ideal de santificação de Maria, a Imaculada Conceição, que concebeu sem pecado. Por esse estado de santidade, após sua morte ocorreu sua Assunção corporal ao Céu, afastando-a de toda corrupção, e, por conseguinte, da condição humana¹⁰⁶.

¹⁰¹ Expressão criada por Azevedo Amaral. *Apud* FREYRE, Gilberto. **Casa Grande e Senzala: Formação da família brasileira sobre sob o regime da economia patriarcal**. 34ª Edição, Rio de Janeiro: Record, 1998.

¹⁰² Refrão popular.

¹⁰³ O culto mariano, título de mãe de Deus, foi instituído no concílio de Éfeso em 431 pela bula *Inefabilis Deus* de Pio IX.

¹⁰⁴ DALARUN, Jacques. Op. cit. 41.

¹⁰⁵ LEÃO, Ângela Vaz. Cantigas de Santa Maria de Afonso X, o sábio – aspectos culturais e literários. São Paulo: Linear B; Belo Horizonte: Veredas e Cenários, 2007. “Sabemos todos que o culto a virgem, surgido na Europa ocidental, nos séculos XI e XII, sob a influência do oriente próximo e médio, conheceu uma verdadeira explosão no século XIII, dando origem a um número considerável de catedrais e santuários, de ladainhas cantadas, de “milagres” representados, de coleções de “milagres” e “mistérios” narrados, todos destinados a celebrar a mãe de Deus. Essas narrativas e representações, misturavam fatos históricos com lendas antigas, enraizadas as vezes no folclore pagão, incluindo ainda criações pessoais, alimentadas pelo imaginário coletivo da época.” P 83

¹⁰⁶ DALARUN, Jacques. Op. cit. p. 41.

Na iconografia ela está mais próxima da humanidade por suas vestes e seu luto pela morte do filho, representa a virgindade, pois as virgens são consideradas mulheres perfeitas, tendo lugar ao lado dos santos no Paraíso, exaltando a superioridade da condição religiosa. Na terra são representadas pelas religiosas que fazem voto de castidade¹⁰⁷. Mas como Maria era um ideal a ser seguido, inatingível pelas mulheres comuns, surge a figura de Maria Madalena, a pecadora arrependida, demonstrando que a salvação é possível para todos que abandonam uma vida pregressa.

Os escribas e fariseus trouxeram à sua presença uma mulher surpreendida em adultério, fazendo-a ficar de pé no meio de todos e disseram a Jesus: Mestre, esta mulher foi apanhada em flagrante adultério. E na lei nos mandou Moisés que tais mulheres sejam apedrejadas; tu, pois, que dizes? Mas Jesus, inclinando-se escrevia na terra com o dedo. Como insistissem na pergunta, Jesus se levantou e lhes disse: aquele que dentre vós estiver sem pecado seja o primeiro que lhe atire pedra. E tornando a inclinar-se, continuou a escrever no chão. Mas, ouvindo eles esta resposta e acusados pela própria consciência, foram se retirando um por um, a começar pelos mais velhos até os últimos, ficando só Jesus e a mulher no meio onde estava. Erguendo-se Jesus e não vendo ninguém mais além da mulher, perguntou-lhe: mulher, onde estão teus acusadores? Ninguém te condenou? Respondeu ela, ninguém, Senhor! Então, lhe disse Jesus, nem Eu tampouco te condeno; vá e não peques mais¹⁰⁸.

A partir daí, surge a “teoria” da pecadora arrependida, demonstrando que a salvação é possível para todos os que abandonam uma vida cheia de pecados. Com essa imagem de mulher pecadora, que se arrepende e que segue o mestre até o Calvário, Maria Madalena veio mostrar que todos os pecantes são capazes de chegar a Deus.

O episódio protagonizado por Madalena garantiu à mulher o direito ao arrependimento, demonstrado pela prostração, pela humilhação e pelas lágrimas, em oposição ao possível poder de persuasão de Eva, que levou toda a humanidade ao pecado e, por isso, passou a ser considerada enganadora. Como consequência disso, a pregação feminina deveria ser sem palavras, feita apenas pela mortificação do corpo.

No Ocidente, o culto a Maria Madalena surgiu na igreja de Vézelay, onde estariam enterrados os restos mortais da Santa¹⁰⁹. O abade do santuário, Geoffroi (1037-1051), foi o difusor dessa ideia, no século XI. Em 1050 ele obteve a autorização para o

¹⁰⁷ CASAGRANDE, Carla. “A mulher sob custódia”. In: DUBY, Georges e PERROT, Michelle (dir.). **História das Mulheres no Ocidente**. Volume 2 – A Idade Média. Porto: Edições Afrontamento/São Paulo: Ebradil, 1995. p. 99-141.

¹⁰⁸ João - 8: 3-11.

¹⁰⁹ PILOSU, Mario. *Op. cit.*, 1995.

culto à Madalena no mosteiro, e uma bula papal confirmou a existência dos restos mortais da santa naquela igreja em 1058¹¹⁰.

Muitas passagens bíblicas fazem menção ao adultério, proibindo-o e condenando-o. O sétimo mandamento diz: “Não adulterarás¹¹¹”, entretanto, quando se fala nesse assunto, o que se sobressai mesmo é o adultério feminino, que valida a ideia, defendida pelos representantes da Igreja, de que as mulheres são mais suscetíveis ao pecado da luxúria, pecado feminino por excelência.

Outra história bíblica que versa sobre a traição é a de Davi e Bete-Seba que adulteraram e que não foram punidos, porque ele era rei. Porém Deus tirou a vida do filho deles. Vale salientar que pela lei dos homens e da Igreja isso não era prescrito como castigo para o adultério. A punição de Davi não atingiu diretamente o seu corpo, mas foi de outra natureza: foi mais cruel, se levarmos em conta a relação pai e filho (varão), que simbolizava a descendência, importante para a época.

Essas narrativas ajudam-nos a compreender o caráter econômico que havia por trás do adultério. A diferença entre crime e pecado mostra-se, nos episódios citados, diretamente ligada à condição social dos adúlteros. Maria Madalena seria apedrejada até a morte, muito provavelmente por ser mulher e pobre; já o rei Davi não foi punido de acordo com a lei da Igreja.

A traição feminina consistia na violação do contrato matrimonial; no “roubo da honra”. A mulher era punida com a morte, a não ser que o amante fosse de uma classe social superior à do marido. Quando isso acontecia, ela era perdoada em favor do matrimônio e o amante, apenas degredado.

Quando o homem traía a esposa, mesmo que publicamente, estava-se diante de uma desordem que, no entanto, não atingia a integridade do matrimônio, visto que o adultério era um elemento de alto poder desorganizador na circulação dos patrimônios, uma vez que as mulheres eram tidas como mercadorias, usadas para obter vantagens, e o casamento, geralmente, visava o aumento de terras. A esse tipo de traição dava-se o nome de “mancebia”, que era visto como um mal menor, o que permite perceber que a desigualdade entre os sexos, na sociedade patriarcal, envolvia, principalmente, questões ligadas ao poder econômico.

¹¹⁰ DUBY, Georges. **Heloísa, Isolda e outras damas do século XII**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995;

¹¹¹ Êxodo 20:14.

Desde os primórdios, o adultério constitui-se num assunto polêmico, principalmente, no que diz respeito à imagem da mulher; da esposa. Esse tema foi tratado, com muita rigidez, por algumas civilizações. Na antiga Babilônia, as mulheres eram privadas de um dos olhos para que só pudessem ver o seu amo e senhor. No Egito, a mulher que traía tinha o seu nariz mutilado e a morte era reservada para o seu amante. Já na Índia, a adúltera era devorada por cachorros em praça pública. Porém, na cidade de Esparta, a traição conjugal era vista com naturalidade e praticada de forma legal, por homens e por mulheres¹¹².

A literatura medieval, geralmente, não revela com precisão a vida ou as aspirações femininas pela intensa preocupação em fornecer um retrato de como elas deveriam ser, visto a sociedade laica ter absorvido o discurso clerical e, principalmente, pelo fato de muitos escritores serem religiosos ou a eles estarem estreitamente ligados por laços de parentesco. Nesse sentido, tais aspectos pesaram imensamente na elaboração da imagem feminina, principalmente baseados na *Bíblia*.

A mulher virtuosa é a coroa do seu marido, mas a que procede vergonhosamente é como apodrecimento nos seus ossos.¹¹³

Melhor é morar num canto de umas águas-furtadas do que com a mulher rixosa numa casa ampla.¹¹⁴

Analisando a literatura medieval sob um olhar destituído dos valores e juízos que as espelham, verificam-se, através da análise sócio-histórica-religiosa e literária, os modelos idealizados para a figura feminina. Segundo Georges Duby, muitos clérigos preocupavam-se em redigir normas de comportamento para as mulheres medievais. Alão de Lille (1128 – 1203), um intelectual do século XIII, frequentemente dirigia seus sermões para as virgens, as viúvas e as mulheres casadas. Além dessas, freiras e serventes também constituem o público dos pregadores Tiago de Vitry (+1221) e Gilberto de Tournai (1207 – 1284). Vicente de Beauvais (1190 – 1264) e Guilherme Peraldo (+1270) preocupam-se em orientar as meninas da corte para os futuros papéis de mulheres, viúvas ou virgens consagradas. João de Gales, um padre franciscano, redige um compêndio moral onde se dirige às mulheres casadas, às viúvas e às virgens.

Tiago de Varazze, um dominicano, volta-se às mulheres e às mães em seus sermões e em suas crônicas de Gênova. O leigo Felipe de Novara (1605 -1665) redige

¹¹² **As grandes civilizações desaparecidas.** Portugal: Edição de Selecções do Reader's Digest, 1981.

¹¹³ Provérbios 12:4

¹¹⁴ Provérbios 25:24

uma série de normas e condutas para as meninas, mulheres jovens, mulheres de meia idade e para as velhas.¹¹⁵

Após tantas normas, conselhos e advertências, o dominicano Humberto de Romans (1194 -1277) afirma ser necessário dirigir-se de maneira diferente aos diversos tipos de mulheres. Ele separava as mulheres em diversas categorias: as religiosas, distintas entre beneditinas, cistercienses, dominicanas, franciscanas, humilhadas, agostinianas, meninas que vêm a ser educadas nos conventos e beguinias, e as leigas, diferenciadas em nobres, burguesas ricas, meninas, servas em casa de famílias ricas, mulheres pobres que habitam em pequenas aldeias do campo e meretrizes.

A Igreja instituiu o sacramento do matrimônio para saciar e controlar as pulsões femininas. No casamento a mulher estaria restrita a um só parceiro, que tinha a função de dominá-la, de educá-la e de fazer com que tivesse uma vida pura e casta. Somente assim as mulheres poderiam alcançar a salvação, pois mesmo que homens e mulheres estivessem inscritos nas fileiras dos agraciados com a vida eterna, só alcançariam a graça se vivessem dentro das regras cristãs. Fica claro assim que não é possível analisar o que as mulheres pensam de si próprias: o que nos foi transmitido pelas fontes são modelos ideais e regras de comportamento que nem sempre são positivos¹¹⁶.

Essa dualidade entre a mulher casta e a mulher adúltera perpassa os séculos e ainda reverbera nas expressões artísticas de cunho popular. No cordel, a grande maioria das obras apresenta a mulher de forma depreciativa, mas contrapõe esta a castidade, único elemento que, se ligado à mulher, transforma-a de pecadora em santa.

Esse pensamento de boa esposa foi sendo disseminado ao longo dos tempos, através da mentalidade coletiva, fruto da hibridação de vários substratos mentais, e o poeta popular assimilando esse modelo, dissemina-o através de sua arte. No cordel *A mulher de antigamente e a mulher de hoje em dia*¹¹⁷, o autor traça um panorama entre as respectivas imagens construídas, desde o medievo à contemporaneidade, apresentando as características e as qualidades e defeitos desta e daquela. O exame da *mulher* de antigamente como modelo ideal, em contraste com o comportamento da *mulher* de hoje

¹¹⁵ DUBY, Georges. **Heloísa, Isolda e outras damas do século XII**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

¹¹⁶ KLAPISCH-ZUBER, Christiane. "Masculino/feminine". In: LE GOFF, Jacques e SCHMITT, Jean-Claude. **Dicionário Temático do Ocidente Medieval II**. Tradução de Eliane Magnani. São Paulo: EDUSC/ Imprensa Oficial do Estado, 2002, p. 137-150.

¹¹⁷ MONTEIRO, Manoel. **A mulher de antigamente e a mulher de hoje em dia**. Campina Grande: Gráfica Martins, 2006.

em dia, mais ativa e, por isso, ameaçadora da ordem e da moral, tem como fim exibir uma perspectiva de valoração, do ponto de vista patriarcal e conservador.

Deus após formar o mundo
Achou que era preciso
Povoá-lo, fez Adão,
Mas fez Eva sem juízo
E deixou os dois flertando
No pomar do paraíso...

(...)

No comecinho do mundo
Tudo era bem diferente,
Trabalhar não precisava
Adão vivia contente,
Só arruinou ao juntar-se
Eva, a maçã e a serpente.

Por que Deus disse a Adão:
- Coma de tudo, porém,
Não “coma” a maçã de Eva
Adão responde: Tá bem!
Mas veio a peste da cobra
Pra estragar o xerém.

(...)

O homem foi enganado
Por Eva e por Lúcifer
Mas ele em sua bondade
Dá tanta corda a mulher
Que ela pensa que pode
Fazer o que bem quiser.

O cordelista retrata a criação do mundo da mesma forma que o *Gênesis* bíblico, apresentando uma figura feminina desajuizada, propensa à maldade. Percebe-se nas estrofes citadas a ideia da mulher ligada ao mal, pondo o homem a perder, bem como a participação do demônio no episódio do pecado original. Os vocábulos “maçã”, “mulher” e “serpente”, na estrofe citada, são construções metafóricas que simbolizam o desequilíbrio, a instabilidade e o declínio do homem. Os três elementos denotam a maldição lançada por Deus, em consequência do pecado feminino.

Contrapondo a mulher do paraíso, o poeta apresenta algumas características que, de acordo com a moral cristã, condizem com o exemplo de boa esposa que deve ser seguido.

Quando a mulher é honesta
Leva vida recatada,
Não anda de porta em porta,
Nem gosta de cachorrada
Ao passar na rua, as outras
Dizem: - lá vai a pirada.

(...)

Naquele tempo a mulher
Era um ser quase divino
Vivia para o marido
E pra fazer menino,
Mulher não falava grosso
Homem não falava fino.

A mulher honesta referida pelo poeta, hoje em dia, tem uma postura tão diferente das outras mulheres que passa a ser anormal. Ele aproxima a mulher do divino, retratando o que a Igreja orientava para as mulheres “de bem”, registra a submissão feminina e evidencia a principal função da mulher: a maternidade. Através dessas estrofes, percebe-se o imaginário cristão acerca da boa mulher arraigada ao imaginário popular. Com a instituição do casamento pela Igreja, a partir do século XI, a maternidade e o papel da boa esposa ganharam relevância. E mais tarde, em 1943, o papa Pio XII reforça esses preceitos.

Ora, o ofício da mulher, sua maneira, sua inclinação inata, é a maternidade. Toda mulher é destinada para ser mãe [...]. A este fim o Criador ordenou todo o ser próprio da mulher, seu organismo, mas também seu espírito e, sobretudo, sua especial sensibilidade, de modo que a mulher, verdadeiramente tal, não pode de outro modo ver nem compreender a fundo todos os problemas da vida humana, senão com relação à família¹¹⁸.

Como se percebeu até aqui, as representações da mulher e do feminino em solo brasileiro, apesar da origem partilhada entre as culturas indígenas, africanas e europeias, não escondem a supremacia dos ideais cristãos sobre a boa mulher: a mãe, a rainha do

¹¹⁸ http://www.vatican.va/holy_father/leo_xiii/encyclicals/documents/hf_I-xiii_enc_15051891_rerum-novarum_po.html

lar, a esposa calada; e sobre a mulher má: a que tenta, a que rebola, a que fala, cristalizada, pois o cordelista, quando descreve a mulher de hoje, ele apresenta os problemas sociais e econômicos provocados por ela, vigentes na sociedade moderna, atualizando os substratos mentais, oriundos do medievo.

Em toda repartição
Tem uma mulher mandando,
Elas estão assumindo
Todos os postos de mando
E enquanto isso no lar
Tem uma mulher faltando.
[...]

Hoje, a coisa é diferente
A mulher tem liberdade
Até já trabalha fora!
É uma temeridade
A continuar assim
Vai-se a nossa autoridade

Dessa forma, apenas falar do contato do povo europeu com os povos da pré-história brasileira como formadores da imagem feminina hodierna, remanescente no cordel, é ilusório, pois tais representações vão ter seu apogeu na Idade Média. Essa imagem estigmatizada das personagens femininas do cordel em questão nos foi legada pelo processo de longa duração¹¹⁹ da mentalidade misógina medieval de forma cristalizada, ratificando a circularidade cultural.

¹¹⁹ O conceito de longa duração é utilizado nos estudos da História das Mentalidades e foi mais bem disseminado a partir da fundação da Revista dos Annales por Marc Bloch e Lucien Febvre em 1929. Segundo Jacques Le Goff, “A história seria feita segundo ritmos diferentes e a tarefa do historiador seria, primordialmente, reconhecer tais ritmos. Em vez do estrato superficial, o tempo rápido dos eventos, mais importante seria o nível mais profundo das realidades que mudam devagar [...] - trata-se do nível das ‘longas durações’ (Braudel)”. LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Tradução de Bernardo Leitão [et al.]. 5ª ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2003, p. 15.

2. A mulher como princípio do mal: da Idade Média à Literatura de Cordel

*Sabendo, como sabemos, que Deus não se engana nunca, é fácil adivinhar quem criou a mulher.*¹²⁰

O tema mulher evoca inúmeros papéis, status, modelos de comportamento, mitos, preconceitos e tabus. Todos esses aspectos relacionados à mulher são decorrentes de processos sociais, históricos e culturais.

Durante a Idade Média, séculos, a Igreja Católica defendeu e propagou a ideia de que a mulher era um ser, por natureza, inferior ao homem e essa inferioridade se refletia nos aspectos religioso e social. Este discurso foi defendido não só pela Igreja como também pela Medicina e pela Filosofia¹²¹.

Grande parte das divindades femininas das sociedades ancestrais, bem como a imagem da mulher no medievo, converge para um ponto em comum: ambas as representações eram responsáveis por tragar a força vital do homem. Aquelas, representadas por formas monstruosas e fabulosas, consumiam suas vítimas, sejam como as sereias das diversas mitologias¹²² ou como Estriges da etnografia grega. Da mesma forma, mulher malévola representada e difundida durante a Idade Média, sobretudo o período que compreende os séculos XI ao XIV, pelos clérigos medievais, de modo semelhante, era responsável por consumir as almas dos homens considerados puros¹²³. Tal afirmativa pode ser comprovada na passagem: “Fuja o Cavaleiro de Cristo dos afagos da mulher que põem o homem no último risco; para que com pura vida, e segura consciência chegue a gozar de Deus para sempre. Amen”¹²⁴.

A teologia medieval, comumente, associava a mulher ao diabo, acreditando que ela era sua companheira, sua serva e fiel seguidora. Em seu livro *A Idade Média – a cavalaria e as cruzadas*, Ivan Lins explica que o medo provocado pela mulher não excetuava nem mães nem irmãs dos clérigos, pois “o diabo era sempre mais temível quando revestia a forma feminina”¹²⁵.

Essas ideias ajudaram a compor o fabulário negativo referente à figura feminina e,

¹²⁰ Anônimo Francês.

¹²¹ RICHARDS, Jeffrey. **Sexo, desvio e danação: as minorias da Idade Média**. Tradução: Marco Antônio Esteves da Rocha e Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1993. Pág. 36.

¹²² BRANDÃO, Junito de Sousa. Op. cit.

¹²³ RICHARDS, Jeffrey. Op. cit. Pág.

¹²⁴ LINS, Ivan. **A Idade Média – A cavalaria e as cruzadas**. Rio de Janeiro: Coeditora Brasília (cooperativa), 1993. Pág. 163.

¹²⁵ LINS, Ivan. Ibidem. P. 162.

dessa forma, a *virago* era considerada pelos teólogos da época o princípio do mal, presente em todas as categorias menores de pecadores, segundo a concepção cristã medieval.

Foi só o argumento de ela haver cometido o pecado original que os levou a considerarem-na dotada de alma, porquanto, si o não fosse, não poderia ter responsabilidade tremenda transgressão de que decorreram os imensos sofrimentos que, há milênios, torturam a humanidade¹²⁶.

Os clérigos medievais definiram as categorias que deveriam ser perseguidas pela Santa Inquisição por irem contra os dogmas católicos: os hereges sexuais – homossexuais, prostitutas, leprosos; e os hereges religiosos – judeus, bruxos e hereges¹²⁷. Embora distintas num primeiro momento, todas essas minorias estavam ligadas pelo sexo. Nos discursos cristãos havia uma associação entre a luxúria e o demônio, responsável por demonizar os desviantes da fé. O sexo era a via mais comum para aproximar os homens do demônio

Existe um mal, acima de todos os males, que tenho consciência de que está sempre comigo, que dolorosa e penosa dilacera e aflige minha alma. (...) Este mal é o desejo sexual, o deleite carnal, a tempestade de luxúria que esmagou e demoliu minha alma infeliz, sugando dela toda a sua força e deixando-a fraca e vazia¹²⁸.

Este procurava dominar as mentes humanas, escravizando-as e usando-as para subverter a ordem natural de Deus e espalhar o pecado pelo mundo.

A etimologia da palavra para designar o feminino deixa a *mentalidade* sobre a mulher em evidência. Isidoro de Sevilha (560 – 636)¹²⁹ afirma que

a palavra para homem, *vir*, é função da força superior deste, enquanto a palavra para esposa, *mulier*, deriva da maior suavidade desta. Tais jogos de palavras tremendamente sérios continuam após – e são mesmo usados para substanciar – a Queda¹³⁰.

¹²⁶ LINS, Ivan. Op. cit. P. 162.

¹²⁷ RICHARDS, Jeffrey. Op. cit. p. 32.

¹²⁸ Santo Anselmo apud RICHARDS, Jeffrey. Ibidem. p. 34.

¹²⁹ [Doutor da Igreja](#), além de e [arcebispo](#) de [Sevilha](#). Considerado um dos grandes eruditos e o primeiro dos grandes compiladores [medievais](#). A sua obra influenciou largamente toda a produção intelectual na [Espanha](#) medieval.

¹³⁰ Isidoro de Sevilha apud BLOCH, R Howard. Op. cit. P. 34.

De acordo com Howard Bloch¹³¹, essas associações “tremendamente sérias” são usadas para ratificar a queda da humanidade provocada pela mulher. O Papa Inocêncio III (1160 – 1216)¹³² também discorreu acerca da terminologia do feminino. Escreveu:

Assim também, nascemos todos chorando para expressar a natureza da nossa miséria. Observa-se que o menino grita ‘Ah’ logo após o nascimento, e a menina grita ‘E’. Daí o verso comum: ‘Estão gritando ‘E’ ou ‘Ah’, /Todos eles nascidos de E-va’. Pois o que é o nome ‘Eva’, quando examinado cuidadosamente, senão *Eu!* mais *Ah!* – sendo estas palavras interjeições de pesar ou de grande dor. Por esta razão, antes da queda a mulher era chamada ‘vir-ago’ (‘feita do homem [vir]’), mas depois da Queda, ela mereceu ser chamada de ‘E-va’ (...).¹³³

Para os doutores da Igreja, a bruxaria e a luxúria faziam parte da atmosfera que envolvia a mulher. Kramer e Sprenger defendiam que “toda bruxaria advém do desejo carnal, que é insaciável nas mulheres¹³⁴” e creditavam tal comportamento à maior inclinação da mulher para a prática do mal e da bruxaria, uma vez que eram mais crédulas, volúveis e influenciáveis do que os homens.

No século VI, por exemplo, era proibido aos bispos receber qualquer mulher, a menos que estivessem presentes dois padres ou dois diáconos. Essa lei foi revalidada e ampliada por São Bernardo de Clavor (1090-153), no século XII, na Regra dos Templários, artigo 72, passando a incluir na proibição mãe, irmã ou tia.

É mui perigoso e arriscado atender com curiosidade e cuidado ao rosto das mulheres. E assim nenhum se atreva a dar ósculo a viúva, nem donzela, nem a mulher que alguma, ainda mui chegada em parentesco, como mãe, irmã ou tia¹³⁵.

Ivan Lins catalogou o depoimento do monge São Nilo (910-1005) sobre o medo que a figura feminina exercia sobre ele: “porque se eu vir uma mulher, voltará o demônio imediatamente a atormentar-me¹³⁶”. Kramer e Sprenger dedicaram dois capítulos inteiros no seu tratado de demonologia à castração masculina praticada pelas mulheres.

¹³¹ BLOCH, Howard. Op. cit., p. 34.

¹³² Papa do século XII. Foi o responsável pelo do Quarto Concílio de Latrão (1215). considerado o [concílio ecumênico](#) mais importante da [Idade Média](#).

¹³³ BLOCH, Howard. Op. cit. p. 34.

¹³⁴ KRAMER, Heinrich e SPRENGER, James. Op. cit. P. 121.

¹³⁵ LINS. Ivan. Op. cit. P. 163.

¹³⁶ LINS, Ivan. Op cit. p. 162.

No tratado *Adversus Jovinianum*, São Jerônimo (347 – 420) declara total desprezo e repulsa às mulheres, segundo Rosana Cantavella¹³⁷. Ele defendia a ideia de que as mulheres eram voltadas apenas para os prazeres carnavais e desprezavam qualquer virtude. Ainda de acordo com suas investigações, na obra *De Contemptu Feminae* atribuída ao monge cluniacense Bernat de Morlas (+ 1145), no século XII, são elencados inúmeros defeitos e vícios femininos “femina sordida, femina perfida, femina fracta [...] fossa novíssima, vipera pessima, pulcra putredo”¹³⁸. Para o religioso, as mulheres eram ignóbeis, pérfidas, covardes e corrompiam o que é puro e aviltavam as ações humanas.

Durante o período medieval, a imagem arquetípica de Eva foi exaustivamente explorada pela sociedade cristã e serviu de inspiração para pensadores, moralistas cristãos e escritores. Na literatura religiosa, a preocupação dos clérigos era elaborar preceitos e normas a serem acatados pela mulher para controlar a sua sensualidade e a sua sexualidade, pois para eles, as mulheres eram fracas, deixavam-se levar pelos instintos e por isso eram presas fáceis do demônio. Assim, a luxúria, de acordo com o clero, era inerente à mulher. O medo da mulher foi disseminado e fomentado não só pela alta cúpula do clero como também pelos leigos.

A temática da mulher, vista como um instrumento diabólico a partir de então, é constante na literatura ocidental e no cordel não é diferente. É comum encontrar nos “livrinhos de feira”, principalmente naqueles que tem como tema a traição e o adultério, a recriação de imagens de anti-heroínas; de mulheres pervertidas e falsas, as quais, movidas pelo desejo sexual, traem.

¹³⁷ CANTAVELLA, Rosanna. “Les Donnes medievals es mereixen estudis més acurats i humils”. In: **Revista d’história medieval publicació** editada pelo Departament d’Història Medieval de la universitat de València. 1992. Disponível em:

<http://centros.uv.es/web/departamentos/D210/data/informacion/E125/PDF77.pdf>. Acesso dia 2 de fevereiro de 2010.

¹³⁸ Idem.

2.1. A diabolização do feminino: sexo, luxúria e sedução

*Inimiga da paz, fonte de inquietação, causa de brigas que destroem toda a tranquilidade, a mulher é o próprio diabo.*¹³⁹

Como observado, a mulher foi divinizada nas sociedades pagãs tradicionais. Entretanto, durante a história da humanidade que sucedeu com o patriarcalismo, a mulher perdeu gradativamente seu aspecto divino e passou a ser associada ao mal.

Muitas são as figuras femininas que são apresentadas como flagelo da humanidade. Lilith¹⁴⁰ compõe as etnografias da Babilônia, da Suméria e Hebraica como sendo a primeira mulher de Adão que se rebelou no sexo e, assim, sendo expulsa do paraíso, foi em direção ao mar para gerar com os demônios que ali existiam filhos conhecidos pelas mitologias como os lilins. Ela é a primeira personagem das etnografias conhecidas que é diabolizada, responsável pela sedução e queda dos homens:

Ela [Lilith] se adorna com todos os tipos de enfeite, como uma mulher amorosa. Permanece nas entradas das ruas e velas a fim de seduzir os homens. Agarra o tolo que se aproxima dela, beija-o e enche-o com vinho contendo resíduo de veneno de cobra. Tão logo bebe isto, ele começa a segui-la. Quando ela vê que ele tem se desviado do caminho da verdade para segui-la, ela se desfaz de tudo que originalmente havia simulado para o tolo. Seus adornos para seduzir os homens são seus cabelos bem adornados vermelhos como uma rosa, suas bochechas, brancas e vermelhas, suas orelhas com correntes do Egito dependuradas em seu pescoço com todas as joias do oriente dependuradas. Sua boca é (muito pequena) como uma pequena fresta, um ornamento gracioso; sua língua afiada como uma espada. Suas palavras suaves como o óleo. Seus lábios são vermelhos como uma rosa, doces como toda a doçura do mundo. Ela se veste em carmesim, adornada com todos os tipos de joias do mundo, com 39 peças.¹⁴¹

“Quando ele [Adão] viu Lilith, o mais encantador dos demônios, em sua reluzente forma feminina (...). Filha do homem ela não é, tampouco, noiva de anjo¹⁴²”. Além de encantadora, ela seduz, corrompe, destrói, empregando artifícios luxuriantes

¹³⁹ Petrarca, 1374.

¹⁴⁰ Lilith é citada na epopeia de Gilgamesh (aprox. 2000 a.C.), no antigo testamento (Isaías 34:14) e em relatos da Torá assíro-babilônica e hebraica, dentre outras fontes históricas. Ela aparece no Zohar, ou livro do Esplendor, uma obra clássica do século XIII que constitui o mais influente texto hassídico, e no Talmud, o livro dos hebreus. Seus filhos demônios, os Lilins, são citados inclusive na versão sacerdotal da Bíblia. Outras fontes são o Alfabeto de Ben Sira (século VII), em que se inscreve a versão mais ingênua do mito, o Zohar (século XIII), que dá do mesmo a versão mais oculta, e a Cabala (por volta de 1600), onde vemos Lilith unir-se a Samael.

¹⁴¹ Zohar apud HURWITZ, Siegmund. **Lilith a primeira Eva. Aspectos históricos e psicológicos do lado sombrio feminino**. Tradução de Daniel da Costa. São Paulo: Fonte Editorial. 2006.

¹⁴² KOLTUV. Bárbara Black. O livro de Lilith. Tradução de Rubens Rusche. 9ª edição. São Paulo: Cultrix, 1997. p. 31.

que, como se vê posteriormente na Idade Média, são utilizados pelos demônios beleza, charme e adornos.

A cultura Greco-latina tem, na figura de Pandora¹⁴³, a recorrência de alguns elementos apresentados em Lilith, como a sedução, a beleza e a corrupção, excetuando, entre outros, a rebeldia em relação ao sexo. Ela é responsável por ter trazido aos homens todas as mazelas e fadigas. A história conta que ela foi criada por Zeus e abençoada por todos os deuses para castigar a humanidade em virtude de uma desobediência, praticada por Prometeu. Este enganou Zeus duas vezes para favorecer os mortais.

A raça humana vivia tranquila ao abrigo do mal, da fadiga e das doenças, mas quando Pandora, por curiosidade feminina, abriu a jarra de larga tampa, que trouxera do Olimpo, como presente de núpcias a Epimeteu, dela evolaram todas as calamidades e desgraças que até hoje atormentam os homens¹⁴⁴.

Muitas coincidências aproximam Pandora e Eva, a essência do pecado na cultura cristã. Foram as primeiras mulheres, cada uma em seu tempo, que, movidas pela curiosidade, marcaram a entrada do mal no mundo. Aquela quis saber o gosto da fruta proibida e esta, conhecer o que havia na jarra. Porém, a grande diferença entre as duas é a razão pela qual cada uma foi criada: a função de Eva era fazer companhia a Adão, ao passo que Pandora seria um instrumento a serviço do mal.

Eva figura na tradição judaico-cristã como a responsável pela queda da humanidade. Ficou em evidência após o episódio da “desobediência do primeiro casal”¹⁴⁵, no qual foi persuadida pela serpente a comer do fruto da árvore proibida, convencendo Adão a fazer o mesmo, desobedecendo a uma ordem de Deus, assim pondo a humanidade a perder. Esse episódio serviu como um dos principais argumentos usados pelos Pais da Igreja para fortalecer a atitude antifeminina vigente na época.

Com a reforma gregoriana, no final da Idade Média, foi instituído o celibato dos padres, tendo início, na Igreja, uma literatura misógina, que criou a dicotomia Eva / Maria. Ocorre então uma diabolização da mulher, que passa a ser representada centralmente como a descendente de Eva, que para a cultura cristã, é símbolo do pecado

¹⁴³ Pandora é, no mito hesiódico, a primeira mulher modelada em argila e animada por Hefesto, que, para torná-la irresistível, teve a cooperação preciosa de todos os imortais. Do ponto de vista religioso, Pandora é uma divindade da terra e da fecundidade. No panteão helênico não só Pandora aparece como figura feminina ligada a características funestas. Outras divindades femininas representavam sentimentos negativos como as Fúrias, a Discórdia ou Éris. BRANDÃO, Junito de Souza. Op. cit. 168.

¹⁴⁴ BRANDÃO, Junito de Souza. Idem.

¹⁴⁵ GÊNESIS 3:1-13

e da tentação¹⁴⁶. Ao mesmo tempo em que tem lugar esse processo, emerge uma tendência, num certo sentido oposta, com o fortalecimento do culto à Virgem Maria. Como as mulheres comuns estavam muito distantes do ideal da Virgem, criado pela Igreja, foram consideradas as agentes de Satã, responsáveis pela desgraça do homem, e por desviá-lo do caminho da salvação¹⁴⁷.

[...] Tu deverias usar sempre o luto, estar coberta de andrajos e mergulhada na penitência, a fim de compensar a culpa de ter trazido a perdição ao gênero humano [...] Mulher, tu és a porta do diabo. Foste tu que tocaste a árvore de Satã e que, em primeiro lugar, violaste a lei divina.¹⁴⁸

Tertuliano (160 – 225) revela nesse texto uma profunda aversão ao sexo feminino, comum entre os teólogos medievais. Percebemos claramente a diabolização da mulher que, comparada à Eva, é considerada culpada por todos os males. Era aconselhado aos homens afastar-se dela se pretendessem conseguir a salvação.

No século XII, num contexto de reforma moral da sociedade iniciada no século anterior, homens da Igreja vão falar sobre as mulheres. Para isso recorrem ao livro do Gênesis, aquele que segundo Georges Duby “relata a origem do gênero humano, a fundação da ordem moral, da ordem social e fornece, em algumas frases, uma explicação global da condição humana”¹⁴⁹. O principal deles é Santo Agostinho que faz a análise mais profunda sobre o livro que servia para responder as perguntas: por que a humanidade é sexuada? Por que é culpada? Por que é infeliz?

Para santo Agostinho todo ser humano possui em si o masculino e o feminino, para ele a mulher é semelhante ao homem, no entanto ela deve submeter-se a ele, pois foi feita como sua ajudante. Essa hierarquia de gênero também estaria relacionada ao fato de no homem prevalecer a razão e o espiritual, enquanto na mulher prevalece o desejo. O homem deve dominar a mulher, pois esta é oriunda dele e não o contrário.

Para Rose Marie Muraro, através do mito do Gênesis o homem, além de culpar a mulher por todos os males da humanidade – representados pela expulsão do paraíso – supera um complexo inconsciente: na criação quando a mulher é tirada da costela do homem, ele se convence de que pariu a primeira mulher. Ela parte da psicanálise para

¹⁴⁶ DELUMEAU, Jean, Os agentes de Satã III: a mulher. In: DELUMEAU, **História do Medo no Ocidente: 1300-1800**. São Paulo: Cia. das Letras, 1990, pp. 310-349.

¹⁴⁷ MURARO, Rose Marie. **A mulher no terceiro milênio**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1993.

¹⁴⁸ DELUMEAU, Jean, Op. Cit pp. 316.

¹⁴⁹ DUBY. Georges DUBY, Georges. **Heloísa, Isolda e outras damas do século XII**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995; p. 45.

analisar essa tese e como Duby, considera o mito judaico-cristão como sendo a base da civilização ocidental: “é o mito dos que creem e dos que não creem nele, dos antigos e dos modernos, porque o mito não é aquilo que ele diz, mas a estrutura psíquica que ele produz”¹⁵⁰.

Em pleno século XII, quando está sendo desenvolvida uma teologia e uma moral do casamento, aparece uma outra interpretação. Deus fez Eva da costela de Adão para mostrar a união monogâmica como indissolúvel. Vejamos o trecho de Robert de Liège (+1246):

Se o homem separa-se de sua mulher por causa qualquer que não seja fornicção, mutilado de uma costela, já não é completo. Para a mulher é bem pior: se abandona seu homem, ela não existirá mais para Deus, pois não é, de início, um corpo completo nem uma carne completa, mas apenas uma parte oriunda do homem.¹⁵¹

Porque Deus criou a mulher? De acordo com Agostinho, a mulher foi criada apenas para procriar, esta seria o *adjutorium* (a ajuda) para o homem. Não se justificaria a criação da mulher para ser companheira do homem, pois a criação de um segundo homem seria mais interessante para fazer companhia a Adão. Para Duby, essa ideia está bem de acordo com o que pensavam os padres do século XII a respeito das mulheres: conversadeiras, desobedientes e sedutoras e, portanto, seria melhor um casal de amigos que um casal formado por marido e mulher. Assim, esta criação estaria relacionada à vontade de Deus de “crescer e multiplicar” a humanidade¹⁵².

Em seguida à criação da mulher, o Gênesis cita a passagem em que Eva é tentada pela serpente e ocorre a Queda. Talvez esta seja a parte mais importante do mito, onde a mulher comete o pecado original e será culpada por todos os males da humanidade. Por que a serpente tenta Eva e não Adão? Parece-nos que Adão representa o espaço do divino, da ordem, diferente da serpente que representa a desordem e a contradição¹⁵³. Neste sentido, há uma associação da mulher com a serpente e uma dicotomia entre o homem e a mulher, estes representando perspectivas diferentes na relação com o mundo. Adão também desobedece a Deus, mas o faz por ser tentado pela mulher, esta é sedutora e ao mesmo tempo poderosa, pois foi capaz de convencer seu companheiro a obedecê-la, mesmo indo contra a vontade de Deus. É interessante que

¹⁵⁰ MURARO, Rose Marie. Op. Cit. p. 70-71.

¹⁵¹ DUBY, Georges.. **Heloísa, Isolda e outras damas do século XII**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995;. p. 51.

¹⁵² DUBY, Georges. Ibidem. P. 54.

¹⁵³ LEAL, José Carlos. **A maldição da mulher**. Rio de Janeiro: Achiamé, 1995 p.221.

este é o argumento que Adão utiliza para se justificar com Deus: “a mulher que me destes por companheira deu-me do fruto da árvore e comi”. Eva desestabilizou a relação do homem com Deus, portanto é um ser destrutivo.

Eva desintegrou a ordem criada por Deus, criando uma nova ordem. Ela foi criada para ser passiva, no entanto, ela subverte essa ordem ao fazer o homem pecar, e então Deus a recoloca no seu lugar, punindo-a com a submissão ao homem.

As consequências da Queda não atingiram apenas Adão e Eva, a punição do Senhor será para toda a humanidade. No castigo divino, o homem é condenado ao trabalho pesado, enquanto a mulher “darás à luz a teus filhos com dor e estarás sob o poder do teu marido e ele te dominará”¹⁵⁴. O texto torna sagrado a dominação do homem sobre a mulher, este é um direito divino e inquestionável já que é consequência do pecado da mulher. Mas tem ainda uma questão importante. O castigo da mulher está relacionado à sua sexualidade, lembremos que o casal não percebia estar nu, antes que o pecado fosse cometido, ou seja, no Paraíso não havia desejo carnal, ele passa a existir com a transgressão feminina. Esta relação mulher / corpo / sexualidade está muito presente nas representações fundamentadas pelos textos dos padres da Igreja, principalmente no período medieval. Como afirma Duby “no século IX, no mundo monástico, a coisa é assim entendida: o pecado é a mulher, e o sexo, o fruto proibido”¹⁵⁵.

Voltemos a Agostinho e seus seguidores. Para eles a mulher pecou por orgulho e cobiça e o seu maior pecado foi a vontade de comandar. Ela quis ser mais que o homem e mais que Deus. Esse abuso feminino é intolerável. Ela pecou contra Deus e contra o homem e por isso foi duplamente castigada.

Ao buscarem as leituras e interpretações do Gênesis, os padres medievais não estavam preocupados apenas com os seus fiéis, eles também precisavam cuidar de si mesmos. Estando na categoria dos homens não sexuados precisavam convencer-se de que a mulher é um agente de satã na terra, nela só existiria tentação e sedução, portanto era preciso afastar-se para obter a salvação. Para eles “na origem de toda transgressão da lei divina encontra-se o sexo (...) sabem o que é ser tentado e estão cheios de indulgência para com Adão”¹⁵⁶.

¹⁵⁴ GÊNESIS. 3:16

¹⁵⁵ DUBY, Georges. **Heloísa, Isolda e outras damas do século XII**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995; p. 55.

¹⁵⁶ DUBY. Georges. **Eva e os Padres**. Lisboa: Editorial Teorema, 1996. p. 64.

Como resistir à tentação se as mulheres estão por toda parte? Segundo os eruditos estudados por Duby, os celibatários são os que mais correm perigo, dentre estes os clérigos ou os cavaleiros sem mulher. O perigo está em toda parte, nas cidades, nos campos, e também no interior da casa, onde a tentação é constante. Apropriar-se das “mulheres da casa” (geralmente criadas) não é considerado adultério, já que elas estão disponíveis, “tomá-las ou masturbar-se, ambos os atos tem a mesma tarifa nos penitenciais”¹⁵⁷.

Diante desse quadro, alguns padres aconselham o casamento como uma forma de defesa para os homens. São Paulo inclusive recomenda: “O melhor é o homem não tocar a mulher. Todavia, para evitar a fornicção, tenha cada homem a sua mulher e cada mulher o seu marido”¹⁵⁸. No século XII, as autoridades da Igreja vão torná-lo o sétimo sacramento¹⁵⁹. No entanto, há uma questão a ser resolvida: como considerar o casamento um sacramento se nele ocorre a união carnal? A resposta é mais uma vez buscada no Gênese: o casamento foi instituído por Deus no Paraíso, e só a procriação justifica os prazeres carnis. Também de acordo com o Gênese, está claro o papel da mulher nessa instituição: esta deve servir o homem, ser sujeita a ele, podendo sofrer todas as humilhações, pois senão logo trará discórdia ao leito matrimonial. Os padres buscam os defeitos das mulheres, as veem como eternas Evas, na busca pelo prazer sexual, na busca pela dominação do homem.

Contudo, esse discurso não é homogêneo. Há uma série de textos que se opõem complementemente ao casamento, considerando que o melhor caminho para o homem é afastar-se das mulheres, estes seres traiçoeiros. Vejamos o exemplo de Petrarca neste texto escrito no século XIV:

A mulher (...) é um verdadeiro diabo, uma inimiga da paz, uma fonte de impaciência, uma ocasião de disputas das quais o homem deve manter-se afastado se quer gozar a tranquilidade (...) Que se casem, aqueles que encontram atrativo na companhia de uma esposa, nos abraços noturnos, nos ganidos das crianças e nos tormentos da insônia (...). Por nós, se está em nosso poder, perpetuamos nosso nome pelo talento e não pelo casamento, por livros e não por filhos, com o concurso da virtude e não com o de uma mulher¹⁶⁰.

¹⁵⁷ DUBY. Georges. *ibidem.* p. 65.

¹⁵⁸ 1 Cor. 7: 1-3

¹⁵⁹ DUBY. Georges. *Idem.*

¹⁶⁰ DELUMEAU, Jean. *Op. Cit.* p. 319.

De acordo com Howard Bloch é possível encontrar escritos antifeministas em vários momentos na sociedade ocidental, a exemplo do *Roman de la rose*, de Jean de Meun (1240 – 1305), escrito entre 1275 e 1280:

Ah, se eu tivesse acreditado em Teoafrostos, jamais teria esposado uma mulher. Ele não tem por sábio o homem que toma uma mulher em casamento, seja feia ou bonita, pobre ou rica. Pois ele diz, e acredite, em seu nobre livro Aureole, que seria bom ler na escola, que ali há uma vida cheia demais de tormento e desgosto.¹⁶¹

O texto é parte das *molestiae nuptiarum*, as dores do casamento, que qualificam as esposas como briguentas, orgulhosas, exigentes, queixosas e tolas, além de incontroláveis, instáveis e insaciáveis. O “tormento e desgosto” a que se refere o texto está relacionado a uma visão da mulher como mais faladora que o homem. De acordo com Bloch, essa ligação do feminino com as seduções e as armadilhas da fala “já está latente muito antes do século XIX e mesmo antes da era cristã”¹⁶². Ela aparece nas sereias de Homero, na figura de Pandora em Hesíodo, ou mesmo no Velho Testamento, na narrativa da Queda, em que a mulher semeou discórdia entre Deus e o homem através da fala.

De acordo com os pregadores, as mulheres falam muito, falam mal e mentem com extrema habilidade. Trocam maledicências, discutem entre si, são insistentes, lamentam-se demais, nunca param de falar, são cansativas, petulantes e sabem usar a palavra de forma perversa e conduzir ao erro.

Aqui também encontramos outra característica criticada nas mulheres pelos clérigos, a tagarelice. Afinal, foi por um pedido de Eva que Adão aceitou o fruto proibido, e por isso, ela foi considerada enganadora¹⁶³. É nessa recriminação em ouvir o discurso feminino que se fundamenta a proibição da pregação feminina nos altos cargos clericais. Para Gil de Roma (1243 – 1316)¹⁶⁴, tais desvios de comportamentos devem-se à sua natureza débil e irracional, demonstrados pela incapacidade de parar de falar. Falam de tudo, principalmente de coisas estúpidas e inconvenientes. Quando se deixam levar por sua incontrolável passionalidade, não conseguem parar.

Nas cantigas dos trovadores, conhecidas como *Les Fabliaux*, a afirmação “em troca, as mulheres são sempre intrigantes, inconstantes, pouco escrupulosas, briguentas,

¹⁶¹ BLOCH, R. Howard Op. cit. p. 23.

¹⁶² Ibidem. p. 24

¹⁶³ Ibidem. p. 30.

¹⁶⁴ Idem.

queixosas, lascivas e sem-vergonhas”¹⁶⁵ mostra a mentalidade que percorria a Europa no medievo. A mulher que fala demasiadamente é perigosa, perversa, fonte de discórdias no seio familiar e na sociedade. A mulher loquaz é voltada para o exterior, que constrói e destrói com palavras. Mostra-se amigável, disponível e em seguida corruptível. Nesse sentido, de acordo com Duby, os clérigos medievais viam a necessidade de criar novas barreiras e proibições, baseadas nas regras das *taciturnitas*, em que a mulher deveria falar pouco, de forma contida e somente quando fosse necessário, observando-se o silêncio monástico. Reverentes, reclusas no espaço doméstico, deveriam aguardar que o seu marido ou seus genitores lhe dirigissem a palavra para, numa postura humilde, responde-lhes o necessário. Fora isso, podiam aconselhar ou dar avisos¹⁶⁶.

A persuasão do discurso feminino, reconhecida por autores medievais, permitia-lhe que confortasse e instruisse o marido e os filhos, principalmente as meninas. Era preciso impedi-las de tomar decisões importantes e duradouras e sequer deveriam saber de certos assuntos, por sua natural incapacidade de guardar segredos.

Além da inquietação com a mulher, permeava a preocupação dos religiosos com a vida sexual dos cristãos. Tal postura fazia-se perceptível pelo conjunto de regras criadas pela Igreja referentes aos assuntos sexuais, definindo e prescrevendo condutas que iam desde regras gerais (fidelidade, virgindade, celibato) até os níveis da intimidade dos casais através da indicação de posições sexuais consideradas incorretas e impuras. São Paulo, com efeito, escreve aos coríntios:

É bom ao homem não tocar em mulher. Todavia, para evitar a fornicação, tenha cada homem a sua mulher e cada mulher o seu marido. O marido cumpra o dever conjugal para com a esposa; e a mulher faça o mesmo com relação ao marido.¹⁶⁷

O prazer físico era veementemente condenado pela igreja. Com a união através do casamento, foram estabelecidas disciplinas para as relações sexuais entre os casais. O sexo era normatizado, pois deveria ocorrer na posição considerada natural¹⁶⁸, com a mulher por baixo do homem, inferiorizando-a. Todas as outras posições eram proibidas,

¹⁶⁵ LOI, Isidoro. Op. Cit. P. 21

¹⁶⁶ Duby, G. **Eva e os Padres**. Lisboa: Editorial Teorema, 1996. 133 a 136.

¹⁶⁷ I Cor. 7, 1-3

¹⁶⁸ Os teólogos reconheciam esta posição como a única “natural”, sendo todas as outras “antinaturais”, porque modelavam o homem ao animal, invertiam a natureza hierárquica do homem e da mulher e porque outras posições eram suspeitas de prevenir a concepção e, portanto, contrariarem a natureza do casamento, sendo a contracepção o pior pecado do sexo. TANNA HILL, 1980.

consideradas imorais e escandalosas¹⁶⁹. A mulher, em hipótese alguma, deveria demonstrar sensação de prazer. Deveria manter-se passiva e em silêncio. A relação carnal era terminantemente proibida em dias de festas religiosas, especialmente nos dias em que os fiéis deveriam manter-se em jejum. “Jean Louis Flandrim calculou que na Alta Idade Média cerca de 180 dias por ano eram liturgicamente proibidos para relações sexuais sem contar os dias de menstruação, gravidez e amamentação, igualmente de abstinência”¹⁷⁰. O ato deveria ocorrer apenas para a procriação. Fora do período conceptivo, deveriam abster-se de qualquer contato carnal, principalmente se a descendência já estivesse garantida.

Uma das justificativas criadas para tentar explicar o desejo sexual e para diminuir o peso do pecado foi a criação do mito sobre os demônios do sexo: o *Íncubus* (do latim *incubare*, significa ‘deitado em cima de’) e o *Sucubus* (do latim *sucubare*, quer dizer ‘deitado em baixo de’). O primeiro tinha como missão tentar a mulher nos desejos e nos prazeres da carne; o segundo, a mesma função, só que em relação aos homens. Eles faziam isso assumindo o corpo de alguém sexualmente atraente, como namorados, esposas ou alguém conhecido.

Os religiosos medievais acreditavam que esses demônios sugavam, através dos sonhos e do pensamento, a força vital das vítimas, que à época representava a alma. Sobre a gênese dessas criaturas pouco se sabe¹⁷¹.

A mitologia hebraica credita a Lilith¹⁷² a “maternidade” desses demônios. Depois de ser expulsa do paraíso por se insubordinar a Adão, passou a copular com

¹⁶⁹ FRANCO Júnior, Hilário. **A Idade Média, nascimento do Ocidente**. São Paulo: Brasiliense, 2005, p. 130.

¹⁷⁰ FRANCO Júnior, Hilário. Op. cit. p. 130.

¹⁷¹ Na Antiguidade Clássica, esses demônios já se faziam presentes na figura de Zeus que, transmutado, seduziu Leda e Europa e em Lamia (metade mulher e metade serpente), que seduzia homens, metamorfoseada. As novelas de cavalaria, uma das mais importantes manifestações da prosa medieval, derivadas de canções de gesta francesas e de poemas épicos, expõem narrativas compostas por elementos fantásticos e maravilhosos. Tais produções eram divididas em três ciclos: o arturiano, o clássico e o carolíngio, e ainda há quem acrescente o ciclo bizantino. As correspondentes ao ciclo arturiano que serviram de base para as novelas de cavalaria portuguesas, estão repletas de histórias protagonizadas por esses demônios. Nos episódios d’*A Demanda do Santo Graal*, “Tentação de Persival” e “A fonte da virgem”, há registros da presença da *sucubus* e do *incubus*, respectivamente. No primeiro episódio, Persival é tentado por um demônio transmutado em uma linda donzela, e, no segundo, a donzela é atacada por um demônio metamorfoseado na figura do seu irmão. O mago Merlin, conselheiro do Rei Arthur, é fruto da copulação entre um *incubus* e uma princesa. Desta forma, pode-se perceber que as recorrentes aparições dessas criaturas, a partir da metamorfose, remontam histórias míticas da antiguidade e também fazem parte do fabulário medieval. *A Demanda do Santo Graal*; Apresentação e tradução de Heitor Megale. Edição resumida. São Paulo: Ateliê Editorial/Editora Imaginário, 1996.

¹⁷² Segundo a mitologia hebraica, Lilith teria sido criada antes de Eva e por ter se insubordinado foi banida do paraíso. Há referências sobre ela na Bíblia no livro de Daniel, capítulo 4 e no livro de Isaías,

anjos caídos e teve muitos “filhos”, os chamados Lilins, os quais seduziam os fracos mortais no silêncio da noite.

Na Idade Média, esses seres transcenderam o universo do mítico, do maravilhoso, ganhando uma conotação real, servindo à dominação ideológica. Tal justificativa teve boa aceitabilidade e esses demônios passaram a ser culpados pela perda da virgindade de muitas donzelas, pelo adultério cometido por mulheres casadas, pela negação de um filho, fruto de um adultério, e, ainda, pelo nascimento de alguma criança defeituosa. Como consequência dessa criação, muitos fiéis foram isentados de culpa ou penalizados de forma branda.

Muitas são as recorrências de mulheres que têm em si o aspecto do terrível, do devorador, seja ele representado de forma objetiva ou subjetiva. É possível encontrar registros de mulheres com esse aspecto, que nas palavras de Delumeau,

No inconsciente do homem, a mulher desperta a inquietude, não só porque ela é o juiz de sua sexualidade, mas também porque ele a imagina de bom grado insaciável, comparável a um fogo que é preciso alimentar incessantemente, devoradora como o louva-deus. Ele teme o canibalismo sexual de sua parceira (...) ou ainda ele imagina Eva como um oceano no qual seu frágil navio flutua com precariedade, como sorvedouro que o aspira, um lago profundo, um poço sem fundo. O vazio é a manifestação fêmea da perdição, assim, é preciso resistir aos turvos apelos de Circe e de Lorelei. Pois, de qualquer maneira, o homem jamais é vencedor no duelo sexual. A mulher lhe é “fatal”. Impede-o de ser ele mesmo, de realizar sua espiritualidade de encontrar o caminho da salvação. Esposa ou amante, é carcereira do homem. Este deve, pelo menos, as vésperas ou no caminho de grandes empreendimentos, resistir às seduções femininas. Assim fazem Ulisses Quetzalcoált. Sucumbir ao fascínio de Circe é perder a identidade. Da Índia à América, dos poemas homéricos aos severos tratados da Reforma Católica reencontra-se esse tema do homem perdido porque se abandonou à mulher¹⁷³,

No fabulário ibérico do século XV, a sereia portuguesa foi formada a partir da hibridação entre Oceânides e Sirenes gregas e a Moura Encantada¹⁷⁴ que trazem consigo o aspecto devorador apresentado por Delumeau.

O mito da sereia chegou ao Brasil através dos portugueses, quando da colonização. O europeu além da língua e dos costumes trouxe também os seus valores, crenças, mitos e lendas. Porém, já existia entre os nativos a lenda de um fantasma

capítulo 34. Nestas referências ela aparece como uma coruja. SICURETI, Roberto. *Lilith, a lua negra*. São Paulo: Paz e Terra, 1990.

¹⁷³ DELUMEAU, Jean. *Op.cit.* P. 467.

¹⁷⁴ CASCUDO, Luis da Câmara. **Geografia dos mitos brasileiros**. 2ª Edição. São Paulo. Global, 2002. P. 148. A Moura Encantada contribuiu para a formação dessa lenda. Temos uma mulher encantada, de cabelos longos, de incomensurável beleza que canta e oferece tesouros para quem dela se enamora.

marinho que matava índio, afogando-o. “Há também nos rios outros fantasmas, a quem chamam Igpupiara, isto é, que moram n’água, que matam do mesmo modo aos índios¹⁷⁵”. Não foi difícil os portugueses associarem as características dessa criatura aquática à sua já conhecida sereia que atrai os homens para a morte. Esse diagnóstico nos faz perceber que há um imaginário comum em torno do mito da criatura marinha que mata. Concluindo, o etnógrafo potiguar aponta que “bastava que um detalhe coincidissem ou o aspecto geral lembrasse as estórias ouvidas na pátria. O episódio ficava assimilado com as nuances locais e se tornava um só¹⁷⁶”. Desse modo, durante o processo de construção desse mito, a herança cultural dos portugueses misturou-se à cultura indígena, permutaram-se conhecimentos, vivências e valores, surgindo, através do hibridismo cultural, um amálgama *sui generis*.

Há inúmeras lendas referentes à Iara (ig-água, iara-senhor), principalmente no Norte do país. De acordo com Câmara Cascudo, mitos africanos ajudaram a compor a lenda da Iara, destaque-se a Kianda, sereia africana dos Kimbundos e a Kiximbi dos mbakas, e, ainda a poderosa Osun, orixá dos lagos, todas pertencentes a teogonia africana.

Segundo Paes Loureiro, “a Iara – Mãe d’água – vive nas encantarias do fundo dos rios. Ela atrai os moços e os fascina, mostrando-lhes seu rosto belíssimo à flor das águas e deixando submersa a cauda de peixe¹⁷⁷”. O historiador Vicente Salles a define como “a mais perfeita convergência cultural na mítica amazônica, reunindo figuras antológicas de vários continentes¹⁷⁸”.

A Iara, portanto, configura-se como um mito híbrido, formado a partir de *resíduos* de lendas europeias e indígenas, como analisou Câmara Cascudo: “A Iara é uma roupagem de cultura europeia. Não há lenda indígena que tenha registrado a Iara de cabelos longos e voz maviosa. [...] A presença da Iara denuncia o branco ou a influência assimiladora do mestiço, irradiante e plástico¹⁷⁹”.

Em cordéis do nordeste brasileiro, são recorrentes, também exemplos de mulheres devoradoras, como a Iara e Saiona, as quais seduzem suas vítimas – pelo canto ou pela beleza – e as matam. Essas personagens apresentam em sua natureza alguns elementos

¹⁷⁵ Ibidem. p. 150.

¹⁷⁶ ibid. p. 147.

¹⁷⁷ LOUREIRO, João de Jesus Paes. **Cultura Amazônica: uma poesia do imaginário**. 1ª Ed. Rio de Janeiro: Escrituras, 2001. Pág. 37.

¹⁷⁸ Idem. p. 48.

¹⁷⁹ CASCUDO, Luis da Câmara. Op.cit. p. 153.

residuais atemporais, dentre os quais foram pontuados a sedução, a luxúria e a fatalidade.

No cordel *A Lenda da Iara ou os mistérios da mãe d'água*, de Evaristo Geraldo Silva¹⁸⁰ como o título sugere, tem-se o relato do mito difundido na cultura brasileira da conhecida sereia europeia com a roupagem local. Logo no início do relato, o autor mostra-se consciente da influência estrangeira na referida personagem, bem como de suas variações.

A história que vou narrar
É sobre a lenda da Iara
Que conforme a região
Muda de nome e de cara
Chamam-lhe de Alamoá,
Mãe d'água e Iupiará.

A origem dessa lenda
Vem da cultura europeia
Lá ela é bem conhecida
Já tornou-se uma epopeia
Fizeram livros e filmes
Para essa grande plateia.

Toda a Europa a conhece
Pelo nome de sereia
Seu olhar hipnotiza
E seu canto desnorteia
Esse ser domina o homem
Feito mosca em uma teia.

Será observada nessa narrativa a relação estreita que há entre a Iara e os elementos ligados aos demônios do sexo e à mulher, que são a metamorfose, a sedução, a luxúria e seu caráter maligno. A descrição da Iara no cordel em análise apresenta muitas características que remetem à sereia portuguesa mencionada por Câmara Cascudo, entre outras, o “feitiço irresistível da voz”. O canto se configura numa das principais peculiaridades desse mito.

O vulto era uma mulher
De beleza sem igual
O jovem Jaguarari
Sente uma atração fatal

¹⁸⁰ SILVA, Evaristo Geraldo. *A lenda da Iara ou Os mistérios da mãe d'água*. Fortaleza: Tupynanquim Editora, 2005.

Porque ela tinha um canto
Místico e sobrenatural.

Se aproxima ela cantando
Sua canção hipnótica
Ela ainda o induzia
pelo sentido da óptica
Deixando Jaguarari
Numa situação caótica!

O jovem índio sentiu-se
Ali igualmente um mago
E o seu primeiro impulso
Foi de se atirar no lago
Para abraçar a mulher,
Beijar-lhe, fazer afago.

Merece atenção, na terceira estrofe, o impulso do jovem Jaguarari em pular no lago. A atração e o desejo que sentiu por ela foram incontroláveis, não permitindo refletir que ali, no lago, poderia ser a Iara, pois ele sendo índio deveria conhecer essa lenda e já ter sido alertado sobre ela.

Concernente aos aspectos demoníacos, a Iara não sai do pensamento do índio Jaguarari, deixando-o perturbado. Do mesmo modo agia a *sucubus* com as suas vítimas:

Outros dias se passaram,
Ele com a mesma aparência.
Sempre lhe vinha a visão
Perturbar a consciência
O jovem pagava assim
Uma grande penitência.

Por muitos dias durou
Todo aquele sofrimento.
Olhando perdidamente
Pro lago a todo momento
Sem tirar um só instante
A Iara do pensamento.

Quanto ao elemento sedutor, este está por todo o texto, caracterizado pelo encantamento através da beleza da Iara, usado por essa criatura para atingir seu objetivo de devorar a alma de Jaguarari: “Numa belíssima visão/ era um vulto fascinante/ que prendeu sua atenção” e “o vulto era uma mulher/de beleza sem igual”. E enfeitiçado

por sua beleza, o jovem guerreiro indígena tenta, mas não resiste aos encantos da Iara e sai a sua procura por não conseguir tirá-la do pensamento.

Assim em certa manhã
Pega o índio a sua igara
E desce o rio pensando
Em encontrar cara a cara
A bela ninfa das águas
Conhecida por Iara.

Alguns índios que estavam
Às margens do ribeirão
Viram quando o jovem índio
Parou sua embarcação
E uma mulher deslumbrante
Subiu lhe estendendo a mão.

De acordo com a lenda, para sobreviver a essas criaturas é preciso cantar melhor do que elas ou resistir ao seu canto. Neste cordel, a maldição da lenda se cumpre, e Jaguarari, enfeitiçado e movido pelo desejo sexual, é seduzido e se “perde”. Na *Odisséia*, de Homero, podemos citar um caso semelhante: Ulisses ou Odisseu também foi tentado por sereias, mas resistiu ao encontro com as deidades marítimas¹⁸¹. Percebe-se entre esses dois exemplos uma forte similitude, levando-se em conta o episódio de “Odisseu e as *sereias*” da rapsódia XII, da narrativa homérica.

Chegarás, primeiro, à região das Sereias, cuja voz encanta todos os homens que delas se aproximam. Se alguém sem dar por isso delas se avizinha e as escuta, nunca mais sua mulher nem seus filhos pequeninos se reunirão em torno dele, pois ficará cativo do canto harmonioso das Sereias.¹⁸²

Apesar da semelhança da tentação, o desfecho foi inverso. Ulisses amarra-se ao mastro de sua embarcação e resiste ao canto sirênico, Jaguarari, como se vê nas estrofes abaixo, sucumbe aos encantos da Iara:

Aquela mulher tão bela
Era a ninfa feiticeira
Que abraçou Jaguarari
E sumiu na ribanceira
Nunca mais o jovem índio
Voltou àquela ribeira.

¹⁸¹ HOMERO. *Odisséia*; Trad. de Odorico Mendes; Org. Antonio Medina Rodrigues; Prefácio de Haroldo de Campos. São Paulo: Ars Poética / EDUSP, 2000.

¹⁸² HOMERO. Op. Cit. P. 158.

Por causa da obsessão
Jaguarari se perdeu.
Partiu pro fundo do rio
E jamais apareceu.
Foi ser marido da Iara
Gozar eterno himeneu!!!!

Da mesma forma, vê-se claramente que assim como o *incubus* e o *sucubus*, a Iara apresenta a mesma essência diabólica destes, valendo-se da beleza, da sedução e da luxúria para consumir o seu objetivo de levar a vítima à perdição.

Assim como no exemplo anterior, no cordel *Saiona – A mulher dos olhos de fogo*¹⁸³, cujo título também se mostra muito revelador acerca da temática abordada, registra-se, do mesmo modo, elementos luxuriantes e diabólicos. Novamente a *sucubus* se faz presente nesta narrativa que conta a lenda de uma mulher que tem o rosto de caveira, olhos de fogo, usa uma longa saia e vive na floresta, atacando os homens da região.

O episódio em questão apresenta dois caçadores que trabalhavam nas redondezas e depois de um dia cansativo e sem capturar nada, resolvem voltar para casa, mas observam que já está muito escuro, que estão muito longe, mais exatamente no alto da montanha, e decidem pernoitar ali e seguir o caminho de volta logo cedo. Um dos caçadores, o mais novo, comenta que gostaria de estar em casa e ser aquecido pela sua mulher ao invés daquele fogo, e é repreendido pelo amigo que o alerta sobre a lenda da Saiona.

Sentados junto ao fogo
Começaram a conversar
Um falou: – Ah! Meu compadre
Quem dera estar em meu lar
E ao invés dessa fogueira
Minha mulher me esquentar.

O outro, um senhor mais velho,
Tratou de o repreender:
- compadre, não fale assim!
(E começou se benzer)
Desse jeito você pede
Pra Saiona aparecer

¹⁸³ RINARÉ, Rouxinol do. **Saiona – a mulher dos olhos de fogo**. Fortaleza: Tupynanquim Editora, 2005. A lenda da mulher que tem rosto de caveira, olhos de fogo e veste uma grande saia é de origem venezuelana. Domínguez, Luis Arturo. **Encuentro con el folklore en Venezuela**. Caracas: Editorial Kapelusz Venezolana, 1990.

Nossos avós já diziam:
“Não fale em mulher no mato
Senão a Saiona vem”.
Isso não é lenda, é fato...
Mal calou-se, um assobio
Rompe o silêncio no ato.

Logo em seguida à repreensão, eles ouvem o piar da coruja, também conhecida como rasga mortalha, e ficam assustados, pois, de acordo com a crendice popular, esse pássaro anuncia desgraças ou a morte “próxima e inevitável” pelo seu canto lúgubre¹⁸⁴.

Logo em seguida uma luz
Vem daquela direção
Olhando lhes parecia
Flutuar na escuridão
E quando chegou mais perto
Ficaram os dois sem ação.

Perceberam uma visão
Das mais impressionantes.
Era uma bela mulher
De olhos negros, brilhantes,
Que os dois homens ficaram
Mudos por alguns instantes.

Era alta, pele branca,
Qual capucho de algodão.
Cabelos pretos e longos
Causava grande impressão
Vestindo uma enorme túnica
Que arrastava no chão!

A mulher se aproxima, cumprimenta os caçadores e senta junto deles, mas próxima do caçador mais novo. O homem mais velho imagina que aquela é a Saiona. Ela ataca perturbando o espírito da sua vítima, aqui, o caçador mais novo, metamorfoseando-se numa pessoa próxima e desejada por esta, depois seduz e mata.

- Boa noite! – Disse ela,
E junto ao fogo sentou
Próxima do caçador jovem
Que da mulher se lembrou.
- Só pode ser a Saiona!,

¹⁸⁴ CASCUDO, Luis da Câmara. **Dicionário do Folclore Brasileiro**. 9ª Ed. Revista, atualizada e ilustrada. São Paulo: Global editora, 2000.

O velho balbuciou.

Ela ouviu, claro, porém
Fingiu não ter escutado
Sorridente, sedutora
Tinha o jovem enfeitado
E ele com olhar de bobo
Lhe fitava embasbacado.

E na hora de dormir
Levou-a sem dizer nada
Deitou com ela na rede
Que num galho estava armada
Pois via o moço em seu rosto
A face da sua amada.

O outro caçador armou a rede um pouco abaixo da do amigo e, mesmo preocupado, foi deitar. Ele acordou no meio da noite, sobressaltado, sentindo gotas caírem sobre a sua rede. E percebeu, de imediato, que algo estranho aconteceu.

De um impulso o caçador
Ergueu-se preocupado
Acendeu uma lanterna,
Tendo a rede iluminado
Viu seu compadre esvaído
Em sangue, desfigurado.

Pensou: – Foi estraçalhado
Por uma fera tremenda!
Pela cena, horrorizado
Exclamou: – Deus me defenda!
E ao virar-se deu de cara
Com uma figura horrenda.

Eram dois olhos de fogo
Em um rosto de caveira
Gritou o homem: – SAIONA!!!
Controlando a tremedeira
Desesperado embrenhou-se
Pelo mato na carreira.

O caçador mais velho só escapou porque clamou por Jesus e se jogou no rio, de braços abertos – em formato de cruz – e isso afastou a assombração. Pois segundo J.

Rivière, “A cruz lembra uma espécie de anzol que fissa o demônio, imobilizando-o e impedindo que ele prossiga sua obra¹⁸⁵”.

Sentindo a Saiona perto
O homem invoca Jesus
Correndo a esmo, no escuro.
Mas o acaso o conduz
A um rio, onde ele se joga
Abrindo os braços em cruz.

Diante à forma de cruz
Para a Saiona, porém
Com sua voz de caveira,
Essa aparição do além,
Num som rouco, horripilante,
Assim bufava: – vem, vem...

A leitura dos trechos acima aponta elementos que levam a crer que a fé livrou o homem do mal e do perigo. A invocação de Cristo na hora do desespero e a presença de elementos sagrados, como a cruz¹⁸⁶, foram fundamentais para que o caçador escapasse, assim como evidencia também a fé e a crença do poeta popular.

O pobre caçador
Ouvindo aquele bufado
Teve a impressão que a Saiona
Já tinha lhe dominado
Mas bem nessa hora os galos
cantaram no povoado.

Cessou o som cavernoso
Daquela alma penada
A sua figura horrenda
Foi em água transformada
E se transmutando em ar
Desapareceu no nada.

O cantar do galo, nesse contexto, figura como outro elemento importante que contribuiu para a salvação do caçador. Esta ave é, universalmente, um símbolo solar,

¹⁸⁵ CHEVALIER, Jean e GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de símbolos (mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números)**. Colaboração de André Barbault... [et al]. Tradução de Vera da Costa Silva... [et al]. 19ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2005. p. 312.

¹⁸⁶ A cruz, ícone primordial da fé católica, foi decretada como símbolo oficial do cristianismo no Conselho de Nicéia, em 325 d.C. por Constantino. Para o cristianismo, ela representa o Salvador, o Verbo, a segunda pessoa na Santíssima Trindade, e ainda mistifica todo o significado da Páscoa na ressurreição e também no sofrimento de Cristo.

porque seu canto anuncia o nascer do dia. “E por anunciar o sol ele tem poderes contra as influências maléficas da noite”¹⁸⁷. Este animal ainda tem uma representação religiosa muito forte, “é também um emblema em Cristo, como a águia e o cordeiro. Mas, nele, a ênfase recai no seu simbolismo solar: luz e ressurreição”¹⁸⁸.

A simbologia dos elementos religiosos, a cruz e o cantar do galo, pontuados nessa narrativa denuncia o quão forte é a tradição cristã no cotidiano do cordelista e o quanto os dogmas e os valores católicos estão *crystalizados* na nossa cultura.

No enredo do livrinho *O mistério da pedra encantada*¹⁸⁹ existem muitas semelhanças com os cordéis já analisados. A personagem principal é uma mulher e o cordelista a apresenta como sendo muito bonita, irresistível e perigosa.

E quando o ano é propício
Aquele moça aparece
E a cada ano que passa
Mais bonita ela aparece
De forma que quem a vê
Seu rosto jamais esquece

Dizem que as suas vítimas
Ficam loucas de amor
Pois a moça tem um beijo
E um corpo encantador
Fazendo buscarem sempre
Dos seus braços o calor.

Dizem que a moça é loira
Por outras vezes morena
Tem a cintura afinada
E uma boca pequena
Mas pelo poder que tem
Não é criatura terrena.

Ela se metamorfoseia em pedra e fica aguardando suas vítimas aparecerem para “devorá-las”. Assim como a Iara e a Saiona, ela aprisiona a alma e os pensamentos do homem de bem, deixando-o desorientado, como aconteceu com Nestor, a vítima dessa narrativa.

¹⁸⁷ CHEVALIER, Jean e GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de símbolos (mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números)**. Colaboração de André Barbault... [et al]. Tradução de Vera da Costa Silva... [et al]. 19ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2005. p. 457.

¹⁸⁸ Ibidem. p. 458.

¹⁸⁹ OLIVEIRA, Julie Ane e GERALDO, Evaristo. **O mistério da pedra encantada**. Fortaleza: Tupynanquim Editora, 2008.

Nestor, esse tal rapaz,
A mocidade perdeu
Passava os dias sonhando
Com a moça que conheceu
Pensando nos seus encantos
Precoce ele envelheceu.

Nestor era um belo moço
De corpo tão jovial
Envelheceu muito rápido
De forma não natural,
Pois a paixão pela moça
O deixou irracional.

E seguindo a equação mulher - luxúria – mal, o fim de Nestor não podia ser outro senão a morte. A mulher, que não tem nome nessa história, atua de forma negativa e maléfica na vida dele. Antes de tirar a própria vida, Nestor matou um homem – por causa dela –, depois de ser desprezado pela mulher por quem ele tanto esperou, o que agrava mais ainda a atuação desse mito na vida dele.

Mostrando maior destreza
Foi Nestor quem conseguiu
Ferir o pobre rapaz
Que no chão morto caiu
Mas durante aquela luta
Nestor também se feriu.

Naquele triste momento
O seu coração doía
De tudo se arrependeu
Também medo ele sentia
E num impulso Nestor
A faca em si mesmo enfia.

Os três cordéis analisados, a título de amostragem, foram escolhidos para evidenciar a presença de *resíduos* luxuriantes e malignos relativos à mulher, ratificando o pensamento misógino medieval de que o motivo da perdição dos homens de bem, aqui referimo-nos à Jaguarari, ao caçador da segunda narrativa e a Nestor, está diretamente relacionado à mulher, à sua essência, ao seu comportamento.

Tal verificação foi possível devido ao processo de *hibridação cultural* entre Portugal e Brasil, que resultou na formação de um imaginário mitológico composto por essas criaturas diabólicas, no qual se cristalizaram os remanescentes da metamorfose e da luxúria, tornando possível a identificação de *resíduos* medievais referente à mulher,

nos quais se configuram a ocorrência da *residualidade*.

2.2. A mulher entre as minorias medievais, segundo a concepção cristã

*Parece até ser doença
Só com corno o povo sonho
Tanto crime, tanto roubo
Tanta mulher sem vergonha
Violência e sedução
Corno, bicha e sapatão
A concorrência é medonha¹⁹⁰.*

O Tribunal Católico Romano, também conhecido como “Inquisição” ou “Tribunal do Santo Ofício” foi instituído em Portugal, em 1536, pelo papa João III ¹⁹¹. O principal objetivo deste instrumento era combater, sobretudo, as heresias, bem como qualquer um que se colocasse contra os dogmas difundidos pelo catolicismo. A Igreja Católica fez uma declaração oficial sobre a condenação da bruxaria e da antiga religião dos pagãos como ameaças ao cristianismo, dando início, assim, ao combate às heresias.

As heresias, durante o período em questão, assumiram diversas formas. Nos séculos IV e V, muitas propostas religiosas foram declaradas falsas, sendo classificadas e condenadas como heresias, como o Montanismo¹⁹², o Arianismo¹⁹³, o Donatismo¹⁹⁴ e o

¹⁹⁰ LEITE, José da Costa. **Mulher doida, moça quente, corno, bicha e sapatão**. Recife: Editora Coqueiro, s/d.

¹⁹¹ LOPEZ, Luis Roberto. Op. cit. p. 123-124.

¹⁹² Movimento [cristão](#) fundado por [Montano](#) por volta de [156-157](#) (ou [172](#)). Caracterizou-se como uma volta ao profetismo, pretendendo revalorizar elementos esquecidos da mensagem cristã primitiva, sobretudo a esperança escatológica. Propunha um rigoroso ascetismo, visando à preparação para o momento final. Negavam a absolvição aos réus de pecados graves (mesmo após o [batismo](#) com [confissão](#) e [arrependimento](#)) e recomendava-se aos fiéis que não fugissem às perseguições e que se oferecessem voluntariamente ao [martírio](#).

¹⁹³ Visão [Cristológica](#) sustentada pelos seguidores de [Arius](#), bispo de [Alexandria](#) nos primeiros tempos da [Igreja primitiva](#), sendo considerada uma heresia cristã do século IV, que negava a divindade suprema de Jesus Cristo. Recebeu o nome de arianismo por ter sido criada pelo religioso egípcio Ário. Segundo o arianismo, o Filho de Deus, segunda pessoa da Trindade, não tem a mesma essência do Pai, sendo uma divindade de segunda ordem, já que nascera mortal. Os ensinamentos de Ário foram condenados no primeiro Concílio de Nicéia, em 325, na cidade de Niceia (atual İzmit), durante o reinado do imperador romano Constantino I, onde se redigiu um credo estabelecendo que o Filho de Deus foi “concebido e não feito”, consubstancial ao Pai.

¹⁹⁴ Foi uma [seita](#) religiosa cristã, considerada [herética](#) e [cismática](#) pelo [catolicismo](#). O nome advém de [Donato de Casa Negra](#), bispo da [Numídia](#) e posteriormente de [Cartago](#)). Surgiu nas províncias do [Norte de África](#) na [Antiguidade Tardia](#). Iniciou-se no início do [século IV](#) e foi extinta no final do [século VII](#). Os autores que mais influenciaram os donatistas, em termos de doutrina religiosa, foram [São Cipriano](#), [Montano](#) e [Tertuliano](#). Assim como o [Novacionismo](#), fundado pelo [Antipapa Novaciano](#) no [século III](#), os donatistas eram rigorosos, e sustentavam que a Igreja não devia perdoar e admitir pecadores, e que os [sacramentos](#), como o batismo, administrados pelos [traditores](#) (cristãos que negaram sua fé durante a

Nestorianismo¹⁹⁵, porque criticavam a Igreja devido ao seu modo de disseminar a doutrina. Porém, quando os movimentos anti-heréticos voltaram a agir, a partir do século XII, os castigos e as punições passaram a ser mais rigorosas. Nesse segundo momento, as críticas dos valdeneses¹⁹⁶, dos cátaros¹⁹⁷ e dos Irmãos do Espírito Livre colocavam em evidência o modo de vida dos representantes da igreja. Como punição, eles foram excomungados, perseguidos pela Santa Inquisição e exterminados¹⁹⁸. Como consequência, a partir do século XIII, as perseguições aos movimentos opositores se intensificaram.

Na Europa medieval, os clérigos definiram as categorias que deveriam ser perseguidas pela Santa Inquisição: os hereges sexuais – homossexuais, prostitutas, leprosos e os hereges religiosos – judeus, bruxos e hereges¹⁹⁹. Embora distintos num primeiro plano, o sexo configura-se como o elemento comum que unia estes diversos grupos, pois segundo Elizabeth Dias Martins *o pecado sexual foi associado à Lepra; e as grandes calamidades como o Dilúvio e a Peste Negra foram consideradas consequência*

perseguição de Diocleciano em 303-305 e posteriormente foram perdoados e readmitidos na Igreja) eram inválidos.

¹⁹⁵ Doutrina herética cristã, nascida no século V, segundo a qual há em Jesus Cristo duas pessoas distintas, uma humana e outra divina, completas de tal forma que constituem dois entes independentes. A doutrina surgiu em Antioquia e manteve forte influência na Síria, e é sustentada ainda hoje pela Rosacruz e outras doutrinas ligadas à gnose. O seu surgimento deu-se dentro das disputas cristológicas que abalaram o Cristianismo nos séculos III, IV e V, sendo proposto por Nestório, monge oriundo de Alexandria, que assumiu o bispado de Constantinopla. Isto o levou a opor-se a Cirilo de Alexandria, bispo daquela cidade, que defendia a tese da unidade entre a pessoa humana e divina de Cristo. No Concílio de Éfeso, no ano de 431, discutiu-se sobre o título com o qual se devia referir a Maria, se somente crístotokos (mãe de Cristo, a dizer, de Jesus humano e mortal), como defendiam os nestorianos, ou de theotokos (mãe de Deus, ou seja, também do Logos divino), como defendiam os partidários de Cirilo. Resolveu-se adotar como verdade de fé a doutrina proposta por Cirilo, concedendo a Maria o título de Mãe de Deus, e os nestorianos foram considerados hereges.

¹⁹⁶ Heresia surgida no fim do século XII com Pedro Valdo, comerciante de Lion, renunciou à grande fortuna que possuía e iniciou sua pregação dos Evangelhos. Eles defendiam que o cristão, para salvar-se, não necessitava de sacerdotes, bastando-lhe a oração e o respeito aos ensinamentos bíblicos. A leitura da Bíblia era um preceito fundamental cujo cumprimento ficava a cargo dos "pastores", homens que sem abandonar suas atividades comuns, agiam na comunidade como conselheiros morais e comentadores da Bíblia. Tiveram importância, sobretudo, na região do Languedoc, influenciando os albigenses. Sua principal base doutrinária era a chamada Confissão de 1120, o documento mais antigo da Reforma Protestante, embora não se tenha ideia das condições ou dos autores que o elaboraram, constituiu-se num marco demarcatório para a formação de uma tradição confessional reformada.

¹⁹⁷ Do grego "puro", foi um movimento cristão, considerado herético pela Igreja Católica, do final do século XI até meados do século XIV. Suas ideias tem fortes paralelos com o gnosticismo do início da era cristã. Os historiadores indicam sua formação a partir da expansão das crenças dos bogomilos (Reino dos Búlgaros) e dos paulicianos (Oriente Médio). Os sacerdotes cátaros, que denominavam-se "bons cristãos" ou "bons homens" e "boas mulheres", levavam vidas simples e castas. Desprovidos de quaisquer posses materiais, buscavam afastar-se ao máximo do mundo, que consideravam corrupto. Eram considerados bons homens a partir do momento em que recebiam o consolamentum, um rito que representava de maneira simbólica sua morte com relação ao mundo. LOPEZ, Luis Roberto. Op. cit. p. 23-24.

¹⁹⁹ RICHARDS, Jeffrey. Op. Cit.

*da sodomia*²⁰⁰.

Nos discursos cristãos havia uma associação entre a luxúria e o demônio, que era utilizada para demonizar os desviantes da fé. O sexo era a via mais comum para aproximar os homens do demônio. Este procurava dominar as mentes humanas, escravizando-as e usando-as para subverter a ordem natural de Deus e espalhar o pecado pelo mundo.

Nas classes populares, as mulheres desfrutavam de maior liberdade pessoal, principalmente no que diz respeito a sua sexualidade, mas nem por isso deixavam de ser perseguidas e punidas ao transgredir as regras impostas tanto pela Igreja, quanto pelo Estado. Já as mulheres que pertenciam às classes dominantes, tinham sua sexualidade confinada no interior da casa, podendo sair apenas com a autorização do marido, que tinha amplos poderes sobre ela, inclusive o direito de castigá-la fisicamente “Pode-se bater até fazê-la sangrar, sempre que a intenção seja boa, isto é, para corrigi-la”²⁰¹. Elas tinham poucas opções fora do casamento para encontrar a satisfação de desejos pessoais muitas vezes não realizados no matrimônio. O seu papel principal era o de reprodutora. Aliás, era através da maternidade que a mulher se afastava de Eva, a pecadora, para se aproximar de Maria, “a mulher que pariu virgem o salvador do mundo”²⁰².

Essa intensa preocupação dos clérigos devia-se ao perigo que o contato carnal podia provocar: o sexo poderia despertar a paixão do marido pela esposa, fazendo com que ele passasse a amá-la excessivamente e, como um adúltero, passasse a comportar-se com ela como se fosse uma prostituta. A mulher jamais poderia tratar seu marido como um amante. Apesar de ser posse de seu esposo, ela não deveria esquecer-se de que sua alma pertencia a Deus.

Mas como os desejos do sexo não podiam ser simplesmente descartados era preciso criar justificativas para amenizar o doloroso poder da crença mantida e exigida pela Igreja. Alguns tratados teológicos foram escritos como forma de justificar os incontidos desejos de homens e mulheres pelo prazer do sexo. Anterior ao século XI, já existiam muitos textos e livros de penitência que tratavam das penas religiosas a serem impostas para aqueles que desobedecessem as regras para a vida conjugal.

²⁰⁰ MARTINS, Elizabeth Dias. “Sanção e metamorfose no cordel nordestino: resíduos do imaginário cristão medieval ibero-português”. In: XIX Encontro Brasileiro de Professores de Literatura Portuguesa, 2003, Curitiba - PR. Anais do XIX Imaginário: o não espaço do real - Encontro Brasileiro de Professores de Literatura Portuguesa. Curitiba-PR : UFPR/Mídia Curitibana, 2003. p. 304-311.

²⁰¹ LOI, Isidoro. Op. Cit. Pg. 23.

²⁰² ARAÚJO, Emanuel. “A arte da sedução: sexualidade feminina na colônia” In: **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2006. p. 52.

A título de contextualização faz-se necessário conhecer um pouco sobre esses grupos e perceber como a mulher se faz presente em cada um deles, uma vez que essas categorias não tinham o gênero como critério. Ressalta-se ainda que as categorias das prostitutas e das bruxas têm uma relação mais estreita e direta com o feminino.

Os pecados contra a natureza, por ordem crescente de gravidade, são: a masturbação, a relação inatural com o sexo oposto, a relação homossexual e a bestialidade²⁰³. A partir do século XIV, essas práticas faziam parte das acusações de bruxaria.

A literatura de cordel registrou alguns desses pecados. No cordel *Iniciação sexual na zona rural*²⁰⁴, de uma maneira geral, exemplifica como os rapazes do interior iniciam a prática sexual. A bestialidade ou zoofilia é descrita como sendo uma prática comum, principalmente na zona rural.

Jovem com 18 anos
Sem conseguir namorar
Começou com os animais
De todo jeito transar
A cada dia era um
Que lhe fazia gozar.

[...]

Todavia, devo dizer
Ele não é exceção
Porém, quase uma regra
Para iniciação
Sexual dos rapazes
De todo interiorzão

E embora retratado dessa maneira, o cordelista faz um alerta sobre essa conduta e embasa seu conselho nas Escrituras Sagradas:

Vi até homem casado
Essas coisas praticando
Aí passa a ser doença
A todos vou avisando
Segundo a Bíblia, quem age
Desse jeito está pecando.

Quem pratica, é bom deixar

²⁰³ RICHARDS, Jeffrey. Op. Cit. P. 145.

²⁰⁴ NASCIMENTO, Vanecir Santos do. **Iniciação sexual na zona rural**. Natal: Chico Editora, 2008.

Esse ato bestial
Se transava, pare logo
De transar com animal
Há outros meios melhores
Para o ato sexual.

Sobre a bestialidade, a Bíblia diz que “Ninguém, homem ou mulher, deverá ter relação com animal; isso é uma imoralidade e a pessoa fica impura”²⁰⁵. E para esse pecado a punição prevista, segundo as Sagradas Escrituras, é a morte. “Se um homem tiver relação com um animal, os dois deverão ser mortos”²⁰⁶, para que não ficasse indícios de um pecado tão detestável e repugnante.

Outro ato sexual perseguido pela igreja, no período da Idade Média, correspondente aos séculos XIV e XV, é a relação entre pessoas do mesmo sexo e foi alcunhada de sodomia²⁰⁷ pelas normas prescritas pela Igreja Católica através da *Bíblia*. Esse termo surgiu no século XII, proveniente do latim medieval e faz referência à cidade de Sodoma, onde essa prática era amplamente difundida.

Com o advento do cristianismo e com o poderio da Igreja, esse termo passou a ser utilizado para designar o que os clérigos denominavam de perversão sexual, principalmente àquelas ligadas ao sexo anal, pois tais atitudes iam contra um dos preceitos mais importantes para os católicos do medievo: o sexo voltado exclusivamente para a procriação, sendo, portanto, uma atitude que ia *contra naturam*²⁰⁸.

A essa prática eram atribuídas todas as moléstias, como o dilúvio, a destruição de Sodoma e Gomorra, as guerras, as pestes, as enchentes, entre outras. Com essa associação, o homem medieval passou, então, a abominar e a temer essa prática de sodomia, dando-lhe o caráter lascivo e pecaminoso que perdurou pelos séculos vindouros. E essa prática era classificada como própria, praticada homem com homem ou homem com mulher e imprópria, praticada entre duas mulheres²⁰⁹.

Ronaldo Vainfas, num estudo sobre essa prática entre mulheres, acredita que a sodomia feminina sempre foi tratada como um tema dúbio pelos religiosos medievais. E

²⁰⁵ Levítico 18:23.

²⁰⁶ Levítico 20:15.

²⁰⁷ Pecado nefando, sensual, tem esse nome derivado da palavra Sodoma, cidade antiga da Palestina cujos habitantes o praticavam. Bosswell, Jonh. **Christianity, Social Tolerance, and Homosexuality (Cristianismo, tolerância social e homossexualidade)**. Oxford, 1980. P. 93. A mais influente definição de sodomia foi a de Santo Tomás de Aquino, construída pela Escolástica, “a união sexual de homem com homem e de mulher com mulher, sendo que o coito anal entre machos seria a sodomia perfeita”.

²⁰⁸ RICHARDS, Jeffrey. Op. Cit. p. 136.

²⁰⁹ VAINFAS, Ronaldo. “Homoerotismo feminino e o Santo Ofício” In: PRIORE Del, Mary. **História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Editora Contexto 2006, p.119-120.

defende que um dos principais motivos para os inquisidores ignorarem esse pecado é a impossibilidade da mulher ser ativa numa relação sexual, além de sua discricção nas relações sexuais quando comparadas aos homens. Talvez os inquisidores se ativessem mais na busca de desvios sexuais masculinos, porque uma das grandes preocupações era não deixar que esses casos de sodomia viessem a se tornar públicos e frequentes e também porque o homem era considerado puro em relação à mulher²¹⁰.

No século IV, Santo Ambrósio (340 – 397) interpretando essa passagem, declara: “Ele testifica que, estando Deus zangado com a raça humana por causa de sua idolatria, acontecia de uma mulher desejar outra mulher pelo hábito de vergonhosa luxúria²¹¹ e Pedro Abelardo interpretou assim: “Antinatural, isto é, contra a ordem da natureza, que criou os órgãos genitais das mulheres para o uso dos homens e reciprocamente, e não para que as mulheres pudessem viver com mulheres²¹²”.

Vainfas esclarece ainda que, durante alguns séculos, o termo sodomia adquiriu um amplo significado, indicando, além da relação entre pessoas do mesmo sexo, os exageros sexuais, que iam desde a masturbação até a bestialidade. Quanto à prática da sodomia, essa foi associada, sobretudo, aos desvios da genitalidade, incluindo o coito anal, o sexo oral e outros crimes contra a natureza, discriminados em penitenciais da Alta Idade Média²¹³.

Existem relatos que demonstram claramente o quanto essa prática era abominada pela filosofia cristã, dentre as quais, algumas passagens bíblicas que versam sobre esse tema. No *Antigo Testamento* Deus diz pela voz do profeta: “Com homem não te deitarás, como se fosse mulher; é abominação”²¹⁴. E no *Novo Testamento*, na *Carta aos Romanos*, Paulo diz: “...Pois até as mulheres trocam as relações naturais pelas que são contra a natureza. E também os homens deixam as relações naturais com as mulheres e se queimam de paixão uns pelos outros”²¹⁵.

Com esta ojeriza corrobora Santo Alberto Magno (1193 – 1280) que pensava a sodomia como o maior pecado contra a natureza e fundamentava-se em quatro argumentos, a saber: por subverter a natureza, por ser tão contagiosa quanto uma

²¹⁰ Idem. Loc. Cit.

²¹¹ Idem. Loc. Cit..

²¹² Idem. Loc. Cit..

²¹³ VAINFAS, Ronaldo. Casamento, amor e desejo no Ocidente cristão. São Paulo: Ática, 1986. p. 46

²¹⁴ *Levítico* 18:22.

²¹⁵ Romanos 1: 26-27

doença, por se distinguir pela imundície e porque aqueles que se viciavam nessa prática não se recuperavam²¹⁶.

Os castigos para a sodomia variavam de acordo com a idade e com a situação do pecador. Se solteiro, a pena era de sete anos de jejum e de abstinência; se casado, era de dez anos; se fosse habitual, quinze anos; se fosse jovem, era punido com cem dias a pão e água. Ainda se diferenciava a sodomia homossexual da sodomia heterossexual. Esta era condenada a três anos, e aquela a dez. Só à bestialidade se comparava a sodomia homossexual, que era o pecado sexual mais sério.

Mesmo com toda vigilância, essa prática era muito frequente na Idade Média, principalmente entre os clérigos, como afirma Jonh Boswell²¹⁷ em seu livro *Christianity, Social Tolerance, and Homosexuality (Cristianismo, tolerância social e homossexualismo)*, que “é o trabalho mais erudito e um dos mais completos sobre esse assunto”, de acordo com o estudioso Jeffrey Richards, que afirma ainda:

Na Idade Média, o meio monástico era um terreno propício para a sodomia. A regra de São Bento previa que os monges deviam dormir cada um em uma cama, de preferência em um mesmo local, com sacerdotes mais antigos que cuidariam deles. Os regulamentos de Cluny proibiam que os noviços ficassem sozinhos ou na companhia de um só professor. Se um dentre eles, à noite, tivesse que sair para satisfazer as necessidades, tinha de estar acompanhado por um mestre e por outro jovem munido de lanterna.²¹⁸

São Pedro Damiano também escreveu um livro sobre os abusos sexuais do clero, *The Liber Gomorrianus (O livro de Gomorra)*, elencando as formas de homossexualidade, as circunstâncias das transgressões clericais e as medidas propostas contra tal prática. O referido autor entendia esse comportamento como hediondo e terrível.

Na verdade, este vício nunca deve ser comparado a qualquer outro vício, pois ultrapassa a sordidez de todos os vícios. Sem dúvida, este vício é a morte dos corpos, a destruição das almas. Ele polui a carne, ele extingue a luz da mente. Expulsa o Espírito Santo do templo do coração humano; introduz o Diabo, incita à luxúria. Ele introduz ao erro; ele remove completamente a verdade da mente que foi ludibriada.²¹⁹

Apesar da proibição massiva à sodomia, a tradição cristã, em sua gênese, era mais tolerante ao tratar dessa prática por duas razões: Na Alta Idade Média, percebiam-

²¹⁶ RICHARDS, Jeffrey. Op. Cit. 145.

²¹⁷ Boswell, Jonh. Op. Cit.

²¹⁸ RICHARDS, Jeffrey. Op. Cit. P. 143

²¹⁹ Idem.

se influências de modalidades não cristãs na aceitação desse comportamento e a hierarquia eclesiástica ainda estava em formação. Somente a partir do século XIII, as punições passaram a ser mais severas, principalmente para os membros do clero, o que demonstra que mesmo sendo proibidas, as relações entre os sodomitas eram tão comuns quanto em qualquer outro período.

Esse tema também foi registrado na poesia popular. Em *O casamento do boiola*²²⁰, J. Borges conta a história de um rapaz, filho de um renomado político da cidade, que assume a sua homossexualidade. O pai não aceita essa condição do filho, o que fica claro na estrofe:

Um dia o pai lhe falou
Meu filho que história é essa
Meu único filho é você
Lhe considero boa peça
Só não me diga que é gay
Não faça uma coisa dessa.

A Igreja também não apoia essa situação e corrobora com a postura do pai. E embora não concorde com esse tipo de relacionamento, a Igreja, na figura do sacristão e do padre, é criticada pelo cordelista, pois mesmo sendo proibido o casamento acontece graças à propina paga pelo filho do deputado, como se percebe nos versos:

E a noite disse ao padre
Acertei um casamento
De um boiola gostoso
E o noivo é feito um jumento
E o padre disse: nem pensar
Fazer este casamento

O sacristão respondeu
Não me bote para trás
Já disse que se fazia
O casamento dos tais
E o boiola prometeu
Nos trazer 10 mil reais.

Disse o padre: assim tem jeito
Não vou deixar de fazer
Deus proíbe mas não manda
Dinheiro pranós comer
Se um quer e outro quer
Desde já vou resolver.

²²⁰ BORGES, José Francisco. **O casamento do boiola**. Pernambuco: S/D.

Conforme visto nas estrofes destacadas, verifica-se a remanescência da condenação desse comportamento, assim como acontecia na Idade Média, sendo respaldada na mentalidade moralizante cristã medieval.

Inserido no mesmo contexto de pecado e luxúria d'*O casamento do boiolo*, está o cordel *Chica Bananinha, a sapatão barbuda de lá da Paraíba*²²¹, que conta a história de uma moça que gostava de mulheres e que, por muitas vezes, assume o papel do homem na relação. Durante o enredo, a personagem destrói casamentos, deflora, desvirtua adolescentes e pratica um dos pecados mais graves contra a natureza, segundo a ideologia clerical: a sodomia imperfeita. A linguagem usada pelo cordelista para falar de Chica e de seu comportamento é extremamente chula e depreciativa.

O mundo tá tão mudado
que ninguém entende nada
tem mulher que está nascendo
macho e até barbada
como é o caso da tal Chica
que é mulher só na fachada

A sua maior façanha
Foi acabar com um lar.
Tomou a mulher dum homem
E, com ela, foi morar.
E o marido abandonado
Bichou para se vingar
(...)
Houve até alguns casinhos
Dela deflorar com o dedo
Quando ficou maiorzinha,
De rapaz, não tinha medo.
Brigava por namorada
Quando queria um brinquedo.

Outros pecados cometidos por Chica Bananinha são a masturbação e a molície²²², que são pecados contra a natureza dos menos graves, se comparados à sodomia, por exemplo. Ela ainda faz uso de instrumentos, o que agrava o pecado, de acordo com a moral cristã.

Era difícil arranjar

²²¹ K. Gay Nawara. *Chica Bananinha, a sapatão barbuda de lá da Paraíba*. Rio de Janeiro, 1984.

²²² Entende-se masturbação entre pessoas do mesmo sexo.

Menina pra sua tara
Ela então se masturbava,
Se roçando numa vara,
No coxim da bicicleta,
Pois precheca era rara.

[...]

Levava a companhia
Para seu apartamento.
Botava uns apetrechos
De uma pica pra dentro
E outra pra embucetar,
Depois do assentamento.

Passava a vaselina
E metia em sua dama.
Ficava aquele roçado,
Chiando em cima da cama.
E todas as duas gozavam,
Fazendo a sua fama.

Após a análise dos versos, percebe-se a existência de substratos mentais no que se refere à sodomia feminina vista na Idade Média como um pecado menor, em virtude da mulher não ser ativa na prática sexual, se comparada ao mesmo pecado quando cometido por homens.

As prostitutas²²³, bem como os prostíbulo, tiveram sua presença registrada durante a Idade Média. Ela teve a sua relevância para a época em questão, pois surgiu e funcionou nesse cenário como um subterfúgio para diminuir a possibilidade de estupros e violações cometidas por jovens contra mulheres honestas, para combater o homossexualismo e também para atender aos homens que buscavam o prazer, considerado como um “pecado”, quando feito sem fins de procriação. Segundo Santo Agostinho, um dos mais rigorosos no que diz respeito a moral sexual,

Assim como o verdugo, por repugnante que seja, ocupa um posto necessário na sociedade, assim as prostitutas e seus similares, por mercenários, vis e imundos que pareçam, são também necessários e indispensáveis à ordem social. Retirais as prostitutas da vida urbana e chegareis ao mundo da luxúria²²⁴.

²²³ (Mesmo fora dos grandes cinturões de pobreza, que multiplicavam por todos os caminhos o número de mulheres que se ofereciam, moças vagabundas iam com ou sem os seus rufiões, de cidade em cidade, reforçando aqui e ali o pequeno grupo de mulheres “comuns a muitos”). Elas adaptavam seu itinerário ao calendário das feiras e mercados das peregrinações e dos grandes trabalhos agrícolas. ROSSIAUD, Jacques. **A Prostituição na Idade Média**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991. p. 20.

²²⁴ Santo Agostinho. *De Ordine*, Livro II, cap. IV apud GASPAR, Maria Dulce. Garotas de programa – Prostituição em Copacabana e identidade social. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor, 1988.

As opções para a mulher medieval eram poucas: o casamento ou o convento. E como para ser freira era preciso pagar uma alta taxa, a alternativa mais viável era o casamento, que vinha acompanhado de uma vida de submissão. A educação das mulheres da época tinha como único objetivo o matrimônio.

Além de ocuparem uma posição inferior na sociedade medieval, as mulheres ainda tinham duas grandes preocupações: a inquisição e a prostituição, que reforçavam a importância e o desejo pelo casamento, o que não anulava e nem impedia os acontecimentos dos eventos já citados.

As mulheres casadas e suas filhas, de boa família, deviam temer a desonra. De acordo com Jeffrey Richards, os motivos que levavam uma mulher a se prostituir na Idade Média são praticamente os mesmos que levam a isso em qualquer época: “pobreza, inclinação natural, perda de status, um passado familiar perturbado, violento ou incestuoso”²²⁵. As prostitutas eram na sua maioria estrangeiras, provindas de famílias pobres. Iniciavam no ofício por volta dos dezessete anos de idade e estavam incluídas no grupo das minorias, levando consigo uma marca de infâmia que as distinguia das “mulheres de bem”.

Na Idade Média, a prostituição, apesar de ser condenada veementemente pela Igreja, era vista como um mal necessário, ideia defendida por Santo Agostinho, que afirmou: “Se as prostitutas forem expulsas da sociedade, tudo estará desorganizado em função dos desejos”²²⁶. Compartilham desse mesmo pensamento teólogos de destaque como Santo Tomás de Aquino e Tomás de Chobham. Este até levantou a hipótese de que as prostitutas deveriam ser assalariadas, pois quando alugam seus corpos estão fornecendo mão de obra²²⁷. E, caso se arrependessem, com o dinheiro advindo da prostituição poderiam fazer caridade e redimir-se da vida de pecado. Mas ressaltou também que caso não houvesse arrependimento, e além de receber dinheiro, fizessem sexo por prazer, isso seria considerado pecado e não trabalho.

O conceito de prostituta foi definido, no século V, por São Jerônimo: “Uma meretriz é aquela que se encontra disponível para atender os desejos de muitos homens”²²⁸. Esta categoria era identificada, tal como os leprosos, por uma marca de infâmia e pela segregação, além de vestes diferenciadas. “A lei canônica diferencia prostituição

²²⁵ RICHARDS, Jeffrey. Op. cit. p. 121.

²²⁶ PILOSU, Mário. p. 76.

²²⁷ Idem.

²²⁸ RICHARDS, Jeffrey. Op. Cit. P. 123

(envolvendo sexo com muitos homens) do concubinato (envolvendo sexo com uma só pessoa, mas fora do casamento)”²²⁹.

Apesar de condenada, a prostituição foi tolerada pela Igreja, que a considerou "uma espécie de dreno, existindo para eliminar o efluente sexual que impedia os homens de elevar-se ao patamar do seu Deus"²³⁰, explica Richards. A igreja condenava todo relacionamento sexual, mas aceitava a existência da prostituição como um mal necessário. De acordo com Jacques Rossiaud, autor de *A Prostituição na Idade Média*, "pode-se afirmar, sem receio de erro, que não existia cidade de certa importância sem bordel"²³¹.

As prostitutas eram parte integrante da vida urbana na Idade Média, figuras familiares na literatura que sobreviveu – poemas, histórias, canções, crônicas e registros de tribunais. Quase não existia uma cidade que não tivesse sua “boa casa”, como era às vezes conhecido o bordel.²³²

Na Idade Média, a única forma de livrar da prostituição as mulheres pobres, era o casamento. Com isso, no final do século XIII surgem fundações como o Le Halle, onde homens cristãos resgatavam uma pobre pecadora e, por amor a Deus, casavam-se com ela. Em uma tentativa de acabar com a prostituição, em 1198, Inocêncio III declarou que seria obra benemérita se um homem ajudasse a mulher abandonar a prostituição e, através do casamento, salvá-la da vida pecaminosa.²³³

As constantes referências à sensualidade feminina e à liberação dos desejos sexuais mostram a mulher como um ser irracional, levado pelas paixões e incapaz de reprimir seus impulsos considerados demoníacos. Elas são descritas como pecadoras, perigosas, pois são as tentadoras prontas a atrair o homem para a satisfação de seus desejos carnis, levando-o a cometer o pecado.

Essa minoria foi sujeito do cordel intitulado *A chegada da prostituta no céu*, de José Francisco Borges. Nesse folheto, o enredo gira em torno de uma prostituta que morre, passa pelo inferno, pelo purgatório (tendo a companhia do Diabo) e, finalmente, chega ao céu, causando ali uma desordem ao namorar todos os santos. Na segunda estrofe, a vida da prostituta é vista como um engano, um erro:

Sabemos que a prostituta

²²⁹ Idem.

²³⁰ Idem.

²³¹ ROSSIAUD, Jacques. **A Prostituição na Idade Média**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991. P. 224.

²³² RICHARDS, Jeffrey. Op. cit. P. 121.

²³³ OPTIZ, Claudia. O Quotidiano da Mulher no Final da Idade Média, IN: **História das Mulheres no Ocidente** - Porto: PT: Ed. Afrontamento Ltda, 1990.

É também um ser humano
Quer por sua ilusão
Fraqueza ou desengano
O seu viver volúvel
Sempre abraçado ao engano

Essa *mentalidade* remonta ao período medieval, tempo em que a prostituta era tomada como minoria social por praticar o sexo fora do casamento, deliberadamente, e por deixar-se ludibriar pelo Demônio, a quem sempre estava associada, como podemos conferir na quarta estrofe, a seguir:

Assim que foi enterrada
Sua alma se destinou
Querendo ir para o céu
Mas primeiro ela passou
Pela porta do inferno
E o diabo lhe acompanhou

Não podemos deixar de atentar para a comparação, que fica subentendida, entre a prostituta e uma mulher bem casada que se encontram na porta do céu. Temos nesse instante o modelo de mulher em quem a prostituta deveria se espelhar:

Pois lá já se encontrava
Uma mulher bem casada
Arengando com o marido
Que morreu de uma virada
E queria entrar no céu
Com uma faca afiada

Observemos na estrofe seguinte que o fato de ser prostituta provoca uma reação negativa na mulher bem casada – causando-lhe ciúmes –, que logo decide exterminar esse mal:

Essa mulher também morta
Era muito ciumenta
Quando viu a prostituta
Entortou o pau da venta
E disse vou te furar
Foi uma luta cinzenta

Na décima estrofe, percebemos algo curioso, mas muito comum nos folhetos de cordel: a violação de preceitos cristãos por parte de personalidades adeptas do Cristianismo em tom de humor. Porém, a transgressão se dá devido à chegada da prostituta. Segundo a *mentalidade* da Igreja, é ela a responsável por causar a desordem.

Nessa zoada, São Pedro
Se apresentou no portão
E disse não tem lugar
Pra mulher com bestalhão
Só tem pra mulher sozinha
E foi logo estirando a mão.

E foi pegando no braço
Da prostituta assanhada
Disse você pode entrar
Aqui não lhe falta nada
Vai dormir na minha cama
E me esquentar de madrugada

Agravando ainda mais a situação da mulher, aparece na porta do céu um homem dizendo ser seu gigolô:

Mas atrás deles vinha
Outra cara de complô
E disse: eu entro também
Pode dar a estupor
Porque na terra eu era
Dessa mulher o gigolô

Mais adiante, precisamente na vigésima estrofe, Santo Oscar ameaça contar todos os desvios que passaram a acontecer no céu após a chegada da Prostituta, deixando transparecer que esta é provocadora de desordem e responsável por fazer os santos caírem em tentação. Atentemos para o fato de que será Jesus, representante do Bem, o responsável por levar novamente a ordem ao lugar, que se transformou num cabaré:

Disse ele: hoje mesmo
Antes de tomar café
Eu vou contar a Jesus
Essa puta como é
Depois de sua chegada
O céu virou um cabaré

Outro pensamento medieval claramente presente no cordel em questão está no fato de ser a prostituta um “mal necessário”, evitando que os homens prevaricassem com as moças de virtude, como podemos verificar a seguir, na resposta de Jesus a Santo Oscar:

Na terra não teve apoio
Em meio à sociedade
Levou a vida sofrendo
E fazendo caridade
Aceitando preto e branco
Que tinha necessidade

Mesmo com as prostitutas
Existe um mundo de tarados
Correndo atrás de mocinhas
E mulher de homem casado.
Se não houvesse prostituta
Qual seria o resultado?

Também é importante salientar a recorrente bondade de Jesus, expressa mais uma vez nas estrofes acima, e da sanção expressa pela sociedade à prostituta, cujo comportamento não condiz com os bons costumes cristãos. Essa representação no cordel também dialoga com a passagem bíblica de Santa Madalena, conhecida meretriz apanhada em adultério.

- Mestre, esta mulher foi apanhada no ato de adultério. De acordo com a lei que Moisés nos deu, as mulheres adúlteras devem ser mortas à pedradas. Mas o senhor, o que é que diz sobre isso.
(...) Jesus endireitou o corpo e disse: Quem de vós estiver sem pecado, que seja o primeiro a atirar uma pedra nesta mulher!²³⁴

A narrativa registra a presença da moral cristã na condenação dessa minoria, bem como a consciência da Igreja acerca da importância desta para o equilíbrio social das cidades, como defendeu Santo Agostinho.

Outro grupo perseguido, durante o medievo, foram os leprosos. A Igreja Católica perseguiu e incentivou a população a fazer o mesmo. Em virtude da falta de informações mais específicas sobre as doenças havia, neste período, uma grande dificuldade de se diagnosticar a lepra. Essa doença, que até então não dispunha de tratamento, provocava deformações físicas que causavam asco e medo na população. Por isso, ela era muitas vezes confundida com outros tipos de enfermidades, principalmente com as de pele e as venéreas²³⁵.

Partindo desta premissa, a segregação dos leprosos pode ser vista também como uma maneira, empregada pelos homens do medievo, de afastar da sociedade um símbolo

²³⁴ João 8:4-8

²³⁵ RICHARDS, Jeffrey. Op. cit. P. 155

vivo da lascívia, da luxúria e da promiscuidade. Assim, a lepra era vista como uma marca do pecado, externa e visível de uma alma corrompida pelo erro, pela transgressão sexual. O Antigo Testamento afirma que as doenças de pele são pecados que afloram, portanto, além do perigo do contágio físico, havia o perigo do contágio moral²³⁶. A lepra era vista pela sociedade medieva como uma punição de Deus aos pecados de natureza sexual e acreditava-se ainda ser uma doença sexualmente transmissível²³⁷.

Um leproso poderia ser identificado por qualquer pessoa. Bastava que observassem na pele de um parente ou vizinho qualquer alteração. Primeiro era feita a denúncia, depois ele era indicado à autoridade secular ou religiosa para que um tribunal fosse convocado. O acusado se apresentava diante de um júri formado por um representante da Ciência, do Estado e da Igreja, respectivamente um médico, um preboste e um padre. A pele do doente era submetida a um exame minucioso, passando por vários testes²³⁸.

Para garantir a segurança da população sadia foram criadas diversas leis. Dentro do regulamento dos leprosários, a principal regra dizia respeito a mantê-los o mais distante possível do convívio com os outros. Também leis municipais foram criadas. Carlos VI, em 1404 e 1413, por exemplo, determinou que os leprosos ficassem fora de Paris. Estas proibições levam a crer que nem todos os doentes estavam confinados á leprosários, e muitos andavam livremente pela cidade, para incômodo da população, da Igreja, das autoridades municipais e da coroa. No século XIV, a perseguição aos leprosos diminuiu. Ao que tudo indica, a Igreja voltou-se mais para perseguir judeus, bruxas e hereges²³⁹.

Existiam alguns mitos envolvendo o perigo da lepra para a população saudável e suas formas de contágio. Uma das histórias estava relacionada à identificação do doente e dizia que se os raios da lua batessem no rosto do leproso, este ficaria marcado por várias cores e o homem sadio ficaria empalidecido. Outra verificação indicava misturar à urina do suspeito cinzas de chumbo queimado. Se estas boiassem, estaria ali mais um que deveria ser isolado, pois o normal seria que as cinzas caíssem no fundo do

²³⁶ Levítico 13: 1-46.

²³⁷ LE GOFF, **O Maravilhoso e o Cotidiano no Ocidente Medieval**. Tradução de José Antonio Pinto Ribeiro. Lisboa: Edições 70, 1985;

²³⁸ Levítico 13: 1-10.

²³⁹ BROWNE. Stanley George. **Lepra na Bíblia: estigma e realidade**. Tradução de Vera Ellert Ochsenhofer. — Viçosa : Ultimato, 2003. p. 48.

recipiente. Estes doentes foram confinados a leprosários em virtude do desejo da Igreja de mantê-los longe da sociedade e pelo medo que estes causavam na população²⁴⁰.

É possível visualizar na literatura popular em verso recorrências da lepra, mas com outra terminologia²⁴¹. No livrinho *Hanseníase no cordel*²⁴², o autor apresenta o histórico dessa doença, bem como alerta as pessoas sobre seus sintomas e sua cura.

A doença hanseníase
Na rima vou colocar
Esclarecendo a população
Para juntos erradicar
Encontrando o portador
Para poder tratar

[...]

Desde antes de Cristo
A humanidade é mutilada
Por este bacilo imundo
Que sempre ganhava a parada
Pois não tinha medicamento
Para ser tratada

A lei da antiguidade
Expulsava sem compaixão
Tirava da sociedade
O portador em provação
Até os seus próprios bens
Era feito confiscação

No vale dos leprosos
Tinha que ir morar
Ou em casas abandonadas
Tinha que ir parar
Porque todos tinham medo
De a doença pegar

Como são recorrentes as minorias medievais nos textos de cordéis, o imaginário popular permanece com inúmeros elementos do medievo. A lepra, como apresentada no texto supra com a classificação hodierna, é analisada no intuito de advertir os leitores sobre suas causas e sua cura. Entretanto, é notável a percepção e a erudição do autor ao

²⁴⁰ Ibidem. p. 49-53.

²⁴¹ A lepra passou a se chamar hanseníase a partir de 1873, quando o bacilo que causa essa enfermidade foi descoberto pelo norueguês Gerhard Henrik Armauer Hansen.

²⁴² VILAR, Antonio Cristóvão de Queiroz. **Hanseníase no cordel**. Disponível em: <http://www.morhan.org.br/cordel.html>. Acessado em 18 de março de 2010.

relatar em sua obra um pequeno histórico do que foi a doença para as gerações precedentes.

No medievo, o número de pessoas consideradas leprosas era grande, em virtude da aplicação desses métodos de investigação. Os resultados poderiam ser contestados e os acusados podiam pedir novos peritos e também mudar de jurisdição, mas, depois de acusados formalmente pelo tribunal, os suspeitos eram banidos da comunidade e de toda vida social.

Para oficializar o dia da separação do leproso da sociedade, em certos lugares, eram realizadas solenidades, consideradas macabras. Era a *Separatio Leprosarum*, uma espécie de missa dos mortos. Ela tinha início com uma procissão, ao som de sinos, que contava com a participação dos fiéis da comunidade em direção a Igreja. O padre usava as vestes reservadas para as cerimônias fúnebres, um véu escuro cobria o leproso, e o ritual era regido com o canto do Libera-me Domine. Sobre a cabeça do doente, proferindo *Sic mortuus mundo, vivus iterum Deo* (Morre para o mundo, renasce em Deus), o padre jogava terra para simbolizar que, a partir daquele momento, ele estava morto para a sociedade²⁴³.

Jacques Le Goff realizou um estudo sobre a história do corpo durante o período medieval e concluiu que “o leproso foi engendrado por seus pais em períodos durante os quais a copulação é proibida aos cônjuges. Propriamente falando, a lepra é produto do pecado”²⁴⁴ e afirma ainda que, em certo sentido, eles seriam favorecidos pelo Criador, pois como eles sofriam em vida, assim como Jesus Cristo, já estavam pagando os seus pecados e quando morressem iriam direto para o céu²⁴⁵. Para sociedade medieval, então, a lepra mostra-se como um paradoxo, pois enquanto moléstia que excluía o homem do convívio dos outros, ou seja, morte social, dava a este a entrada ao reino celeste, pois o leproso, como divinizado, já teria pago, nos ambientes terrenos, suas dívidas.

Os judeus foram outros a serem perseguidos pela Igreja. Essa perseguição teve início no século IV, quando o cristianismo passou a ser a religião oficial do Império Romano. O Concílio de Nicéia, em 325, respaldado pelo Novo Testamento, culpava os judeus pela morte de Jesus (acusação só retirada em 1965, no Concílio Vaticano)²⁴⁶. Os

²⁴³CURI, Luciano Marcos. “**Defender os sãos e consolar os Lázaros: lepra e isolamento no Brasil**”. Dissertação de Mestrado defendida na Universidade Federal de Uberlândia e 2002.

²⁴⁴ LE GOFF, Jacques e TRUONG, Nicolas. **Uma história do corpo na Idade Média**. Tradução de Marcos Flamínio Peres. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006. Pág. 107.

²⁴⁵ Essa segunda afirmação causa estranhamento. Se os leprosos eram condenados pela prática da luxúria, mesmo sem relação direta, como poderiam ser comparados a Cristo?

²⁴⁶ CURI, Luciano Marcos. Op. cit.

judeus passaram então a ser difamados por pregadores cristãos, que ajudaram a disseminar inverdades sobre eles por toda a Europa medieval, a qual viu crescer vários mitos sobre os judeus, como por exemplo, eles serem os responsáveis pela peste negra e de estarem envolvidos com bruxaria, usando sangue de inocentes, além de terem semelhanças físicas com o diabo.

Como todos os olhares voltavam-se os judeus, tudo relacionado a eles tinha grande repercussão. O 4º Concílio de Latrão, 1215, trazia várias restrições aos judeus. O matrimônio entre judeus e não judeus foi proibido, eles foram impedidos de ocuparem cargos públicos e foram obrigados a usar sobre as vestes a estrela amarela imposta por Luís IX. A perseguição aos judeus aumentava. Exemplo disso são a Inglaterra e a França que expulsaram os semitas do seu território, respectivamente em 1290 e 1306; e a Espanha, considerada a mais radical e antissemita, que teve em sua região, mais de quatro mil judeus assassinados.

O batismo foi visto por muitos judeus, principalmente espanhóis, como o caminho para escapar da morte. E dentro dos moldes medievais caminho para a salvação mesmo, no mais restrito significado da expressão. E essa atitude teve como consequência o surgimento de três novas categorias de judeus, a saber: os judeus que escaparam das perseguições e que insistiram em manter a fé judaica, os criptojudeus – aqueles convertidos ao cristianismo, mas praticantes do judaísmo e os conversos – que se converteram de verdade. Estes acreditavam que com a conversão teriam os mesmos direitos que os cristãos. Independente de suas atitudes, os judeus não foram aceitos e na prática continuaram sendo responsabilizados pelas desgraças que aconteciam e ainda foram apelidados de marranos (porcos)²⁴⁷.

O fator econômico também era motivação para as perseguições. Os judeus conquistaram posições importantes nas universidades e em setores da economia. A política antissemita proliferou em várias regiões da Europa, sobretudo na Espanha através dos “estatutos de pureza de sangue”²⁴⁸. Esses estatutos asseguravam que nenhuma descendência de judeus ou de mouros frequentaria universidades, ingressaria em ordens religiosas e militares ou teria cargos políticos ou públicos. A “habilitação de genere” – uma árvore genealógica constando o nome de todos os antepassados – era requisito exigido para quem desejasse se candidatar a esses cargos. O discurso religioso antissemita tinha se transformado num discurso racial contra os judeus convertidos.

²⁴⁷ FERNANDES, Neusa. Op. Cit.

²⁴⁸ Idem.

Arievaldo Viana²⁴⁹, no cordel *A história da rainha Esther*, narra a saga do povo judeu, tendo como mote a vida da rainha Esther²⁵⁰. Esse cordel denuncia o conhecimento do poeta sobre a história desse povo, e serve, nesse estudo, para registrar a presença desse grupo, considerado como minoria na Idade Média, na literatura popular contemporânea.

Dentre as mulheres mais belas
Ester foi a escolhida
Pra ser a nova Rainha
Pelo rei foi preferida
Mardoqueu disse à sobrinha:
- Não revele a sua vida!

- Pois nosso povo é cativo
E vive na opressão
Talvez o rei não a queira
Vendo a sua condição
É melhor guardar segredo
Sobre seu povo e nação.

Gilberto Freyre, devido a sua orientação positivista, faz forte associação entre genética e comportamento, quando o assunto são os judeus. Não se pode esquecer que o intelectual pernambucano foi contemporâneo do processo imigratório judaico. Sendo assim, Freyre representa, de forma aguda, o ambiente intelectual do período em que foram construídos fortes estereótipos sobre a comunidade judaica. Corroborando velhos preconceitos sobre a presença comercial e financeira dos judeus em Portugal e no Brasil, afirma:

Técnicos da usura, tais se tornaram os judeus em quase toda parte por um processo de especialização quase biológica que lhes parece ter aguçado o perfil no de ave de rapina, a mímica em constantes gestos de aquisição e de posse, as mãos em garras incapazes de semear e de criar. Capazes só de amearhar.²⁵¹

²⁴⁹ VIANA, Arievaldo. **A história da rainha Esther**. Fortaleza: Tupynaquim editora, 2004.

²⁵⁰ Esther, jovem judia, foi criada pelo tio Mardoqueu por ser órfã de pai e mãe. Ela acaba se casando com o rei Assuero sem que ele saiba que ela é judia. Com o passar do tempo, um dos ministros preferidos do rei, Hamã, passou a perseguir Mardoqueu porque este não lhe prestara obediência. Se enfureceu e passou a perseguir não só ele, mas também o povo judeu. Com a intenção de destruí-los, conseguiu convencer o rei, que emitiu uma ordem para exterminá-los. Quando Esther soube do perigo que seu povo corria, ela não hesitou e enfrentou as leis que proibiam a presença de qualquer pessoa, homem ou mulher, diante do rei sem ter sido chamado, e cuja pena era a morte. Esther compareceu diante do rei e contou-lhe as maldades de Hamã, sua crueldade e o ódio que tinha pelos judeus. Na ocasião, o rei ficou sabendo também que Mardoqueu tinha salvo sua vida. Dessa forma, Hamã foi condenado e a perseguição contra os judeus terminou.

²⁵¹ FREYRE, Gilberto. **Casa-grande & senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal**. 35. ed. Rio de Janeiro/ São Paulo: Record, 1999, p. 226.

Evidenciando o caráter capitalístico e materialista dos judeus, Gilberto Freyre acaba por ratificar aquilo criticado e perseguido pela Igreja, a concupiscência. Até hoje, o imaginário coletivo sobre o judeu assume algumas das caracterizações supra, surgindo como agiota especulador e avarento.

A inquisição fundamentava-se no combate e na perseguição aos hereges e àqueles que iam contra os dogmas impostos pela Igreja Católica. A bruxaria era uma das principais ocorrências combatidas pela igreja. Pautava-se em pactos diabólicos que negavam o cristianismo e envolviam “canibalismo, orgias sexuais e paródias blasfemas dos cultos cristãos” e os bruxos eram vistos como servos do diabo²⁵².

O surgimento das bruxas²⁵³ não foi espontâneo, mas resultado de um conjunto de esforços realizado para inibir as práticas de magia negra, bem como o sexo fora do casamento e sem fins de procriação. O pânico criado entre a população foi tamanho, que mesmo sem ter qualquer ligação com a bruxaria, muitas das mulheres acusadas acreditavam que eram bruxas e que tinham um pacto com o diabo.

Por trás da bruxaria estava o sexo, visto como o elemento principal do pecado e para o pecado, ideia defendida por Kramer e Sprenger, no *Malleus Maleficarum*: “Toda bruxaria advém do desejo carnal, que é insaciável nas mulheres”²⁵⁴.

As mulheres eram criadas e educadas para serem boas esposas e para isso precisavam ter conhecimento dos processos de cura e da medicina familiar, mas não deveriam se aprofundar. Uma linha muito tênue separava esse conhecimento do que se entendia por bruxaria.

As mulheres eram vistas como ‘bodes expiatórios’ de todas as falhas e males humanos. Mesmo os poetas que cantavam o amor, muitas vezes cercavam esse amor de sofrimento e morte, chegando à conclusão de que o amor e a mulher eram perigosos para o homem²⁵⁵.

Ser mulher na Idade Média podia ser muito perigoso. Os suspeitos de praticar bruxaria eram geralmente mulheres. Qualquer pessoa podia ser denunciada ao “Tribunal

²⁵² RICHARDS, Jeffrey. Op. Cit. P. 82.

²⁵³ A imagem de bruxa que conhecemos – uma mulher feia, velha, assustadora, má e rabugenta – foi divulgada primeiramente pelos Irmãos Grimm, em seus contos, por volta da primeira metade do século XIX. Esse estereótipo, durante o medievo, não era diferente e caracterizava-se também por mulheres de aparência desagradável ou com alguma deficiência física, idosas ou ainda mulheres mentalmente perturbadas. NOGUEIRA, Carlos Roberto Figueiredo. *Bruxaria e história: as práticas mágica no Ocidente cristão*. São Paulo: EDUSC, 2004.

²⁵⁴ KRAMER, Heinrich e SPRENGER, James. Op. cit. p. 116.

²⁵⁵ MURARO, Rose Marie. **A mulher no terceiro milênio**: Rosa dos Tempos, Rio de Janeiro, 1993.p. 52.

da Inquisição”. Os acusados ficavam detidos e eram considerados culpados até comprovar a sua inocência. De acordo com Kramer e Sprenger, inquisidores dominicanos, os prováveis bruxos não podiam ser setenciados à morte sem confessar a sua relação com o diabo. De acordo com o manual de inquisidores, a busca de evidências que comprometessem os acusados ou da confissão da prática da bruxaria legitimava o uso de procedimentos de tortura, tais como:

raspar os pêlos de todo o corpo em busca de marcas do diabo, que podiam ser verrugas ou sardas; perfuração da língua; imersão em água quente; tortura em rodas; perfuração do corpo da vítima com agulhas, na busca de uma parte indolor do corpo, parte esta que teria sido “tocada pelo diabo”; surras violentas; estupros com objetos cortantes; decapitação dos seios²⁵⁶.

Os acusados assinavam as confissões, previamente forjadas pelos inquisidores, depois de torturados. Aqueles que confessavam tinham direito à uma morte mais misericordiosa, eram queimados depois de estrangulados; já aqueles que insistiam na sua inocência, eram queimados vivos.

A análise do contexto histórico da Idade Média, permite entender que também eram consideradas bruxas as mulheres que exerciam seus conhecimentos sobre ervas para ajudar na cura de enfermidades, as médicas por natureza, e nessa categoria ainda entram as parteiras, as enfermeiras e as suas assistentes. Para a pesquisadora Rosângela Angelin,

essas mulheres eram, muitas vezes, a única possibilidade de atendimento médico para mulheres e pessoas pobres. Elas foram por um longo período médicas sem título. Aprendiam o ofício umas com as outras e passavam esse conhecimento para suas filhas, vizinhas e amigas.²⁵⁷

Segundo os pais da igreja, a prática da bruxaria está diretamente relacionada à prostituição, mas uma prostituição diferente, com os seres do oculto, comprometendo a alma, o espírito. Trata-se de uma “prostituição aos demônios”, um meio místico pelo qual se conseguem poderes ou vantagens dos “filhos das trevas” (Tl 5,5).

Em virtude do sexo ser um dos principais elos de ligação entre as bruxas e o demônio, a Santa Inquisição Católica passou a perseguir massivamente as mulheres – principalmente aquelas mais bonitas e atraentes, pois eram consideradas uma verdadeira tentação do demônio – e os homossexuais. Esses dois grupos eram considerados

²⁵⁶ KRAMER, Heinrich e SPRENGER, James. Idem.

²⁵⁷ ANGELIN, Rosângela. “A ‘caça as bruxas’: uma interpretação feminista”. In: **Revista Cons Ciência**. São Paulo. Volume 1, número 7, pág. 296 - 299. Março, 2006. ISSN: 1809-8436.

potenciais parceiros sexuais do Diabo, pois seriam mais fracos espiritualmente e mais suscetíveis às tentações diabólicas, através dos prazeres da carne.

A teologia medieval é unânime em encarar as bruxas como companheiras do Diabo, muitas vezes chamando-as também de “prostitutas do Diabo” ou “amantes do Demônio”. “Filhos de feitiçaria (...) não sois vós que procurais a ardência do sexo? (...) que tiravas partidos dos teus amantes, com os quais gostavas de ter relações; e (...) multiplicavas as tuas prostituições”²⁵⁸, ou ainda “As obras dos instintos (...) são bem conhecidas: fornicação, (...) libertinagem, idolatria, feitiçaria”²⁵⁹.

No século XVIII, teve fim o período de perseguição aos pagãos, aos hereges e sobretudo a “caça às bruxas”. A última fogueira foi acesa na Suíça, em 1782. No entanto, o fim do combate às heresias não significou o fechamento dos “Tribunais da Santa Inquisição”, os quais permaneceram em atividade até meados da primeira metade do século XX.

Na segunda metade do século XVIII, A Igreja Católica viu seus dogmas serem colocados em xeque. Os questionamentos e as dúvidas acerca do discurso da Igreja aumentaram, e as pessoas que compartilhavam desses questionamentos contestadores da doutrina católica oficial eram chamadas de hereges.

A palavra herege tem sua etimologia no grego *hairesis* e no latim *haeresis*, significando doutrina contrária ao que foi definido pela Igreja Católica em matéria de fé. Em se tratando do conceito propriamente dito de heresia, foi aceito o proposto por Marie-Dominique Chenu, de que herege “é ‘o que escolheu’, o que isolou de uma verdade global uma verdade parcial, e em seguida se obstinou na escolha”²⁶⁰.

A heresia significa uma ruptura com o discurso dominante e ao mesmo tempo é a aceitação de uma nova mensagem. Ela é contagiosa e em determinadas situações prolifera facilmente na sociedade. Por isso, representa um grande perigo para a ordem estabelecida, a qual está sempre preocupada em preservar a estrutura social e tradicional.

Assim como os hereges eram punidos na Idade Média, presencia-se, também, no cordel *A moça que virou cobra*²⁶¹, de João José da Silva, a heresia seria castigada. O

²⁵⁸ Isaías 57: 3-5

²⁵⁹ Gálatas 5: 19-21

²⁶⁰ Teólogo medievalista do século XIX.

²⁶¹ SILVA, João José da. *A moça que virou cobra*. Recife: do autor, s/d.

livrinho conta a história de uma moça incrédula que colocava em xeque os preceitos católicos e as crenças alheias. A personagem central profana o Padre Cícero, afronta à mãe e zomba da fé de um romeiro. Como resultado, a sua transgressão aos princípios religiosos cristãos é punida com uma metamorfose e depois de sentenciada, ela recebe o perdão.

Na primeira estrofe, percebe-se a concepção cristã teocêntrica medieval, como fica claro nos versos:

Leitores do Ceará
a 21 de janeiro
deu-se um exemplo assombroso
com a filha de um fazendeiro
Jesus Cristo a castigou
porque ela profanou
do padre do Juazeiro

Nas estrofes seguintes, a moça inicia o seu discurso profanador a um devoto de Padre Cícero que pela terceira vez ia para Juazeiro:

Diga lá ao Padre Cícero
que me mande uma fartura
de mosquito e muriçoca
percevejo e tanajura
teu padrinho dando o conforto
de lagarta e gafanhoto
eu sei que a safra é segura

Diga a ele que me mande
Dez tons de dor de barriga
Mil e quinhentos de sarna
Dois e duzentos de intriga
Vai escrito no caderno
50 mil réis de inverno
Quarenta mil de bexiga

Na chuva basta mandar
Pingo de um tamanho de um pote
Dê trovão que queime pedra
Desabe açude e serrote
Só digo que corre risco
se vir pedra de corisco
Maior do que um garrote

Como todo bom devoto, ele aconselha a moça a pedir perdão pelas blasfêmias que disse. Mas esse alerta a fez insultar mais ainda o Padre Cícero:

A moça disse: eu não creio
Naquele catimbozeiro
Que fazendo bruxaria
Seduziu o mundo inteiro
Lançando a humanidade
Por meio de falsidade
Conquistou o Juazeiro

Ela foi também advertida pela mãe sobre o erro que estava cometendo. E sem dar importância as palavras de sua mãe, desafia o Padre Cícero. Vejamos:

Só creio no Padre Cícero
Quando ele me castigar
Fizer eu cair das pernas
meus braços se descolar
criar ponta e nascer dentes
correr virada em serpente
mordendo quem encontrar.

[...]

Mamãe deixe de leseira
Não mantenha isso na mente
Eu só creio em Padre Cícero
Se ele fizer de repente
Daqui pro fim de janeiro
Eu visitar Juazeiro
Virada numa serpente

Depois desse episódio, a moça não foi mais vista. Tiveram notícia de que surgiu, desde então, uma cobra enorme na fazenda. O surgimento deste animal pode ser associado à prática da peregrinação penitencial pública, muito comum na Idade Média como castigo para os pecadores, como ressalta Elizabeth Dias Martins²⁶².

No Nordeste brasileiro, a literatura de cordel também tem uma função lúdica. Numa época em que os meios de comunicação eram pouco desenvolvidos, o cordel passou a funcionar como um recurso para a disseminação das ideias religiosas, um instrumento da Igreja para a divulgação de sua doutrina, “seriam os folhetos um meio, talvez mais significativo, então para divulgação religiosa²⁶³”. Por trás das histórias há, quase sempre, um ensinamento. No livrinho em questão, a mensagem trata do respeito

²⁶² MARTINS, Elizabeth Dias. Op. cit.

²⁶³ Literatura Popular em Verso. Estudos – Tomo I. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura – Fundação Casa de Rui Barbosa, 1973. p. 60.

que se deve ter pelas tradições religiosas que no Nordeste são muito fortes. E de acordo com Elizabeth Dias Martins,

A natureza exemplar da história referida pelo poeta nas estrofes iniciais nos remete ao teatro medieval de moralidade. Assim sendo, não podemos deixar de aludir a dois autos, o *Auto da Alma e o Auto da Barca do Inferno*, de Gil Vicente, cuja moral cristã gira em torno da mesma ideia do cordel analisado, a de que o cristão deve estar sempre atento e vigilante quanto aos seus atos, pois o dia do juízo pode estar prestes. O evangelho de São Mateus está referido de passagens nesse sentido.²⁶⁴

Os narradores e/ ou adaptadores dessas histórias mudam, alteram, acrescentam e suprimem alguns detalhes, mas o mote é o mesmo: registrar o exemplo da metamorfose como castigo para o desrespeito às tradições religiosas. No âmbito da oralidade, episódios dessa natureza são recorrentes. Régis Lopes registrou em seus estudos que histórias assim:

Além de obedecerem a uma “pedagogia do medo” que reafirma o poder do sagrado e converte o incrédulo, essas narrativas nos falam, metaforicamente, sobre a diferença entre o homem e os animais. Nesse sentido, a essência do homem seria a sua devoção. Sem o sagrado, seria um animal. O infiel estaria no plano dos inferiores por não possuir religião.²⁶⁵

A herança medieval presente na literatura de cordel vai além da estrutura da forma poética. Ela pode ser identificada, também, no conteúdo dos versos dos poetas populares, os quais apresentam os costumes e as crenças de um povo numa constante ratificação dos costumes medievais em nossa cultura de modo cristalizado. Com efeito, a população brasileira formou-se “a partir da fusão de três etnias: a ameríndia, a africana e a lusitana”²⁶⁶; assim, a partir desta última contribuição fica clara a permanência da cultura medieval nas nossas tradições.

²⁶⁴ MARTINS, Elizabeth Dias. Idem.

²⁶⁵ RAMOS, Francisco Régis Lopes Ramos. O verbo encantado – A construção do Pe. Cícero no imaginário dos devotos. Ijuí: Editora Unijuí, 1998. p. 63.

²⁶⁶ PONTES, Roberto. **Poesia Insubmissa Afrobrasílusa**. Rio de Janeiro – Fortaleza. Oficina do Autor-EUFC, 1999. Pág. 163.

3. A FILOSOFIA DO PENSAMENTO MISÓGINO CRISTÃO: SANTO AGOSTINHO E SÃO TOMÁS DE AQUINO

Sob o poder do homem estarás.²⁶⁷

Ademais, é preciso cortar pela raiz as ocasiões de pecado. Ora, Deus sabia de antemão que a mulher seria uma ocasião de pecado para o homem. Logo, não deveria ter produzido a mulher.²⁶⁸

A misoginia – ou a recusa ao feminino – não foi uma invenção da Igreja Medieval, mas uma apropriação de ideias e modos de ser que já circulavam no mundo antigo. Segundo as definições da Psicologia e da Antropologia, a Misoginia é a forma de expressão do ódio classificada como Sexismo²⁶⁹, que acaba sendo confundida e igualada ao Machismo e ao Androcentrismo. Mas, a definição de Misoginia se baseia no ódio a mulher e a do Machismo e do Androcentrismo se baseiam na crença da inferioridade feminina, apenas. No entanto, a misoginia nada mais é do que a nascente, a base do que virá a seguir, isto é, todas as perseguições e violências sofridas pelas mulheres do medievo.

Grande parte dos filósofos abordavam em suas obras a temática das mulheres na sociedade, mas quase todos tinham um discurso inteiramente misógino.

... a mulher não deve contrariar sua natureza, as que insistem em se dedicar à ciência, deveriam usar uma barba”, pois esta expressaria mais visivelmente a profundidade que elas buscam.²⁷⁰

Ainsi toute l'éducation des femmes doit être relative aux hommes. Leur plaisir, leur être utiles, se faire aimer & honorer d'eux, les élever jeunes, les soigner grands, les conseiller, les consoler, leur rendre la vie agréable & douce : voilà les devoirs des femmes dans tous les temps, & ce qu'on doit leur apprendre dès leur enfance.²⁷¹

²⁶⁷ AQUINO, Santo Tomás de. **Suma Teológica**. VOL II. São Paulo, Edições Loyola Edição bilíngue. 2002. 1.92.2 p 611.

²⁶⁸ Ibidem loc. Cit.

²⁶⁹ BARTKY, Sandra Lee. **Femininity and domination: Studies in the Phenomenology of Oppression**, Routledge, 1990, p. 45

²⁷⁰ KANT. Immanuel. **Fundamentos da Metafísica dos Costumes**. São Paulo: Martin Claret. P.119

²⁷¹ ROUSSEAU, J.J. 1969. *Émile ou de l'éducation*. v.V. Edição de 1782. Disponível em http://fr.wikisource.org/wiki/%C3%89mile,_ou_De_1%E2%80%99%C3%A9ducation/%C3%89dition_1782/Livre_IV Acesso dia 24 de maio. “Assim, toda educação das mulheres deve ter os homens como referência. Agradar-lhes, ser-lhes útil, fazer-se amada e honrada por eles, cuidar deles quando pequenos, tratar deles quando grandes, aconselhá-los, consolá-los, tornar suas vidas agradáveis e doces: Eis, então, o dever das mulheres em todos os tempos e o que deve ser aprendido desde a infância.” Tradução por Kall Lyws Sales.

As mulheres são criadas para a propagação da espécie, e toda sua vocação se concentra neste ponto.²⁷²

Dentre os mais expoentes escritores da história, destacamos Pitágoras, filósofo da natureza que procurava explicar o princípio de todas as coisas. Segundo ele, “existe um princípio bom que gerou a ordem, a luz e o homem; há um princípio mau que gerou o caos, as trevas e a mulher”²⁷³.

A ideia da mulher como ser defeituoso e gênese de muitos males foi um legado dos gregos. Muitos filósofos justificam essa afirmação, principalmente Aristóteles, que foi um dos primeiros a se dedicar ao estudo da relação homem - mulher.

Ao reler os clássicos gregos, fica nítida a superioridade da mente sobre o corpo, o que significa uma racionalização da cultura ocidental para justificar a superioridade do homem sobre a mulher. Neste sentido, o discurso filosófico da misoginia é assinalado por expressões que ratificam sua inferioridade, reforçando-a como algo natural.

O século XIII encontrou na filosofia aristotélica endossamento para as justificativas do comportamento feminino. O pensamento de Aristóteles disseminou-se no Ocidente medieval como uma validação autorizada que veio respaldar os argumentos clericais. Segundo Aristóteles, “a mulher era um homem incompleto, portanto imperfeito”²⁷⁴. Por sua forma e compleição era mais adequado atribuir a ela debilidade e imperfeição. Como eram privadas de razão, eram incapazes de governar seus desejos e suas paixões em virtude de sua fragilidade, inconstância e passionalidade.

São Tomás de Aquino foi um dos principais fomentadores da concepção de misoginia. Entre os argumentos apresentados por ele estava o da problemática da criação da mulher, para ele curiosa, pois não faria sentido a presença de um ser tão imperfeito no ato original da criação. Ainda de acordo com os seus preceitos, apenas a procriação justificaria a existência da mulher, embora questionasse a necessidade desse ser inferior para uma tarefa tão importante.

Se equiparada ao homem, a mulher mostrava-se excessivamente úmida, mole e inconstante. Não tinha opinião própria e nem equilíbrio emocional. Para Gil de Roma, adepto do pensamento aristotélico, “A alma segue a constituição do corpo, as mulheres

²⁷² SCHOPENHAUER. **Fragmentos da Vida e Obra de Schopenhauer**. P. 35-36. Apud. LOI.

²⁷³ Os Pensadores. São Paulo, Abril Cultural (algumas reedições pela Nova cultural)

²⁷⁴ ARISTÓTELES apud LOI, Isidoro. Op. cit. P.12

têm um corpo mole e instável, as mulheres são instáveis e volúveis na vontade e no desejo”²⁷⁵.

As mulheres, leigas ou religiosas, em virtude de sua curiosidade presente desde a infância, deveriam ser mantida sob controle, sob vigilância, sob a tutela masculina. O discurso clerical sugere um novo termo: custódia²⁷⁶. Através dele os homens podiam determinar regras e condutas. Estavam autorizados a vigiá-las a fim de salvá-las. O marido poderia castigar a esposa como lhe aprouvesse para corrigir seus desvios, inclusive com a aprovação da legislação canônica, a qual aprovava a prática dos espancamentos²⁷⁷. Os religiosos determinaram que os pais, os maridos e todos os homens da casa reprimissem-nas e vigiassem-nas, mas que também as protegessem e preservassem, uma vez que elas configuram-se como um mal que parece inevitável²⁷⁸. As camponesas eram obrigadas a uma vida penosa de trabalho doméstico e no campo, as nobres deveriam ser confinadas a um recinto determinado, o quarto, onde deveriam fiar, pois mantê-las no ócio poderia aumentar o seu desejo de pecar²⁷⁹.

Muitos discursos orientam as mulheres para que se cuidem para poderem salvar sua alma. Além disso, os clérigos percebem um pudor e medo entre elas que as fazem recear e fugir do mal. Nas explicações medievais, tal pudor devia-se a uma dádiva Divina dada por Deus após seu pecado original, ou, a uma natural consequência de sua imperfeita compleição. Para manterem-nas longe do pecado, pregadores e moralistas exortam para que sejam tímidas, inseguras em suas relações sociais, amedrontadas diante de qualquer homem, fiquem rubras diante de possíveis abordagens ou perguntas e a se comportarem como animais selvagens, se houver necessidade. Segundo os clérigos, a vergonha e a timidez deveriam mantê-las afastadas do convívio social, mantendo-se protegidas no espaço doméstico ou do mosteiro.

Durante o matrimônio, cerimônia em que se transmite a tutela feminina das mãos do pai para as do marido, a jovem de boa conduta demonstrava-se assustada, com medo, insegura e insociável²⁸⁰. Para o marido, mostrava-se ignorante e selvagem diante de sua aproximação. No entanto, os clérigos advertem os homens: toda a mulher, por

²⁷⁵SANTOS, Luiz Felipe. “A Mulher como representação do Bem e do Mal n’ A Demanda do Santo Graal e n’A Divina Comédia”. Dissertação (Mestrado em Literatura Portuguesa) – Faculdade de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2007.

²⁷⁶ Idem.

²⁷⁷ RICHARDS:1993, P. 36.

²⁷⁸ DUBY, Georges . **Heloísa, Isolda e outras damas no século XII**. São Paulo: Cia. das Letras, 1995.

²⁷⁹ Idem..

²⁸⁰ Idem.

mais tímida e reservada que seja, em virtude de sua inconstância, torna-se excessiva, irrequieta e com o comportamento questionável. Ao mesmo tempo que luta contra o prazer, pode buscá-lo com a mesma animalidade em virtude de seus impulsos irracionais e incontrolláveis.

Diante disso, as mulheres não podiam manter-se sozinhas, sem a tutela masculina. Deviam ser submissas ao homem, à Igreja e às leis de Deus. Graças a uma providência Divina, as mulheres já nasceram submetidas à autoridade de seus pais, de seus maridos e de seus conselheiros espirituais.

Em sua *Ética*²⁸¹, bem como na *Política*²⁸², Aristóteles, que inspirou profundamente os clérigos e moralistas medievais, afirma que as mulheres, pela compleição, obedecem e se submetem aos homens que, por natureza, são superiores, fortes, racionais, virtuosos e que devem comandar e tomar todas as decisões. “Na ordem natural, o macho está acima da fêmea”²⁸³. O marido ordena e a esposa executa de forma correta e pronta as ordens recebidas.

Para completar suas teorias, os aristotélicos utilizam passagens bíblicas como um trecho de Coríntios, na carta de São Paulo, que diz: “Deveis saber que a cabeça de cada homem é Cristo e a cabeça de cada mulher é o homem e a cabeça de Cristo é Deus”²⁸⁴, reconhecendo a submissão feminina, pois a mulher fora criada a partir da costela de Adão. Acreditar que a mulher fosse dotada de uma alma como o homem era uma controvérsia que perpassou e inquietou as mentalidades medievais.

Santo Agostinho e sua filosofia misógina

Recorrendo aos principais pensadores da tradição cristã, destacamos Santo Agostinho. Nascido em 354 d.C, Agostinho foi uma das figuras mais influentes da Igreja antiga²⁸⁵. Seu modo de encarar a sexualidade, a lascívia ou concupiscência, as mulheres e a corporificação constituiu uma importante dimensão das doutrinas cristãs.

Agostinho acreditava que levar uma vida de continência o aproximaria da

²⁸¹ ARISTÓTELES. *Ética a Nicômacos*. Tradução de Mário Gama Kury. 4ªed. Brasília: UNB, 2001.

²⁸² ARISTÓTELES. *Política*. Tradução de Roberto Leal Ferreira. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

²⁸³ ARISTÓTELES. Op. cit. p. 33.

²⁸⁴ I Coríntios 11:03

²⁸⁵ AGOSTINHO, Santo. *Confissões*. Coleção a obra prima de cada autor. Tradução de J. Oliveira. São Paulo: Martin Claret, 2002.

vontade de Deus. Nas *Confissões*, ele escreve sobre a necessidade de controlar o desejo sexual do seguinte modo:

Vós [Deus] nos mandais controlar nossos desejos corporais... É verdadeiramente pela continência que nos identificamos e readquirimos aquela unidade do eu que perdemos ao nos desintegrarmos na busca de variados prazeres. Porque um homem Vos ama muito menos se, além de Vós, ama também algo mais que não ama por Vossa causa²⁸⁶.

A forma como Agostinho trata a sexualidade encontra-se intimamente ligada ao seu entendimento da queda do homem, ou seja, o desejo sexual é uma das formas mais gerais do estado do desejar a que o nosso filósofo chama concupiscência ou lascívia. Na sua obra *A Cidade de Deus*²⁸⁷, Agostinho afirma que a concupiscência é a “palavra genérica para todos os desejos”²⁸⁸. Para ele, os prazeres de todos os sentidos, paladar, audição, olfato e visão, prontamente expõem a alma aos perigos da tentação e do desejo. Desta maneira, o perigo em satisfazer nossos sentidos está em que somos levados a procurar tais prazeres por si mesmos, e não por apreciá-los como criação de Deus. Portanto, o estado geral do desejo, seja ele por satisfação sexual, dinheiro ou poder, é por sua vez o castigo que o homem carrega por desobediência a Deus.

Diante disso, Agostinho expõe seu pensamento sobre as mulheres afirmando que estas aparecem, sobretudo, como objetos que incitam o desejo dos homens. O vício no corpo das mulheres, segundo ele, reside no coito carnal e no parto. Desta forma, ele condena o corpo provocativo e procriativo da mulher por ser uma fonte de transgressão para o homem²⁸⁹.

Para Agostinho, a sexualidade ideal é despida de todo sentimento e desejo, e se justifica exclusivamente para procriação. Assim, o corpo da mulher na concepção agostiniana é, exclusivamente, um corpo para ser usado para dar a luz. Portanto, as mulheres existem para os homens. Ele apresenta o homem como feito à “imagem e semelhança” de Deus porque ele tem o poder da razão e do entendimento. Com suas palavras

E assim como na sua alma do homem há duas forças, uma que é

²⁸⁶ Idem

²⁸⁷ AGOSTINHO, Santo. **A Cidade de Deus**, Tradução: Oscar Paes Leme. Coleção a obra prima de cada autor. São Paulo: Martin Claret, 2004

²⁸⁸ Segundo o dicionário Houaiss o termo do agostinismo significa luxúria carnal, desejo libidinoso e no tomismo medieval, desejo de prazer gerado por uma realidade física, material.

²⁸⁹ AGOSTINHO, idem.

dominante porque delibera e outra que obedece porque está sujeita a tal diretriz, do mesmo modo, no sentido físico, a mulher foi feita para o homem. Em sua mente e em sua inteligência racional ela possui uma natureza igual à do homem, mas no sexo ela está fisicamente sujeita a ele do mesmo modo que nossos impulsos naturais precisam ser submetidos ao poder julgador da mente, a fim de que as ações a que eles levem possam ser inspiradas pelos princípios da boa conduta.²⁹⁰

Faz-se necessário destacar que apesar de admitir a racionalidade das mulheres, Agostinho a identifica, simbolicamente, com os usos instrumentais inferiores da razão, ou seja, as mulheres continuam associadas com as funções da alma que significam a dimensão da existência humana que não é feita à imagem de Deus.

Em outras palavras, embora Agostinho reconheça a inteligência racional das mulheres, a dominação do masculino sobre o feminino permanece numa dimensão natural da existência humana, que só é superada com a ressurreição, isto é, na ordem da salvação. Quando a carne feminina é purificada da corrupção, a mulher pode atingir a equivalência física com os homens, que lhes é prometida espiritualmente. Segundo Agostinho, o corpo dos homens reflete o elemento superior da alma, ao passo que o corpo das mulheres, não. Consequentemente, somente as mulheres passam por uma cisão entre sua alma racional e sua existência corporificada²⁹¹.

Assim, a ressurreição da verdadeira natureza das mulheres anula a função para quais elas foram criadas, ou seja, a essência das mulheres, no olhar de Agostinho, é contrária à realidade de sua existência encarnada. Em suma, na linguagem agostiniana, não só as mulheres são subordinadas aos homens na existência terrestre como são peculiarmente divididas em si mesmas entre a função terrestre e sua “natureza”.

Nesse sentido, o pensamento de Agostinho revela uma tendência androcêntrica ao identificar a função das mulheres com a procriação, a qual, segundo ele, se acha inevitavelmente impregnada de pecado. Desde que a mulher simboliza o elemento da existência que joga o homem na luxúria, este pode identificar-se com o aspecto superior da racionalidade. A atribuição de naturezas diferentes a masculino e feminino por Agostinho fornece uma argumentação teórica para a dominância dos homens sobre as mulheres. Embora a mulher seja também racional, o corpo da mulher aparece como representação simbólica da irracionalidade, ao passo que o corpo do homem surge como símbolo da racionalidade.

²⁹⁰ Ibidem. p. 33.

²⁹¹ Schott, Robin May. **Eros e os processos cognitivos: uma crítica da objetividade em filosofia**. Tradução Nathanael C. Caixeiro. Rio de Janeiro: Editora Rosa dos Ventos, 1996.

Assim, Agostinho constrói a identidade sexual dos homens na forma de dominação e a identidade das mulheres na forma de submissão. Embora para Agostinho tanto homens quanto mulheres possuam almas racionais, os relacionamentos sociais entre os sexos são determinados não pela igualdade racional, mas pela desigualdade sexual. Enquanto Agostinho se ocupava do controle da vontade sobre o corpo, Tomás de Aquino procurava o controle exercido pela razão.

São Tomás de Aquino e a *Suma Teológica*

Ao se tratar do pensamento cristão, não passa despercebida a contribuição de Santo Tomás de Aquino. Seu pensamento prenuncia o surgimento do racionalismo e o interesse pelas ciências naturais no mundo cristão.

Na *Suma Teológica*²⁹², no tópico em que discute a criação da mulher, ele apresenta a questão sobre a hipótese de “a mulher ter sido feita na primeira produção das coisas”. Assim, para Tomás de Aquino, a existência da mulher é problemática porque, como diz Aristóteles, ela é um “macho imperfeito”, porque ela está naturalmente subjugada ao homem e também porque ela é o ensejo do pecado.

Tudo o que Deus cria é bom, segundo os escritos. Então, torna-se enigma para Tomás um ser tão imperfeito como a mulher ser criada no ato original da concepção da humanidade. O papel fundamental da criação da mulher é explicado por Tomás de Aquino:

Era necessário que a mulher fosse feita, como diz a Escritura, como *auxiliar* do homem; não, na verdade, como companheira em outros trabalhos, como dizem alguns, dado que o homem pode ser mais eficientemente ajudado por outro homem em outros trabalhos.²⁹³

Para Tomás de Aquino, apenas a função da mulher na geração biológica justifica a sua criação. Entretanto, ele estende a questão, indagando por que a biologia humana precisa da existência do sexo feminino inferior. Afinal, observa ele, existem animais sem qualquer diferenciação sexual. Sem a diferenciação sexual, presumivelmente, as capacidades gerativas não ficariam limitadas a simplesmente um dos aspectos da vida da espécie, ou seja, da mulher, estariam em toda parte, não dando ocasião a esta atividade mais nobre. Como a mulher foi criada para a função

²⁹² Santo Tomás de Aquino. **Suma Teológica**. VOL II. São Paulo, Edições Loyola Edição bilíngue. 2002. 1.92.1 p 611.

²⁹³ Idem.

reprodutiva, na opinião de Tomás de Aquino, ela se torna virtualmente identificada com essa atividade gerativa.

Assim, já que a mulher é identificada com a reprodução, o homem, segundo nosso filósofo, fica em condições de identificar-se principalmente com os trabalhos mais nobres da razão. A força ativa encontrada no sexo masculino contribui não apenas a geração, mas pode ser orientada para a operação vital da razão.

Tomás de Aquino repete as ideias de Aristóteles sobre as relações sexuais quando assimila à razão o princípio ativo do homem. Como é perceptível nas obras clássicas, Aristóteles associava o masculino com a força ativa e o feminino com a passiva na obra da geração. Para Aristóteles, esses princípios biológicos têm correlatos mentais: a atividade, ou forma exprime-se através da autodeterminação racional; a passividade, ou matéria torna-se manifesta através das emoções.

Santo Tomás de Aquino reforça essa identificação do masculino com as operações da razão quando afirma que o homem serve como o “princípio” da existência humana. Ele escreve:

Assim como Deus é o princípio de todo o universo, também o primeiro homem, à semelhança de Deus, foi o princípio de toda a raça humana. Se o homem é o princípio da raça humana, as operações intelectuais devem estar contidas nesse primeiro princípio da raça humana. Por isso, na narrativa do Gênesis, o homem torna-se identificado com o intelecto de um modo que não é necessário para a mulher, que foi tirada desse primeiro homem²⁹⁴.

Portanto, as principais ideias sobre a mulher, a qual na concepção de Tomás de Aquino é julgada menos apta que o homem para as funções mais nobres da razão, como também, biologicamente, é inferior ao homem, pois a produção da mulher decorre de um defeito na força ativa que o homem produz. Assim, o papel indispensável da mulher na reprodução é também um sinal de sua natureza deficiente. A mulher é necessária para atender ao fim da natureza em geral, mas bastarda como indivíduo. Mesmo sabendo que as contribuições do macho e da fêmea são necessárias para a perpetuação das espécies, as mulheres são vistas por Tomás de Aquino como defeituosas quando comparadas pelo princípio da atividade que caracteriza os homens.

Santo Tomás de Aquino também escreve: “Nas mulheres os humores são mais abundantes, razão pela qual elas são mais propensas a serem levadas por suas

²⁹⁴ AQUINO, São Tomás. Op. cit. P 611.

concupiscências”²⁹⁵.

Em última análise, como as mulheres tendem a ser governadas mais por suas paixões do que os homens, elas têm maior responsabilidade pelo pecado do adultério. Tomás de Aquino escreve:

A mulher adúltera peca mais gravemente que o marido adúltero... A mulher adúltera peca mais gravemente contra o casamento porque seu pecado torna incerto o parentesco da prole.²⁹⁶

Santo Tomás de Aquino imputa exclusivamente às mulheres essa "lesão ao casamento", no entanto, se esquece de considerar que o adultério do homem também torna a paternidade incerta. Mas, Tomás de Aquino insiste em afirmar que a função da mulher no casamento serve não apenas para reproduzir a espécie em geral, mas para reproduzir a prole para determinado homem. Em última instância, a odiosidade do ato de adultério da mulher consiste em sua violação à lei do marido no casamento.

Tomás de Aquino justifica sua opinião de que a mulher é naturalmente subordinada ao homem associando o masculino com as qualidades intelectuais, ativas, dominantes, e o feminino com as qualidades luxuriosas, passivas, subordinadas. No entanto, reconhece que a mulher tem também uma alma racional, pois a natureza intelectual é em si assexuada. Vale ressaltar que apesar de Tomás de Aquino reconhecer a alma racional feminina, deixa claro que o exercício prático da razão não é o mesmo para ambos os sexos, ou seja, a natureza sexual das mulheres atua contra o funcionamento do princípio racional, que opera com mais êxito nos homens.

Em última análise, ao propor o domínio da razão sobre as paixões como condição necessária para o conhecimento e ao afirmar a posição ascética de que as mulheres são menos capazes de racionalidade que os homens, Tomás de Aquino, implicitamente aprova as relações hierárquicas entre os sexos como o requisito para o florescimento da razão. Apesar das reformas da instituição do monasticismo, e apesar de uma reavaliação do casamento, os pensadores da Reforma Protestante mantiveram o repúdio do corpo luxurioso, tão pronunciado em Santo Agostinho e Santo Tomás de Aquino.

²⁹⁵ AQUINO, São Tomás. Op. cit. P.611.

²⁹⁶ Idem.

Os filósofos de maior destaque para a Igreja da época foram ilustres personalidades, que através de seus estudos e trabalhos relacionados à sociedade e à religião, alicerçaram o que hoje se compreende como misoginia. Seus tratados foram tão significativos para a história ocidental que mesmo nas colônias tropicais suas filosofias reverberam uníssonas na literatura popular em verso contemporânea.

3.1. A MISOGINIA NO CORDEL CONTEMPORÂNEO: O DISCURSO E AS QUESTÕES MISÓGINAS

*A mulher deixa o marido
Porque já é tarimbada
Tem fama de sapatão
E não quer perder parada
Às vezes sem haver briga
Deixa o marido e se amiga
Com uma mulher casada²⁹⁷.*

A literatura de cordel é uma das maiores representações da etnografia e da cultura popular. No Brasil, desenvolveu-se, principalmente, no Nordeste, contando as sagas e a sabedoria do povo sertanejo.

Essa literatura tem a sua origem na Península Ibérica, mas chegou até nós por volta do século XVII, trazida pelos portugueses. A origem do nome está relacionada à maneira como esses folhetos eram comercializados em Portugal, pendurados em cordões (lá chamados cordéis).

A sociedade brasileira é marcada por uma estrutura patriarcal, concebida à imagem da família nuclear burguesa, tendo o homem como provedor e a mulher como responsável pelos afazeres domésticos, pelo cuidado com os filhos, etc. Assim, por muito tempo, à mulher foi reservado apenas um espaço: o do lar.

Dentre os temas mais polêmicos na literatura de cordel a mulher tem sido instrumento de destaque. Na visão dos cordelistas pesquisados, manifestam em diversas formas, destacando sempre a sensualidade, a promiscuidade, a sexualidade, astúcia, coragem e bravura.

O cordel é espaço privilegiado para o sertanejo exprimir suas crenças, sua fé integral. Muitos folhetos se baseiam num sentimento religioso; aparecem Deus, Nossa Senhora, Jesus e os santos, de Roma ou de Juazeiro. Satanás

²⁹⁷ LEITE, Costa José. **Hoje em toda parte tem corno, bicha e sapatão**. Recife: Editora Coqueiro, s/d.

também é onipresente, em oposição ao Divino. A tudo isso misturam-se superstições, feitiçarias e credices latentes no imaginário popular. Os animais intercambiam essas crenças, ora metamorfoseados, ora como agentes da fantasia, da prosa e do verso. Contudo, o desfecho é moral e reconfortante, já que a fé, a virtude e os bons hábitos são sempre recompensados. Misturando o real e o fantástico, conseguem realizar, muitas vezes inconscientemente, uma leitura palimpsêstica da Bíblia, das fabulas e dos bestiários da Idade Média, modernizando-os e adaptando-os ao contexto em que vivem. As manifestações na arte, nas danças, nas cerimônias, nas canções, na poesia, não são simples distrações, mas representam necessidades, desejos e anseios de um povo.²⁹⁸

Os cordelistas inspiram-se em acontecimentos reais e também em boatos, procurando sempre inserir em seus textos a presença marcante não só do humor e da ironia, mas também do drama e da tragédia.

A literatura oral é a própria mentalidade da massa coletiva, foliona, religiosa, crédula, inimiga do parasitismo fradesco e aristocrático, da ignorância bestial, da luxúria e simonia vulgares”.²⁹⁹

Através dos textos de cordel, podem ser evidenciados elementos que estão no imaginário coletivo, que são partilhados pelos poetas e pelos leitores. Os textos apesar da autoria, falam na voz do poeta aquilo que é sentido pela maioria. O Nordeste brasileiro foi palco para o desenvolvimento dessa literatura popular. A matéria-prima para a fomentação dessa arte – o povo, os costumes, as crenças e a cultura – foi nele facilmente encontrada, como bem explicam Diegues Júnior e Nunes Batista, respectivamente. Aquele valorizando o cultural e este o social.

Tudo conduziu para o Nordeste se tornar o ambiente ideal em que surgiria forte, atraente, vasta, a literatura de cordel. Em primeiro lugar, as condições étnicas: o encontro do português e do africano escravo ali se fez de maneira mais estável, contínua, não esporadicamente. Houve tempo suficiente para a fusão ou absorção de influências. Depois, o próprio ambiente social oferecia condições que propiciavam o surgimento dessa forma de comunicação literária, a difusão da poesia popular através de cantorias em grupo e de forma escrita.³⁰⁰

No Nordeste, por condições sociais e culturais peculiares, foi possível o surgimento da literatura de cordel, da maneira como se tornou hoje em dia, característica da própria fisionomia da região. Fatores de formação social contribuíram para isso: a organização da sociedade patriarcal; o surgimento de manifestações messiânicas; o aparecimento de bandos de cangaceiros ou bandidos; as secas periódicas provocando desequilíbrios econômicos e sociais; as lutas de famílias que deram oportunidade, entre outros fatores,

²⁹⁸ CASCUDO Luis da Câmara: **Literatura Oral no Brasil**. 3ª ed. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1984,

²⁹⁹ CASCUDO, Luis Câmara. **Geografia dos mitos brasileiros**. 2a ed. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1976, 480.

³⁰⁰ **LITERATURA POPULAR EM VERSOS: ESTUDOS. TOMO I**. Rio de Janeiro: MEC/Fundação Casa Rui Barbosa, 1973. p.13.

para que se verificasse o surgimento de grupos de cantadores como instrumento do pensamento coletivo, das manifestações da memória popular.³⁰¹

Dessa forma, procura-se investigar como a mulher é vista segundo a ótica dos cordelistas pesquisados, descortinando o discurso moralizador e machista que traz no bojo a literatura de cordel, bem como discutir os padrões de comportamento que qualificam pejorativamente à figura feminina. Os padrões de comportamento estigmatizam certas posições atribuídas às mulheres, como se pode perceber nos textos. Trata-se, portanto, de um relato das condições femininas para a sociedade e diante do masculino que tenta apresentar através do cordel a visão herdada da cultura medieval da figura feminina. A mulher acaba por ser percebida como objeto sexual deixando de lado, frequentemente, seus sentimentos e sua condição materna.

O homem dirige-se à mulher em diversas modalidades: lamento, amor, raiva. São estrofes que exemplificam o papel que a mulher exerce na sociedade e na vida pessoal de muitos homens, transportadas para as histórias da literatura de cordel, o poeta não inventa posições para mulher, apenas retrata um estereótipo que é herdado ao longo dos séculos.

Os padrões de comportamento estigmatizam certas posições atribuídas as mulheres, como se pode perceber alguns textos. Trata-se, portanto, de um relato das condições femininas para a sociedade e diante do masculino que tenta apresentar através do cordel a visão generalizada da figura feminina. A mulher acaba por ser percebida como objeto sexual deixando de lado seus sentimentos e sua condição materna. O que ressalta a o preconceito, o machismo e a misoginia herdados das gerações passadas.

Assim, após a leitura de vários cordéis cuja temática do feminino prevalecia, foram escolhidos aqueles que mais visivelmente refletiam os níveis de depreciação feminina, segundo os ícones da beleza, da submissão, da sedução e da astúcia.

A título de amostragem, e para ratificar o que foi exposto até aqui, apresentaremos a análise de quatro cordéis. São eles: *A Desventura de um Corno Ganancioso*, *O Corno Vingativo*, *O Paraibano que foi corno cinco vezes* e *A Ganância do chifrudo*. Esses cordéis, em geral, vão contar histórias e casos de homens que foram traídos – sempre homens traídos e nunca homens que traem – outro argumento que ratifica o caráter misógino desses livrinhos de feira, pois está implícita a ideia de que só

³⁰¹ BATISTA, Sebastião Nunes. **Antologia da literatura de cordel**. São Paulo: Fundação José Augusto, 1997.

a mulher erra e adúltera, retomando a *mentalidade* medievá. A voz predominante nestes livrinhos é masculina, mas também temos o registro de uma voz misógina feminina.

No enredo d' *A Desventura de um Corno Ganancioso*, a antagonista é descrita da seguinte maneira:

Tinha ele quinze anos
Quando casou com Analha
Mulher bonita e pintosa
Porém bastante canalha
Essa com um mês de casada
Botou-lhe a primeira galha”.

N' *O Corno Vingativo*, o vocabulário também denigre a mulher:

O seu nome era Fernando
E a sua esposa Lorena
Uma tremenda pilantra
Dessas de pele morena
Que só lhe dava transtorno
Fazia o besta de corno
Feito uma gota serena.

Já em *O Paraibano que foi corno cinco vezes*, nossa anti-heroína aparece da seguinte forma:

Margarida era uma quenga
bandida e trambiqueira
embora muito bonita
bastante interesseira
foi a pior quenga que deu
nas ruas da Cajazeira.

N' *A Ganância do chifrudo*, cuja autoria é de Maria Goldelivie, a mulher

Era muito interesseira,
Vaidosa e doidivana
Só pensava em sacanagem,
Festa, gaita e carraspana,
Mas o marido, coitado
Não tinha “fogo” nem grana.

Percebe, através desse cordel, além de elementos misóginos difundidos na cultura, sua autoria feminina, indicando que misoginia está tão arraigada à cultura popular que independe de gênero: homens e mulheres a dissipam. a escolha lexical é de

suma relevância, através da observação de adjetivos e de substantivos empregados na descrição da figura feminina, percebe-se seu majoritário caráter pejorativo, que tem como objetivo denegrir a imagem da mulher e colocá-la em posição inferior ao homem, seguindo (propositadamente ou não) o modelo medieval.

Os termos escolhidos pelos cordelistas sempre atacam, agressivamente, a moral e o caráter das personagens femininas de forma direta, sem uso de figuras de linguagem. Essa falta de subjetividade pode implicar numa visão realista, e por que não dizer até naturalista, dessas histórias, visto que o cordelista registra os “causos” tal como aconteceram, sem preocupar-se em atenuar as transgressões da mulher.

O emprego de termos e expressões de cunho depreciativo deixa claro que o a postura contrária à mulher presente no cordel sofreu influência direta do imaginário medieval na sua composição, retomando a essência preconceituosa contra a mulher, tão disseminada na Idade Média pelas autoridades religiosas.

No contexto social das narrativas supracitadas, a situação da mulher é sempre de desprestígio. Ela é tratada pelo marido como objeto, como mercadoria. A partir do momento que sua traição vem à tona, seu par começa a tirar proveito disso, desenvolvendo com ela uma relação de trabalho, uma espécie de agenciamento, como ocorre no cordel *A ganância do chifrudo*: “Corno não! Faço negócio, / vendo carne para viver”³⁰². No medievo, a situação da mulher não era diferente. Ela era como uma propriedade, usada, muitas vezes, pelo homem para obtenção de vantagens, a exemplo dos casamentos que objetivavam o aumento de terras.

A primeira explicação dada pela mulher para justificar a traição é a dificuldade financeira. Nos cordéis *A ganância do chifrudo* e *A desventura de um corno ganancioso*, o fator econômico passa então, em certos casos, a ser o elemento causador do adultério, principalmente se levarmos em consideração que os personagens são de uma classe econômica menos favorecida.

Em outra situação, n’*O corno vingativo* e n’*O paraibano que foi corno cinco vezes*, enquanto o homem trabalha, a mulher fica em casa. Ela não é economicamente ativa porque não faz parte da sociedade, estando à margem dela, assim como na Idade Média, de onde essa *mentalidade* remanesce. “Esta visão da inferioridade da mulher era uniformemente divulgada nos tratados teológicos, médicos e científicos, e ninguém a

³⁰² GOLDELIVIE, Maria. *A ganância do chifrudo*. Fortaleza: 2004, p. 9

questionava”³⁰³.

Das narrativas analisadas, em nenhuma delas a mulher trabalha. Talvez para ratificar a situação submissa e dependente dela em relação ao marido, ou ainda, porque culturalmente convencionou-se que o homem é quem deve prover e manter a casa e a família.

No medievo, a situação da mulher, mesmo aquelas de família nobre, na sociedade à época da Idade Média, era de inferioridade e de submissão. Dentro das famílias, essas mulheres viviam à margem. As solteiras ou viúvas não tinham direito à herança e nem a sucessão. E ser submissa nesse período não era tarefa fácil. De acordo com Rivair Macedo,

Ser dona-de-casa de uma família senhorial, numa época como a Idade Média, em que a economia doméstica era bastante ampla, exigia muita habilidade e senso de organização. O suprimento de alimentos e vestimentas da vasta família estava sob sua responsabilidade. Tinha de administrar o trabalho dos domésticos, acompanhar passo a passo a fabricação dos tecidos, controlar e supervisionar o abastecimento³⁰⁴.

Vale ressaltar que, neste momento, assim como em outros períodos históricos, havia diferença entre as atividades desenvolvidas pela mulher de acordo com sua classe social. A mulher da nobreza era encarregada de organizar e dirigir as atividades do castelo e das fazendas a ele vinculadas³⁰⁵. Quanto à mulher camponesa, esta não ficava só em casa, ela trabalhava diariamente a terra e fazia os serviços domésticos tanto na sua casa quanto nas fazendas senhoriais e nas casas de alguns mercadores. Quanto à vida e o cotidiano destas pouco se sabe. Elas praticamente não aparecem nos documentos do período. Contudo, o seu trabalho era importante para a economia rural. Ela deveria acompanhar o marido e participar de todas as atividades realizadas no domínio senhorial onde trabalhava.

A grande diferença entre a mulher do cordel e a mulher medieval – aqui nos referimos à camponesa, pois da nobre a nossa era muito distinta – é que o trabalho desta já fazia parte da estrutura social e econômica, enquanto o daquela era circunstancial e, pode-se até dizer, ilícito, uma vez que se posicionava contra os princípios religiosos, morais e sociais.

³⁰³ RICHARDS, Jeffrey. Op. cit. P. 36.

³⁰⁴ MACEDO, Rivair José. **A mulher na Idade Média**. São Paulo: Contexto, 2002. Pág. 27.

³⁰⁵ Idem.

Esse discurso contrário à mulher, assim como o lugar de desprestígio ocupado pela mulher na sociedade, apresenta-se como *resíduo* da Idade Média na literatura de cordel contemporânea. Tal verificação foi possível devido ao processo de *hibridação cultural* entre Portugal e Brasil, que resultou na formação de uma *mentalidade* misógina, na qual se cristalizaram os remanescentes preconceituosos concernentes à mulher tornando possível a identificação de elementos medievais misóginos – lexicográficos e sociais – nos cordéis *A Desventura de um Corno Ganancioso*, *O Corno Vingativo*, *O Paraibano que foi corno cinco vezes* e *A Ganância do chifrudo*, configurando a ocorrência da *residualidade*, a qual permite aproximar temas e tempos.

Desse modo, a figura feminina, sob a ótica do clero medieval, configura-se como elemento indispensável para compreendermos a razão pela qual a mulher é, ainda hoje, quase sempre, marginalizada nas narrativas dos cordéis, sob uma perspectiva de concupiscência. Acontece que ela traz consigo o peso do pecado original cometido por Adão e Eva à época da criação. A história da cultura ocidental se consolidou segundo a tradição do saber masculino, do patriarcado. Em função disso, é comum encontrar entre as obras da literatura de cordel imagens de mulheres estereotipadas, segundo o modelo da sociedade patriarcal, caracterizadas pela luxúria e pelo pecado.

No tocante à mulher, além das críticas, o discurso vem acompanhado de forte ironia quando aponta a mulher que sai sozinha às ruas, que frequenta festas, ou até mesmo as que trabalham para sustentar a família. A exemplo disso, temos as jogralesas, as amas de leite, as tecedeiras, as mulheres velhas, as prostitutas, que, entre outras, tornam-se o tema principal de observações e críticas.

3.2. A VIRAGO NA LITERATURA DE CORDEL

*Mulher é um bicho traquino
Que nos causa inquietação
Com seu olhar sedutor
Conquista até o leão
Vamos nos precaver
Dessa obra da tentação.*³⁰⁶

A postura misógina se afirma na cultura e no pensamento ocidental, encontrando na literatura um veículo de disseminação ideológica eficiente, em função de sua

³⁰⁶ MEDEIROS, Elinaldo Gomes de. *Boquinha de Mel. O Corno é cultura popular*. Natal, 2007. P 3.

circulação social, que reproduz e divulga padrões de comportamento, formas de relações sociais e ideais que promovem um modelo de mulher submissa e passiva a ser seguido.

Percebe-se, na produção da literatura de cordel, o predomínio de um discurso masculino crítico, acusador e condenatório. Segundo Brandão, "... o poeta cordelista é, antes de tudo, um espírito eminentemente religioso; se não, profundamente impregnado de religiosidade. Regra geral, o poeta popular nordestino é católico ortodoxo"³⁰⁷. Nos fatos do mundo do cordel, o juízo de valores é, portanto, essencialmente religioso e de cunho moral.

A marginalização da mulher no que diz respeito à sabedoria popular também acontece. Nas quadras populares, nas legendas de caminhão, nos ditos, provérbios - principalmente nos mais antigos - a mulher continua sendo vítima da maldade do homem que sempre procura diminuir seu valor, preferindo, na maioria das vezes, a mulher/corpo à mulher/espírito.

A sociedade nordestina é, em grande parte, patriarcal e machista em suas raízes culturais. Essa mentalidade é oriunda da sociedade judaico-cristã primitiva, retomada na Idade Média, período no qual se difundiu a ideia do homem como ser superior e perfeito, criado pelo próprio Deus à sua imagem e semelhança, portanto, reto, bom e justo. O patriarcalismo é refletido e pode ser percebido na produção da literatura popular em verso, quando os cordelistas constroem suas narrativas a partir de elementos sociais, culturais e religiosos, os quais remontam, geralmente, ao pensamento da Idade Média e ao machismo.

Variadas são as formas da presença masculina na literatura de cordel. Parecemos preponderante a apresentação do homem como o herói, aventureiro e valente, seja se analisarmos os personagens inspirados directamente da história medieval, muito cantada pelos poetas populares, seja se estudarmos o herói nordestino, o vaqueiro, corajoso que enfrenta todos os perigos para ficar com a sua bem amada, em geral, filha do fazendeiro rico e importante³⁰⁸.

Num universo predominantemente masculino, um aspecto que chama a atenção é o homem ser vítima do próprio homem – o sexo forte, o cabra macho, aquele que lava a honra com sangue –, sendo rechaçado e ridicularizado, em enredos misóginos, ao aparecer imbecilizado, fraco e manipulado, como um “pobre-tipo”, na classificação de

³⁰⁷ BRANDÃO, Adelino. **Crime e castigo no cordel**. Rio de Janeiro: Presença, 1991. p. 35.

³⁰⁸ TENÓRIO-PONTES, Walter. **Machismo na literatura de cordel**. Lisboa: edições Rolim, s/d. p. 27.

Tenório-Pontes, tomando como recorte os cordéis que versam sobre traição, bem diferentes daquele estereótipo que o inconsciente coletivo e popular conhece.

(...) São seres ridicularizados e menosprezados ao máximo pela literatura popular e mesmo pelos escritores eruditos mais próximos do cordel, como é o caso de Ariano Suassuna com seu *Auto da Compadecida*. (...) Trata-se da figura muito popular do marido enganado muito a gosto dos maios populares pelo ridículo e pelas hilariantes situações em que os mesmos são descritos ou colocados³⁰⁹.

Nesses cordéis, ou eles são enganados ou estão conscientes da traição e compartilham do “benefício” – do dinheiro que elas ganham – da traição, mostrando-se submissos não só à mulher, mas também à cultura e à conjuntura social em que estão inseridos, ou ainda a esse novo discurso que surge paralelo ao oficial, principalmente em histórias cujo alvo aparente da crítica seria exclusivamente a mulher.

A mulher aparece no cordel, com mais frequência, sob duas perspectivas: divinizadas – em cordéis hagiográficos bem como enaltecidas em cordéis históricos. – ou maculadas nas narrativas que tem como tema traição ou adultério.

A análise dos cordéis foi feita sob o viés da Teoria da *Residualidade*, que diz respeito à identificação de elementos culturais de uma determinada época em outra. A partir da verificação de uma mentalidade patriarcal em fontes primárias como a Bíblia e do estudo de obras que tratam sobre o sexismo e a traição, observou-se a remanescência de substratos mentais acerca do pensamento machista em contextos misóginos, vistos com mais gravidade, nestes casos, por se tratar da crítica do cordelista ao comportamento do homem.

Assim, a imagem que se faz hoje da mulher foi construída a partir de uma *mentalidade* formada principalmente de *resíduos* da Idade Média que se *crystalizaram* em narrativas que redundam em trazer o lado negativo da mulher. Como se perceberá na análise das estrofes seguintes.

Uma mulher traiçoeira³¹⁰

Na Literatura de Cordel, a mulher adúltera é sempre considerada “maldita”. O simbolismo da serpente, que permeia as narrativas, de modo geral, envolve a mística do

³⁰⁹ Idem. p.102.

³¹⁰ PONTUAL, José Pedro. **Uma mulher traiçoeira**. Editor: Edson Pinto da Silva. s.d.

instinto feminino, segundo o princípio da capacidade feminina de seduzir e depois causar destruição.

Em *Uma mulher traiçoeira* há em torno da narrativa uma oscilação dicotômica que, por um lado, exalta a mulher, definindo-a enquanto ser nobre e divino e, por outro, apresenta-lhe como perigosa.

As atribuições da personagem aparecem nas expressões “na mais tenra idade”, “doze ou quatorze anos”, nomeando a mulher como um ser frágil, delicado, no período em que vivencia a menoridade. No campo da inocência, discorrem-se “a ingenuidade”, “a santidade” ou “divindade”, que convergem para o campo da idade.

Nesse tempo ela contava
Com 12 anos de idade
Um anjo da divindade
Nem mesmo ela sabia
De sua infelicidade

Existe, entretanto, uma linha tênue que separa as duas faces de Helena, as quais o tempo se encarrega de definir. É ele que faz a deposição da figura casta que se faz na substituição pelo lado da mulher ameaçadora ou perigosa, afeita aos prazeres passageiros, carnais e materiais. Os versos seguintes remetem ao narcisismo da personagem Helena:

E assim continuava
O seu viver de orgia
Confiada na beleza
Nada em casa fazia
Julgando que a beleza
De seu corpo não saia

O sentimento da parte da sociedade é sempre de reprovação. A estrofe a seguir aponta claramente a indignação coletiva frente ao adultério da mulher:

Todos diziam igual
A infeliz desgraçada
Fazer uma coisa desta
Sendo tão bem casada

A expressão “bem casada” é empregada para enfatizar a posição financeira e estável da mulher, em função do matrimônio. A ênfase da reprovação do adultério feminino está relacionada ao ponto de vista material, que, em última instância, recai sobre a moral.

Na sociedade patriarcal nordestina, muito se tem legitimado por meio de discurso a imagem de que o homem, para ser macho deve ser forte, enérgico, grosseiro. A imagem de homem sentimental é banida quase por completo do perfil desses homens. Toda vez que o masculino foge ao perfil assinalado, tratando de modo amável a sua companheira, recebe sanções negativas da parte da sociedade, que o vê como alguém fraco e sem autoridade.

No imaginário social e coletivo, o homem que é fiel à esposa, quando “ele não lhe põe as rédeas”, fica na condição de vítima de uma mulher “proveitadora e sádica”. Desse modo, a relação ideal entre um casal apenas ocorre quando é o homem quem exerce a autoridade, sendo quem tem poderes únicos e exclusivos em virtude de seu sexo. Nesse contexto, a traição de Helena ao marido é a prova certa de que “ela virou o juízo”, ou seja, que ela enlouqueceu. E vale dizer que o desequilíbrio mental de Helena representa o fracasso do marido:

Com mais de 6 memes
Ela virou o juízo
Arrumou outro amante
Sem pensar em prejuízo
Sem o marido saber
Desse grande escandalizo

O termo “corno”, no aumentativo “cornão”, ressalta a característica desfavorável do marido traído. A intenção do cordelista é demonstrar, em tom satírico e pitoresco, o descaso que possui a mulher ao trair e furtar o próprio marido e também a desmoralização do esposo diante da situação:

Ela mais o tal Vadinho
Na maior devassidão
Dizendo a ele eu deixei
Dormindo só o cornão

O verso “dormindo só o cornão” confere o tom de passividade do homem frente ao adultério da esposa. É a forma verbal “dormindo” quem projeta a ideia de inércia do homem. A estrofe a seguir expressa essa ideia claramente.

O velho pai dela deu-lhe
Uma surra de tabica
E disse desapareça
Você comigo não fica
Deram uma surra em Vadinho
Que quase o malandro estica

O verbo “esticar” está na acepção de falecer, perder a vida. O *Dicionário linguístico literário de termos regionais/populares - Norte/Nordeste*³¹¹ registra a acepção de “esticar a canela”, entre outras correlatas, usadas no sentido de “falecer”.

O vocábulo “tabica”³¹² é apresentado no mesmo dicionário como brasileirismo “chibata feita com a haste do vegetal de hastes delgadas e flexíveis”, ou “vara de cipó de que se servem os almocraves para tanger as bestas”. É importante ressaltar que a surra representa, no contexto da sociedade patriarcal, a máxima expressão de poder e o absoluto controle dos pais sobre os filhos, muitas vezes do marido para com a própria esposa. É pertinente lembrar, também, que no contexto da sociedade patriarcal nordestina, a educação dos filhos, filhas, dos escravos, enfim, de grupo subordinado ao membro da classe maior de poder, o patriarca, foi eminentemente exercida à base de castigos.

A deusa do cabaré: a meretriz orgulhosa³¹³

O meretrício não cedeu perante a pressão de cunho moral sexual das sociedades, nem desapareceu com as modificações no perfil das relações amorosas e sexuais dos últimos tempos – é cabível observar o papel sexual da prostituta em épocas passadas, quanto à iniciação dos homens inexperientes no sexo e nos extravasamentos dos maridos insatisfeitos sexualmente no casamento.

³¹¹ PONTES, Maria das Neves de; MELLER, Vilson Brunnel. **Dicionário linguístico-literário de termos regionais/populares** (Norte/Nordeste). João Pessoa: Idéia, 2003. 1 v.

³¹² PONTES, Maria das Neves de; MELLER, Vilson Brunnel. Op. cit.

³¹³ SILVA, João Severo. **A deusa do cabaré: a meretriz orgulhosa**. João Pessoa, 1985.

O fato de o meretrício estar literalmente relacionado “aos prazeres da carne” e à promiscuidade sexual, condenada pela Igreja, fez surgir uma série de mitos e medos sobre a conduta e o desejo sexual feminino.

Não é à toa que a imagem da prostituta bela, que seduz o homem com a beleza de seu corpo e com a volúpia desenfreada, é esboçada frequentemente por meio das trovas. Nos cordéis, as mulheres belas frequentemente recebem o qualitativo “deusa”, usado para fazer referência às mais bonitas e sedutoras. Esse qualitativo envolve uma variedade de matizes de sentido, traz à tona elementos místicos como “magia”, “natureza”, “sensualidade”, “fecundidade”, para citar alguns.

O designativo “deusa do cabaré”, no texto em estudo, é usado para enfatizar a capacidade de sedução da prostituta. A ênfase nos atributos físicos da personagem, que se faz presente desde o próprio codinome “Deusa”, fica impressa nos versos “porque a sua beleza” e “por nenhuma era igualada”:

Por Deusa do Cabaré
Ela foi classificada
Porque a sua beleza
Por nenhuma era igualada
Por isso entre as mulheres
Era a mais desejada

As expressões “corpo esbelto”, “olhos negros”, “estátua de carne”, “a mais desejada”, “morena da pele fina”, “elegante menina”, “boniteza”, “por ser linda e atraente”, “muito cobiçada”, “mimosa fada” e “mulher formosa” dirigem-se ao aspecto da sedução feminina, retratada na figura de Deusa, a meretriz.

O termo “morena” remete à sensualidade da *mulher* negra, essa mais ardente e mais concupiscente no sexo³¹⁴ do que a branca. A ideia de que as prostitutas destoam com o padrão ideal de *mulher* na sociedade, porque são dadas à luxúria e à lascívia e a vaidade, é impressa a seguir:

Rosalina em Salvador
Entregou-se a vaidade
Deu expansão ao seu genio
Saciou sua vontade
Fazendo vida noturna
Nas *Boites da cidade*

³¹⁴ ³¹⁴ FREYRE, Gilberto. Op. cit. p. 349.

O termo “boite”, no português brasileiro boate, é originário do francês “boîte”. Esse termo entrou no português duas vezes, com acepções distintas e diferentes adaptações prosódicas. A acepção clássica do português é “bueta” (séc. XV), “boceta”, “caixa” e, mais modernamente (séc. XX) “estabelecimento comercial, que funciona à noite, e em geral, consta de pista de dança e palco de atrações artísticas”³¹⁵. Em pequenas cidades de interior, o correlato de boate é “cabaré”, também de origem francesa³¹⁶.

Interessante observar o espaço em que se insere a prostituta - quando sai à rua é à procura de um cliente, para depois voltar novamente ao espaço fechado do prostíbulo. Nesse contexto, a rua equivale ao próprio “cabaré”, em termos de ausência de normas e de preceitos morais.

Nesse contexto, a prostituta tem a oportunidade única de salvação, no amor incondicional de seu amado, assemelhando-se a tantas personagens de contos fantásticos e maravilhosos, que contam com a figura do “maravilhoso príncipe” para salvá-las. Mas Deusa, diferentemente das personagens infantis, não se sente feliz nos braços do amado e nem submissa a ele:

Eu fiz a maior ansneira
Em me casar tão moderna
Pra viver prisioneira
Prefiro viver liberta
Como em tempo de solteira

A personagem, por expor o próprio corpo, oferecendo-o como mercadoria e por querer voltar à vida de meretriz, é punida. A infração feminina é apontada, então, enquanto heresia espiritual, juntamente com a noção do sobrenatural maléfico que tem origem na mulher.

O rebaixamento da personagem é observado através do discurso em primeira pessoa, nas expressões de súplica pelo perdão a Deus. O apaziguamento espiritual assinala-se na oposição fundamental: “pecado e misericórdia”. A confissão dos pecados, alternativa posta no plano da piedade divina, aparece como possibilidade única de salvação e libertação do espírito maligno:

³¹⁵ HOLANDA, Aurélio Buarque de. **Novo Aurélio séc. XXI: o dicionário da Língua Portuguesa**. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

³¹⁶ CUNHA, Antônio Geraldo da. **Dicionário etimológico nova fronteira da Língua Portuguesa**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1994.

Nessa hora ajoelhou-se
Pedindo perdão a Deus
Dizendo Senhor perdoa
Os grandes pecados meus

As palavras apresentam-se as virtudes que granjeiam a salvação, tais como “compaixão”, “perdão”, “redenção”, “arrependimento”, “súplica” e “clemência”. No campo do sofrimento, inserem-se as palavras: “aflição”, “dor”, “tristeza”, “pranto”, “infelicidade”, “padecimento”, “sofrimento”, “humilhação”, que refletem o estado de desengano da prostituta Deusa, em relação à doença que lhe aflige. O campo ganha mais expressividade em: “faces banhadas em pranto de dores”, “lágrimas de amargura”, “noites tempestuosas”, “xagas tão grengrenosas”, como se pode ver a seguir:

Outrora eu me jugava
Uma rosa entre as rosas
Hoje estou vendo meu corpo
Em xagas tão grengrenosas
Que já não suporto mais
As dores tão espinhosas

A carga emotiva do desespero da prostituta Deusa eleva-se nas colocações “um ente tão infeliz”, “a minha desgraça”, “não suporto mais pelas sargetas dormir”, “exposta ao relento”, “sem ter o que me cobrir” e “prostrada nesse chão duro”. O campo do desespero e do sofrimento completa-se com o campo da culpa – inserem-se os delitos, a responsabilidade da mulher pela própria desgraça.

A minha desgraça fiz
Abandonei meu esposo
Só porque tinha inveja
Do viver de meretriz

A morte é anunciada através das expressões substantivas e verbais: “meus últimos dias de vida”, “encerram os dias seus”, “meu fim vai ser muito triste”. Também há um número de metáforas que sentenciam a morte: “minha matéria ta se transformando em pus”, “ruída dos tapurus”, “no bico dos urubus”, “encerraram os dias seus”, “últimos fios de vida”. A morte pode ser interpretada como o destino das mulheres pecadoras e infiéis, ou melhor, como o desfecho da miséria feminina:

Vejo que a minha matéria
Ta se transformando em pus
Prostrada nesse chão duro

Ruida dos tapurus
Meu fim vai ser muito triste
No bico dos urubus.

Para o homem, a “mulher da vida” saudável é diferente da “mulher da vida” doente. O estágio de putrefação da carne, que significa a culminância da doença, num sentido metafórico, é também a culminância da ausência do desejo masculino, no momento em que a *mulher*, não tendo mais um corpo pronto para servir, é repudiada.

Vale salientar que, no imaginário popular, a “mulher da vida” é aquela a que o mundo reserva às doenças contagiosas. Em situação análoga a de uma prostituta doente, a mulher que corresponde aos preceitos da sociedade, a *mulher* virtuosa, é aquela que, em seu estado de doente, é apenas uma enferma, digna de cuidados, exatamente o inverso daquela para quem a sociedade só devolve o desprezo.

Por fim, a morte poderia ser entendida, como um alívio, não exatamente para a prostituta, mas para a sociedade e para o homem, que não se sente bem diante de uma mulher doente, decaída. Quanto ao desprezo da prostituta, por parte do homem, significa, mais especificamente, que ele não mais a quer enquanto ser feminino.

Beijo de mulher bonita e carinho de mulher feia³¹⁷

No texto em estudo, o destaque é a beleza e a sedução feminina. Neste, foram listados os termos que caracterizam o modelo de mulher ideal, segundo a visão masculina. No campo da beleza e sedução, enumeram-se os atributos femininos, tais como a beleza, a doçura, o calor e a ternura; esses constituem os principais pré-requisitos para que uma mulher seja aceita do ponto de vista do poeta.

A supervalorização do conceito de ‘mais beleza’ feminina está relacionada ao de ‘mais saciedade’ do homem. Daí, uma forte conotação entre os prazeres do corpo e o prazer dos alimentos. No item beleza, o perfil feminino, que objetiva o agrado do homem, corresponde a três ingredientes fundamentais: não basta ser bela, a mulher tem que ser “carinhosa”, “fogosa” e “gostosa”. A estrofe abaixo serve de exemplo:

Beijo de mulher bonita
Tem gosto de mascatel
É farinha de castanha
Quando é traçada com mel

³¹⁷ LEITE, José Costa. **Beijo de mulher bonita e carinho de mulher feia**. Recife. s.d.

A impressão de saciedade sexual do homem fica subentendida nos vocábulos “paz”, “amor”, “honra” e “amizade”. As metáforas “fome de amor” e “preenche a necessidade” deixam entrever a idéia de semelhança do corpo feminino com o alimento propriamente dito, capaz de saciar a fome de carinho, prazer, desejo, etc. Esse conjunto de sensações insere-se no campo do desejo, o qual pode ser exemplificado através da estrofe a seguir:

Beijo de mulher bonita
Preenche a necessidade
E a fome de amor
Com toda sinceridade
E o homem com ela sente
Paz, amor, honra e amizade

Os vocábulos “fome” e “necessidade” enfatizam o lado instintivo sexual masculino e machista, colocando a mulher como alimento capaz de saciar esse instinto, conforme foi dito. A palavra “beijo” inclui-se tanto no campo da sexualidade, enquanto carícia trocada entre os namorados ou amantes, quanto no campo da amizade, significando um ato comum de afeição ou cumprimento travado entre pessoas da mesma família ou com parentesco próximo.

A ação de beijar é amplamente inserida num contexto simbólico, significando, num contexto de malícia e de suspeita, o sentido de traição - o beijo de Judas Iscariotes em Jesus, está inserido num contexto da traição e prenúncio de morte – logo após ter traído a seu Mestre, o apóstolo se suicida. Com efeito, a relação beijo/ traição parece provir daí.

No Nordeste, ainda é muito comum entre o povo dizer-se “cheiro”, no lugar de beijo, como observa Cascudo³¹⁸. Essa palavra é revestida de afetividade, principalmente na fala das mães nordestinas, na troca de carícias dirigidas aos filhos menores, as quais abusam da expressão “Dá um cheirinho na mamãe!”.

Mas, na verdade, o cheiro insere-se num contexto ambivalente, - é usado, ou para registrar um maior teor de afetividade, imprimindo uma atmosfera de pureza, de carícia angelical, ou pode apresentar um fundo de malícia e refletir uma essência voluptuosa. Nesse caso, é importante escrever que dificilmente a frase “dar um cheiro no cangote”, poderia ser inserida no primeiro contexto.

³¹⁸ CASCUDO, Luís da Câmara. **Dicionário do folclore brasileiro**. 2. ed. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1963.

Verifica-se uma dupla ideia na expressão “mulher boa”, presente no texto, dado que essa expressão tanto serve para designar, literalmente, uma *mulher* bondosa ou virtuosa, quanto imprime, maliciosamente, a conotação de *mulher* “gostosa”, “boazuda”, “de físico provocante”³¹⁹.

Não existe nada melhor
Do que uma mulher boa
Bonita e bem carinhosa
Agrada a qualquer pessoa
Quem beija ela sente
Amor, carinho e quentura

A combinação sinestésica entre a beleza feminina e os sentidos, - visão, olfato e paladar, tem como efeito, reiterar a ideia do tesão, do prazer masculino. Assim, a sequência de vocábulos “amor”, “carinho” e “quentura” insere-se no campo da volúpia feminina. De modo inverso, a “mulher feia” é negativamente posta no plano da recusa e da insatisfação masculina. Portanto, as comparações pejorativas, que remetem a esse tipo de mulher traduzem sensações desagradáveis, tais como “dor”, “incômodo”, “medo” e “choro”, de forma preconceituosa. Essas sensações estão expressas nos trechos a seguir:

Carinho de mulher feia
É murro, coice e patada
Empurrão, pota-pé
Beliscão, soco e dentada
Carinho de mulher feia
Eu nem quero nem de graça
Até de longe faz medo

Os versos apresentados refletem uma analogia entre mulher feia e alguns animais. Os vocábulos “coice” e “patada”, “baleia” e “macaco” são mais depreciativos, usados para reforçar as semelhanças existentes entre os humanos e os outros seres. O designativo “macaco”, quando usado para referir-se ao sexo feminino, é quase sempre com o objetivo de insultar a negra.

Carinho de mulher feia
Além de singelo fraco
Se parece uma baleia
Cada olho é um buraco
E o bafo da boca dela

³¹⁹ CUNHA, Antônio Geraldo da. Op. cit.

Tem catinga de macaco

[...]

Beijo de mulher feia
Tem catinga de monturo
Tem gosto de café frio
[...]

O verbete “macaca”³²⁰ é registrado como “mulher que está sempre a reclamar de tudo”. O sentido do verbete traduz claramente o comportamento agressivo do homem sertanejo com relação à mulher.

As expressões “catinga de macaco”, “catinga de monturo” e “bafo” são usadas, pejorativamente, com a finalidade de atingir o negro. A alusão aos termos em relação ao beijo da “mulher feia” aparece como simples pretexto para depreciar a negra, tecendo um paralelo entre ela e o macaco, tanto do ponto de vista da aparência física, quanto do odor. Essa produção de sentido fica mais evidente pela organização do campo da raça, cujos semas mais evidentes são “monturo” e “café”.

Enfim, o texto pretende mostrar que a mulher é apazível na concepção do homem, enquanto dotada de atributos físicos, quando sua única função é utilizar o corpo para agradá-lo. Por isso, a constante vaidade da mulher com o corpo, com o cheiro e com todos os artifícios necessários para instrumentá-lo a essa função, são, nesse contexto, vistos como positivos.

Outro ponto que não pode deixar de ser analisado, mesmo na superfície, diz respeito aos títulos dos cordéis, mesmo quando não abordam traição ou adultério, trazem nas suas capas chamadas sugestivas e ambíguas referentes à mulher, as quais inferem significados e relações pornográficas e eróticas, deixando seu comportamento em evidencia. Nos títulos: *A mulher da “coisa” grande*³²¹, *“a moça que foi vender o periquito em Piancó*³²², *“a mulher que deu tabaco na presença do marido*³²³, a

³²⁰ NONATO, Raimundo. **Calepino potiguar: gíria norte-riograndense**. Mossoró: Fundação Guimarães Duque, 1980.

³²¹ LEITE, José da Costa. **A mulher da “coisa” grande**. Pernambuco: Editora Coqueiro. s/d.

³²² LEITE, José da Costa. **A moça que foi vender o periquito em Piancó**. Pernambuco: Editora Coqueiro. s/d.

³²³ LEITE, José da Costa. **A mulher que perdeu a bunda no estado da Bahia**. Pernambuco: Editora Coqueiro. s/d.

*mulher que perdeu a bunda no estado da Bahia*³²⁴ tem-se exemplos desses jogos de palavras.

A mulher da “coisa” grande, apesar de levar o leitor a interpretações sexuais, o cordel traz, apenas, a história de Zefa que era grande e só gostava de comprar objetos grandes. Assim como nesse cordel, os outros têm nos títulos elementos que podem levar a um entendimento erótico, quando na verdade, é apenas uma estratégia do poeta de chamar a atenção do leitor.

Como se percebeu nesses cordéis, o ponto elementar da descrição feminina, como já exposto, gira em torno de elementos puramente sexuais, corporais: beleza, prostituição, cheiros. Vocabulário, tema e elementos coadunam para reforçar ou evidenciar a inferioridade da mulher que está relacionada, desde a antiguidade, com o episódio da criação do mundo respectivo a cada sociedade.

Após o exposto, fica claro que a estigmatização da mulher como gênese do mal se configura como resíduo da *mentalidade* cristã medieval sedimentada na cultura popular nordestina. A análise dos cordéis constata a ocorrência da *Residualidade*, pautada, sobretudo, na permanência de preceitos morais, sociais e religiosos.

³²⁴ SILVA, Gonçalo Ferreira da. **A mulher que deu o tabaco na presença do marido**. Rio de Janeiro: ABLIC, 2006.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No transcorrer das análises, tentou-se perfilar os diversos aspectos do cordel - linguagem, temáticas, personagens - que refletem o imaginário do povo nordestino em relação à mulher. Observaram-se pontos concernentes a crenças, tradições, religiosidade, sentimentos e costumes desse povo que, tomados em conjunto, serviram de apoio à investigação dos elementos utilizados na descrição da mulher.

O presente trabalho investigou de que maneira a Literatura de Cordel deixa entrever os aspectos da *mentalidade* relativos à mulher, demonstrando sua íntima ligação com o medievo. Os três modelos femininos difundidos na Idade Média, e encontrados nos textos dos cordelistas: Eva, Maria e Madalena deixam claro o papel civilizador e moralizante desempenhado pela Igreja Católica ao longo de, aproximadamente, mil anos de formação da sociedade ocidental.

A mulher, personificada em Eva, é a pecadora, a tentadora, aliada de Satanás e culpada pela Queda. Eva concentra em si todos os vícios que trazem símbolos ligados ao feminino, a exemplo da luxúria, da gula, da sensualidade e da sexualidade. Esse estado de maldição foi amenizado com o culto à Virgem Maria, que trouxe consigo a reconciliação entre a humanidade e Deus. Contudo, essa reconciliação ainda era restritiva, pois somente aqueles que vivessem na graça divina alcançariam a salvação. Com Maria Madalena se estende a possibilidade de salvação a todos que tinham caído no erro, mas foram capazes de se arrepender.

Para refrear o desejo e evitar o pecado, o homem, por ser considerado superior à mulher desde o *Gênesis* bíblico, é eleito para exercer um controle sobre os instintos carnis. Por isso, é preciso ressaltar que a hierarquia entre os sexos serviu para legitimar a supremacia masculina. Os papéis sociais são definidos e a mulher é mantida submissa ao homem, que deve exercer a tutela e o controle sobre ela.

Como a Literatura de cordel tem a sua origem no romanceiro popular português, no Brasil, ela começou a ser divulgada nos séculos XVI e XVII, trazida pelos colonos e a partir do século XIX, o romanceiro nordestino, num processo de absorção *híbrida*, torna-se independente, com características regionais e específicas, sem perder, é claro, os elementos primordiais da Europa medieval, os quais configuram-se como a base das matizes morais, sociais e religiosas, vigentes no Nordeste.

“A mulher como princípio do mal” e a sua diabolização são características que perduram ao longo dos séculos, pois são evidenciadas na literatura popular em verso. Percebe-se que além da comunhão com Portugal, houve a *hibridação* de inúmeras mitologias, do fabulário medieval e da etnografia brasileira, convergindo para a construção de um imaginário *híbrido* e *cristalizado* da mulher como devoradora, palco dos demônios, dos seres malfazejos do sexo. As análises dos cordéis comprovam a cristalização dos resíduos mentais, atualizada pelo cordelista.

Percebeu-se que no cordel, as mulheres praticamente ficaram à margem da sociedade, marginalizadas, evidenciando características das sociedades patriarcais. Para o sistema patriarcal, ainda perceptível na contemporaneidade, mediante a desvalorização, simbólica ou não, da mulher, o prestígio masculino e sua identidade são reconhecidos e ainda supervalorizados.

Os folhetos de literatura popular reúnem com excelência o cerne da mentalidade eclesiástica acerca da mulher e sua inferioridade. Através de seus discursos, justificam a misoginia retomando, refazendo e ampliando os discursos de personalidades da história, que no universo do cordel, encontra-se presente através do vocabulário, das associações e da maneira como a mulher é descrita pelo poeta popular.

Centrando-se especificamente nas personagens dessas histórias, foi possível observar como a misoginia está arraigada ao pensamento do cordelista, como *resíduos* da *mentalidade* cristã medieval, os quais se cristalizaram ao longo dos tempos, passados de geração a geração. Ele, ao produzir seu texto, ordinariamente, explicita ou implicitamente, inferioriza e desqualifica a mulher. Fazendo uso de palavras, expressões e associações pornográficas, pejorativas e ambíguas, mostra que a literatura de cordel é um veículo de transmissão de valores que na Idade Média serviu de base para a construção de arquétipos femininos para o imaginário do Nordeste brasileiro. Vale salientar que é restrito o número de mulheres cordelistas na literatura popular em verso e que as mulheres são, em decorrência disso, mostradas, quase exclusivamente sob a perspectiva dos homens. Esse é um dado relevante, que poderia incitar investigações e outras pesquisas cuja abordagem dos textos cairia sobre a representação feminina nos Cordéis escritos por mulheres.

A literatura de cordel nordestina é um exemplo da presença desse conjunto que constitui a *Residualidade*. Relembrando Gilmar de Carvalho, essa literatura “vem daquele fundo de estórias que foram sendo criadas e transmitidas de geração a geração,

num processo de circularidade da cultura”. Graças às hibridações, essas histórias adquiriram novas aparências ao entrar em contato com a cultura do Nordeste.

De acordo com os pressupostos teóricos, os quais sedimentaram as análises e que serviram de base à constatação das hipóteses dessa pesquisa, pôde-se comprovar, a partir do corpus selecionado para a análise, que a Literatura de Cordel retrata, por meio das expressões e marcas próprias da oralidade, o papel que cabe à mulher na sociedade, fazendo uma leitura própria daquilo que foi disseminado por clérigos da igreja. Nos folhetos, foram identificados aspectos da realidade nordestina, em face à cultura e ao povo e, por fim, o vocabulário que revelou, mais do que os aspectos formais da língua, o modo como a mulher é percebida e tratada na sociedade através do discurso: ainda maligna, sedutora e perigosa.

Quando se debate a respeito do caminho do discurso que diz respeito à mulher nas representações sociais do feminino pelo cristianismo e da fala de mulheres que se encontram em situações “destinadas” a elas – casamento, procriação, submissão – confirma-se que há uma herança misógina na vida da mulher presente no cordel, o que naturaliza essas representações.

Através do cordel, esta herança sempre redundava em apontar a mulher como portadora do mal, exigindo-lhe para sua salvação, o sacrifício na vida doméstica, a resignação, a obediência e a submissão ao poder masculino, naturalizando também a culpa feminina e a responsabilidade para a mulher da preservação da vida familiar. Ensinamentos, carregados de significados misóginos, permanecem nessas obras literárias nas quais a religião exerce extrema força, e acabam se situando na vida social enquanto um disseminador de ideias antifeministas e da reprodução dos significados da opressão contra a mulher.

Essas considerações, baseadas na teoria da residualidade, examinaram a influência disseminadora da fisiologia de Aristóteles em alguns dos seus seguidores, os quais se tornaram pilares fundamentais da tradição antifeminista medieval, não só no campo da filosofia religiosa (Santo Anselmo e São Tomás de Aquino), mas também no interessante domínio do conhecimento etimológico, tal qual expresso, de forma ímpar, nas *Etymologiae*, de Santo Isidoro de Sevilha. Assim, o fisiologismo de Aristóteles e o etimologismo de Santo Isidoro de Sevilha, ambos sintonizados em postulados que definiram o antifeminismo tradicional, e essas são duas das muitas ideias fundadoras da convergência de atitudes discriminadoras contra a mulher no pensamento e na cultura do homem ocidental.

As diferenças entre a boa mulher, na perspectiva medieval, e aquela perigosa e transgressora são apontadas pelos cordelistas, sendo perceptível a consciência do autor sobre a dualidade da representação feminina.

No cordel *A mulher de antigamente e a mulher de hoje em dia*, o autor traça um panorama entre as respectivas imagens construídas, desde o medievo à contemporaneidade, apresentando as características e as qualidades e defeitos desta e daquela. O exame da *mulher* de antigamente como modelo ideal, em contraste com o comportamento da *mulher* de hoje em dia, mais ativa e, por isso, ameaçadora da ordem e da moral, tem como fim exibir uma perspectiva de valoração, do ponto de vista patriarcal e conservador.

Como se percebeu durante toda pesquisa, as representações da mulher não escondem a supremacia dos ideais cristãos sobre a boa mulher: a mãe, a rainha do lar, a esposa calada; e sobre a mulher má: a que tenta, a que rebola, a que fala. Representações cristalizadas, pois o cordelista, quando descreve a mulher de hoje, apresenta os problemas sociais e econômicos provocados por ela, atualizando os substratos mentais, oriundos do medievo.

Nos livrinhos *A lenda da Iara ou Os mistérios da Mãe d'água*, *Saiona – a mulher dos olhos de fogo* e *Os mistérios da pedra encantada* ficou perceptível a associação que os poetas fazem entre a mulher e elementos diabólicos, sobretudo, a luxúria e a sedução. Esses cordéis, a título de amostragem, foram escolhidos para evidenciar a presença de *resíduos* luxuriantes e malignos relativos à mulher, ratificando o pensamento misógino medieval de que o motivo da perdição dos homens de bem está na mulher. Neste caso, a residualidade foi detectada a partir de resíduos remanescentes, sobretudo, do medievo, referentes à metamorfose, à luxúria e à sedução, relacionados ao feminino como resultado da hibridação cultural entre Portugal e Brasil no construto de uma imagem negativa, perigosa e maligna da mulher.

Os cordéis que têm como tema as minorias medievais, segundo a concepção cristã – homossexuais, prostitutas, hereges, leprosos e judeus – funcionaram como registro da ‘perseguição’ que algumas dessas categorias ainda sofrem, mesmo que de forma velada, pois a maioria dessas abordagens parte do humor para disseminar esses ideais, como é o caso *d’O casamento do boiolo*. A narrativa *A chegada da prostituta no céu* registra a presença da moral cristã na condenação dessa minoria, bem como a consciência da Igreja acerca da importância desta para o equilíbrio social das cidades, como defendeu Santo Agostinho; ou ainda de maneira vulgar como *Chica bananinha*, a

sapatão barbuda de lá da Paraíba, no qual se percebe a existência de substratos mentais no que se refere à sodomia feminina vista na Idade Média como um pecado menor, em virtude da mulher não ser ativa na prática sexual, se comparada ao mesmo pecado quando cometido por homens.

Como também se encontram minorias medievais nos textos de cordéis, o imaginário popular permanece com inúmeros elementos do medievo. Outro livrinho que comprovou essa afirmação foi o cordel intitulado *A moça que virou cobra* ao servir de exemplo para aqueles que desrespeitam as tradições religiosas, tão fortes no Nordeste.

A função social do cordel também permitiu a abordagem dos leprosos de forma atualizada, fazendo um alerta para os sintomas e a cura dessa doença, uma atualização, pois na Idade Média a hanseníase, conhecida como lepra, tinha sua cura ignorada.

A responsabilidade pelo fim do casamento, a ridicularização do homem e o desrespeito à Igreja e aos preceitos morais e sociais recaem sobre a mulher nas histórias que abordam a traição ou o adultério – *O corno vingativo*, *O paraibano que foi corno cinco vezes*, *A desventura de um corno ganancioso* e *A ganância do chifrado*.

Em *A deusa do cabaré: a miririz orgulhosa*, *Beijo de mulher bonita e carinho de mulher feia*, e *A mulher traiçoeira*, a figura feminina apresentou três concepções convergentes para um único elemento, o corpo. Base nas representações, o corpo da mulher é mostrado como objeto de sedução, meretriz, objeto de desejo, mulher bonita, objeto de repulsa, mulher feia, e objeto de desvio, traidora.

Viu-se que não só os textos, mas os títulos também sugeriam o caráter malévolo e sedutor das mulheres – *A mulher da “coisa” grande*, *“a moça que foi vender o periquito em Piancó”*, *“a mulher que deu tabaco na presença do marido”*, *a mulher que perdeu a bunda no estado da Bahia*. Mesmo quando as narrativas não tinham no enredo uma temática de cunho erótico, ainda assim, os títulos remetiam a contextos ambíguos.

O que se pode perceber durante a elaboração desse trabalho, fazendo jus ao que o seu título propôs, é que o pensamento medieval, em se tratando da mulher, primou-se exclusivamente por uma monolítica postura misógina. Portanto, foi a partir de ultrajantes pronunciamentos medievais de restrição à mulher que *resíduos* culturais se solidificaram e perduraram, sendo encontrados, ainda hoje, em textos literários, literários as representações dessas atitudes.

O resultado da pesquisa acerca da misoginia na literatura de cordel indica a remanescência de resíduos medievais no tocante às atitudes masculinas sobre mulher. O desenvolvimento desse pensamento sexista, cristalizado nas obras do poeta popular, levou em conta aspectos físicos, sociais, culturais, morais e, sobretudo, religiosos. Esses elementos ratificam a misoginia a partir do discurso, do vocabulário e das situações que o cordelista cria para se referir à mulher.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A BÍBLIA SAGRADA. São Paulo: Edições Paulinas, 2005.

ABREU, Maria Zina Gonçalves de. **O Sagrado Feminino: da Pré-história à Idade Média**. Lisboa: Edições Colibri, 2007.

AGOSTINHO, Santo. **A Cidade de Deus**. Tradução de Oscar Paes Leme. São Paulo: Martin Claret, 2004. Coleção a obra prima de cada autor.

_____. **Confissões**. Tradução de J. Oliveira. São Paulo: Martin Claret, 2002. Coleção a obra prima de cada autor.

ANGELIN, Rosângela. “A ‘caça as bruxas’: uma interpretação feminista”. In: **Revista Cons Ciência**. São Paulo. Volume 1, número 7, 2006.

AQUINO, Santo Tomás. **Suma Teológica**. VOL II. São Paulo, Edições Loyola Edição bilíngue. 2002.

ARAÚJO, Emanuel. “A arte da sedução: sexualidade feminina na colônia” In: DEL PRIORE, Mary. **História das Mulheres no Brasil**. 8ª Edição. São Paulo: Contexto, 2006.

_____. **O Teatro dos Vícios**. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1997.

ARISTÓTELES. **Ética a Nicômacos**. Tradução de Mário Gama Kury. 4ªed. Brasília: UNB, 2001.

_____. **Política**. Tradução de Roberto Leal Ferreira. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

AS GRANDES CIVILIZAÇÕES DESAPARECIDAS. Portugal: Edição de Selecções do Reader’s Digest, 1981.

BARROS, Diana Luz Pessoa de; FIORIN, José Luiz (Orgs). **Dialogismo, polifonia, intertextualidade: Em torno de Bakhtin**. São Paulo: Edusp, 1994. (Coleção Ensaios de Cultura).

BARTKY, Sandra Lee. **Femininity and domination: Studies in the Phenomenology of Oppression**, Routledge, 1990.

BATISTA, Sebastião Nunes. **Antologia da literatura de cordel**. São Paulo: Fundação José Augusto, 1997.

BELLO, José Luiz de Paiva. “**O poder da religião na educação da mulher**”. *Pedagogia em Foco*. Rio de Janeiro, 2001. Disponível em: <<http://www.pedagogiaemfoco.pro.br/mulher02.htm>>. Acesso em: 13 de janeiro de 2010.

BLOCH, Howard R. **Misoginia Medieval: e a invenção do amor romântico ocidental**. Tradução de Cláudia Moraes. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995.

BORGES, José Francisco. **O casamento do boiola**. Pernambuco: s/d.

Bosswell, Jonh. **Christianity, Social Tolerance, and Homosexuality (Cristianismo, tolerância social e homossexualidade)**. Oxford, 1980.

BRANDÃO, Adelino. **Crime e castigo no cordel**. Rio de Janeiro: Presença, 1991.

BRANDÃO, Junito de Sousa. **Mitologia Grega**. Vol. I. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1998.

BROWNE, Stanley George. **Lepra na Bíblia: estigma e realidade**. Tradução de Vera Ellert Ochsenhofer. — Viçosa: Ultimato, 2003.

BURKE, Peter. **História e teoria social**. São Paulo: editora UNESP, 2002.

CAMINHA, Pero Vaz de. **Carta de Pero Vaz de Caminha a El rei D. Manuel I sobre o achamento do Brasil**. Coleção A obra prima de cada autor. São Paulo: Martin Claret, 2002.

CAMPOS, Alzira Lobo de Arruda. **Casamento e família em São Paulo Colonial**. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

CANTAVELLA, Rosanna. “Les Donnes medievals es mereixen estudis més acurats i humils”. In: **Revista d’história medieval** publicació editada pelo Departament d’Història Medieval de la universitat de València. 1992.

CARVALHO, Gilmar de. “*Vozes e letras*” in: **Revista Cult**, janeiro de 2002.

CASAGRANDE, Carla. “A mulher sob custódia”. In: DUBY, Georges e PERROT, Michelle. **História das Mulheres no Ocidente**. Volume 2 – A Idade Média. Porto: Edições Afrontamento/São Paulo: Ebradil, 1995.

CASCUDO Luis da Câmara: **Literatura Oral no Brasil**. 3ª ed. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1984.

_____. **Geografia dos mitos brasileiros**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1976.

_____. **Dicionário do folclore brasileiro**. 2. ed. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1963.

_____. **Dicionário do Folclore Brasileiro**. 9ª Ed. Revista, atualizada e ilustrada. São Paulo: Global editora, 2000.

CHEVALIER, Jean e GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de símbolos (mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números)**. Colaboração de André Barbault... [et al]. Tradução de Vera da Costa Silva... [et al]. 19ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2005.

CUNHA, Antônio Geraldo da. **Dicionário etimológico nova fronteira da Língua Portuguesa**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1994.

CURI, Luciano Marcos. “Defender os sãos e consolar os Lázarus: lepra e isolamento no Brasil”. Dissertação de Mestrado defendida na Universidade Federal de Uberlândia e 2002.

DALARUN, Jacques. Olhares de clérigos. In: DUBY, Georges e PERROT, Michelle (dir.). **História das Mulheres no Ocidente**. Volume 2 – A Idade Média. Porto: Edições Afrontamento/São Paulo: Ebradil, 1995.

DEL PRIORE, Mary. “Magia e medicina na colônia: o corpo feminino”. In: DEL PRIORE, Mary. **História das Mulheres no Brasil**. 8ª Edição. São Paulo: Contexto, 2006.

_____. **Ao Sul do Corpo: Condição feminina, maternidades e mentalidades no Brasil Colônia**. Rio de Janeiro, RJ: José Olímpio; Brasília, DF: Edunb, 1993.

DELUMEAU, Jean. **História do medo no Ocidente - 1300-1800**. Tradução de Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

DOMÍNGUEZ, Luis Arturo. **Encuentro con el folklore en Venezuela**. Caracas: Editorial Kapelusz Venezolana, 1990.

DUBY, Georges e PERROT, Michelle. “Escrever a História das Mulheres”. In: DUBY, Georges e PERROT, Michelle (dir.). **História das Mulheres no Ocidente**. Volume 2 – A Idade Média. Porto: Edições Afrontamento/São Paulo: Ebradil, 1995.

DUBY, George. **Damas do século XII**. São Paulo: Companhia das letras, 2001.

_____. **Eva e os Padres**. Lisboa, Editorial Teorema, 1996.

_____. **Heloísa, Isolda e outras damas do século XII**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

_____. **A história continua**. Tradução de Clóvis Marques. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1993.

EURÍPEDES. **Teatro de Eurípedes: Hipólito, Medéia, As troianas**. Tradução direta do grego. Introdução e notas de Mário da Gama Kury. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília: INL, 1997.

FRANCO Júnior, Hilário. **A Idade Média - nascimento do Ocidente**. São Paulo: Brasiliense, 2005.

FREYRE, Gilberto. **Casa Grande e Senzala: Formação da família brasileira sobre sob o regime da economia patriarcal**. 34ª Edição, Rio de Janeiro: Record, 1998.

GASPAR, Maria Dulce. **Garotas de programa – Prostituição em Copacabana e identidade social**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor, 1988.

GOLDELIVIE, Maria. **A ganância do chifrudo**. Fortaleza: 2004.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

_____. **Fragmentos da la Memoria Coletctiva**. Seleção e tradução de Miguel Angel Aguilar. (texto em espanhol). Universidad Autónoma Meropolitana- Iztapalapa. Licenciatura em Psicologia Social. Publicado originalmente em Revista de Cultura Psicológica, Año 1, Número 1, México: UNAM- Facultad de psicología, 1991.

HILL, Jonathan. **História do Cristianismo**. Tradução de Rachel Kopit Cunha, Juliana A. Saad e Marcos Capano. São Paulo: Edições Rosari, 2008.

HOLANDA, Aurélio Buarque de. **Novo Aurélio séc. XXI: o dicionário da Língua Portuguesa**. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

HOMERO. **ODISSÉIA**; Tradução de Odorico Mendes; Org. Antonio Medina Rodrigues; Prefácio de Haroldo de Campos. São Paulo: Ars Poética / EDUSP, 2000.

KLAPISCH-ZUBER, Christiane. “As normas do controle”. In: Georges Duby e Michelle Perrot. **História das mulheres: Idade Média**. Porto: Edições Afrontamento, 1990.

_____. “Masculino/feminino”. In: LE GOFF, Jacques e SCHMITT, Jean-Claude. **Dicionário Temático do Ocidente Medieval II**. Tradução de Eliane Magnani. São Paulo: EDUSC/ Imprensa Oficial do Estado, 2002.

KRAMER, Heinrich e SPRENGER, James. **O Martelo das Feiticeiras – Malleus Maleficarum**. Tradução de Paulo Fróes. Rio de Janeiro: Editora Rosa dos Ventos, 1991.

LE GOFF, Jacques e TRUONG, Nicolas. **Uma história do corpo na Idade Média**. Tradução de Marcos Flamínio Peres. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

_____. **A civilização do ocidente medieval**. Lisboa: Estampa, 1983.

_____. **História e Memória**. Tradução de Bernardo Leitão [et al.]. 5ª ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.

_____. **O Maravilhoso e o Cotidiano no Ocidente Medieval**. Tradução de José Antonio Pinto Ribeiro. Lisboa: Edições 70, 1985.

LEAL, José Carlos. **A maldição da mulher**. Rio de Janeiro: Achiamé, 1995.

LEÃO, Ângela Vaz. **Cantigas de Santa Maria de Afonso X, o sábio – aspectos culturais e literários**. São Paulo: Linear B; Belo Horizonte: Veredas e Cenários, 2007.

LEITE, José Costa. **Beijo de mulher bonita e carinho de mulher feia**. Recife. S.d.

_____. **A moça que foi vender o periquito em Piancó**. Recife: Editora Coqueiro. S/d.

_____. **A mulher da “coisa” grande**. Pernambuco: Editora Coqueiro. s/d.

_____. **A mulher que perdeu a bunda no estado da Bahia**. Recife: Editora Coqueiro. s/d.

_____. **Hoje em toda parte tem corno, bicha e sapatão**. Condado: Editora Coqueiro, s/d.

_____. **Mulher doida, moça quente, corno, bicha e sapatão**. Condado: Editora Coqueiro, s/d.

LINS, Ivan. **A Idade Média – A cavalaria e as cruzadas**. Rio de Janeiro: Coeditora Brasília (cooperativa), 1993.

LITERATURA POPULAR EM VERSOS: ESTUDOS. TOMO I. Rio de Janeiro: MEC/Fundação Casa Rui Barbosa, 1973.

LOI, Isidoro. **A mulher**. Tradução Julio E. Emöd. São Paulo: Editora Jabuti, 1988.

LOUREIRO, João de Jesus Paes. **Cultura Amazônica: uma poesia do imaginário**. 1ª Ed. Rio de Janeiro: Escrituras, 2001.

MACEDO, José Rivair. **A mulher na idade Média**. São Paulo: Contexto, 2002.

MARTINS, Elizabeth Dias. “Sanção e metamorfose no cordel nordestino”. In: XIX Encontro Brasileiro de Professores de Literatura Portuguesa, 2003. *Anais* Curitiba, 2003, p. 304-311.

_____. “O caráter afrobrasílico, residual e medieval no Auto da Compadecida”. In: IV Encontro Internacional de Estudos Medievais, 2003, Belo Horizonte. *Anais do IV Encontro Internacional de Estudos Medievais*. Belo Horizonte : PUC-Minas, 200, p. 517-522.

MEDEIROS, Elinaldo Gomes de. Boquinha de Mel. **O Corno é cultura popular**. Natal, 2007.

MONTEIRO, Manoel. **A mulher de antigamente e a mulher de hoje em dia**. Campina Grande: Gráfica Martins, 2006.

MURARO, Rose Marie. **A mulher no terceiro milênio**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1993.

MOREIRA, Rubenita Alves. “Reflexões sobre a residualidade. Entrevista com Roberto Pontes”. Comunicação apresentada na jornada literária “A residualidade ao alcance de todos”. Departamento de Literatura da Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, julho de 2006.

NASCIMENTO, Vanecir Santos do. **Iniciação sexual na zona rural**. Natal: Chico Editora, 2008.

NAWARA, K. Gay. **Chica Bananinha, a sapatão barbuda de lá da Paraíba**. Rio de Janeiro, 1984.

NOGUEIRA, Carlos Roberto Figueiredo. **Bruxaria e história: as práticas mágica no Ocidente cristão**. São Paulo: EDUSC, 2004.

NONATO, Raimundo. **Calepino potiguar: gíria norte-riograndense**. Mossoró: Fundação Guimarães Duque, 1980.

NUNES, Sílvia Alexim, **O corpo do diabo entre a cruz e a caldeirinha**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

OLIVEIRA, Julie Ane e GERALDO, Evaristo. **O mistério da pedra encantada**. Fortaleza: Tupynanquim Editora, 2008.

OPTIZ, Claudia. “O cotidiano da mulher no final da Idade Média”. In: **História das Mulheres no Ocidente**. Porto: Ed. Afrontamento Ltda, 1990.

PERROT, Michelle. **Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros**. 3 ed. Rio de Janeiro: Editora Rosa dos Tempos, 1998.

PILOSU, Mário. **A mulher, a luxúria e a Igreja na Idade Média**. Tradução de Maria Dolores Figueira. Portugal: Editorial Estampa, 1995.

PLATÃO. **A República**. Tradução de Eleazar Magalhães. Fortaleza: Edições UFC, 1986.

_____. **Apologia de Sócrates**. Tradução de Maria Lacerda de Souza. Obra de domínio público. Disponível em <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/cv000065.pdf>>. Acesso em: 13 de Janeiro de 2010.

_____. **Leis**. Tradução de B. Jowett. Disponível em <<http://www.gutenberg.org/files/1750/1750.txt>> Acesso em 19 de Janeiro de 2010.

_____. **Timaeus**. Tradução de B. Jowett. Disponível em <<http://classics.mit.edu/Plato/timaeus.html>> acesso em 15 de Janeiro de 2010.

PONTES, Maria das Neves de; MELLER, Vilson Brunel. **Dicionário linguístico-literário de termos regionais/populares** (Norte/Nordeste). João Pessoa: Ideia, 2003.

PONTES, Roberto. “Lindes disciplinares da teoria da residualidade”.

_____. **Poesia Insubmissa Afrobrasilusa**. Rio de Janeiro – Fortaleza. Oficina do Autor- EUFC, 1999.

_____. “Residualidade e mentalidade trovadorescas no romance de Clara Menina”. In: III Encontro Internacional de Estudos Medievais da Associação Brasileira

de Estudos Medievais – ABREM, 2001, Rio de Janeiro. Atas do III Encontro Internacional de Estudos Medievais. Rio de Janeiro : Ágora da Ilha, 1999. p. 513-516.

_____. “Três modos de tratar a memória coletiva nacional”. In: *Literatura e Memória Cultural – ANAIS do 2º Congresso da Associação Brasileira de Literatura Comparada vol. II*. Belo Horizonte, 1991.

PONTUAL, José Pedro. **Uma mulher traíçoira**. Editor: Edson Pinto da Silva. s.d.

RAMOS, Francisco Régis Lopes Ramos. **O verbo encantado – A construção do Pe. Cícero no imaginário dos devotos**. Ijuí: Editora Unijuí, 1998.

RIBEIRO, Darcy. **O Povo Brasileiro: A formação e o sentido do Brasil**. São Paulo, Companhia das Letras, 1995.

RICHARDS, Jeffrey. **Sexo, desvio e danação: as minorias da Idade Média**. Tradução: Marco Antônio Esteves da Rocha e Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1993.

RINARÉ, Rouxinol do. **Saiona – a mulher dos olhos de fogo**. Fortaleza: Tupynanquim Editora, 2005.

RONALD, Raminelli. “Eva Tupinambá” In: DEL PRIORE, Mary. **História das Mulheres no Brasil**. 8ª Edição. São Paulo: Contexto, 2006.

ROSSIAUD, Jacques. **A Prostituição na Idade Média**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

ROUSSEAU, J.J. 1969. **Émile ou de l'éducation**. v.V. Edição de 1782. Disponível em http://fr.wikisource.org/wiki/%C3%89mile,_ou_De_1%E2%80%99%C3%A9ducation/%C3%89dition_1782/Livre_IV Acesso dia 24 de maio.

SANTOS, Luiz Felipe. “**A Mulher como representação do Bem e do Mal n’ A Demanda do Santo Graal e n’A Divina Comédia**”. Dissertação (Mestrado em Literatura Portuguesa) – Faculdade de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2007.

SCHOTT, Robin May. **Eros e os processos cognitivos: uma crítica da objetividade em filosofia**. Tradução Nathanael C. Caixeiro. Rio de Janeiro: Editora Rosa dos Ventos, 1996.

SICURETI, Roberto. **Lilith, a lua negra**. São Paulo: Paz e Terra, 1990.

SILVA, Evaristo Geraldo. **A lenda da Iara ou Os mistérios da mãe d'água**. Fortaleza: Tupynanquim Editora, 2005.

SILVA, Gonçalo Ferreira da. **A mulher que deu o tabaco na presença do marido**. Rio de Janeiro: ABLIC, 2006.

SILVA, João José da. **A moça que virou cobra**. Recife: do autor, s/d.

SILVA, João Severo. **A deusa do cabaré: a meritriz orgulhosa**. João Pessoa, 1985.

SOUZA, Laura de Mello. “Em torno de um mito: a elipse do sabá”. Racional ou sobrenatural? Um caso de bruxaria. **Revista Humanidades**. Vol. 9 N° 1. Brasília: Editora UNB, 1994.

SOUZA, Laura de Mello. **O diabo e a Terra de Santa de Santa Cruz – Feitiçaria e religiosidade popular no Brasil colonial**. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

TENÓRIO-PONTES, Walter. **Machismo na literatura de cordel**. Lisboa: edições Rolim, s/d.

VAINFAS, Ronaldo. “Homoerotismo feminino e o Santo Ofício” In: PRIORE Del, Mary. **História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Editora Contexto, 2006.

VAINFAS, Ronaldo. **Casamento, amor e desejo no Ocidente cristão**. São Paulo: Ática, 1986.

VIANA, Arievaldo. **A história da rainha Esther**. Fortaleza: Tupynanquim editora, 2004.

VILAR, Antonio Cristóvão de Queiroz. **Hanseníase no cordel**. Disponível em: <http://www.morhan.org.br/cordel.html>. Acessado em 18 de março de 2010.

WILLIAMS, Raymond. **Marxismo e Literatura**. Tradução de Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Zahar editora, 1979.

YVES, d'Évreux. **Voyage dans le Nord Du Brésil**. Librairie A. Frank. 1864.

SITES CONSULTADOS

<http://centros.uv.es/web/departamentos/D210/data/informacion/E125/PDF77.pdf>.

Acesso dia 2 de fevereiro de 2010.

http://www.vatican.va/holy_father/leo_xiii/encyclicals/documents/hf_l-xiii_enc_15051891_rerum-novarum_po.html. Acesso dia 8 de novembro de 2009.

ANEXOS

Cordéis

- ✓ A mulher de antigamente e a mulher de hoje em dia
- ✓ A lenda Ada Iara ou Os mistérios da mãe d'água
- ✓ Saiona – a mulher dos olhos de fogo
- ✓ O mistério da pedra encantada
- ✓ Iniciação sexual na zona rural
- ✓ O casamento do boiola
- ✓ Chica Bananinha, a sapatão barbuda de lá da Paraíba
- ✓ A chegada da prostituta no céu
- ✓ Hanseníase no cordel
- ✓ A história da rainha Esther
- ✓ A moça que virou cobra
- ✓ A desventura de um corno ganancioso
- ✓ O corno vingativo
- ✓ O paraibano que foi corno cinco vezes
- ✓ A ganância do chifrudo
- ✓ Uma mulher traiçoeira
- ✓ Deuza do cabaré: a meritriz orgulhosa
- ✓ Beijo de mulher bonita e carinho de mulher feia
- ✓ A mulher da coisa grande
- ✓ A moça que foi vender o periquito em Piancó
- ✓ A mulher que deu tabaco na presença do marido
- ✓ A mulher que perdeu a bunda no Estado da Bahia